3 1761 07044956 6

814C

CAMÕES

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO

Sobre um Drama francez

DOS SENHORES

VICTOR PERROT, E ARMAND DU MESNIL

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

2.ª Edição

Copiosamente accrescentada nas notas

TOMO III

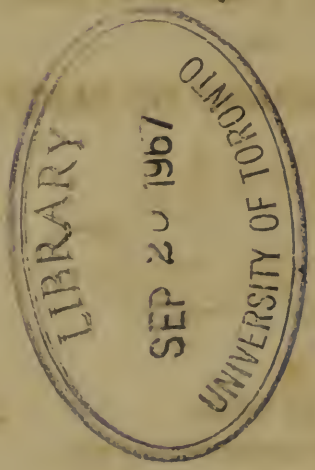
LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1863

PQ
9261
C34C3
1863
t.3



NOTAS

PARA SE LEREM

CASTILHOS

(Tomo 1 pag. 48 — linha 20 — *O meu Chronista Mor Antonio de Castilho, bom dezembargador em causas de poesia.*)

A nota, que sob este titulo, e com essa referencia, appareceu na primeira edição do presente livro, levou, por falta dos materiaes indispensaveis, algumas inexacções involuntarias e ligeiras. Nesta segunda edição vou por ordem de meu Pae e com venia sua, procurar corrigil-as, apresentando tão claro e explicito quanto agora puder, e ainda assim não tanto quanto o seria se dispozesse de mais tempo, um summario biographico e bibliographico do homem verdadeiramente illustre a quem El-Rei alludia nas palavras transcritas supra. A proposito d'elle esboçarei alguns apontamentos acerca da subsequente historia litteraria da sua familia. Se é vangloria, é a mais desculpavel e innocente das vanglorias.

Principiaremos porém, para maior rigor na chronologia, pelo glorioso progenitor do Doutor Antonio de Castilho, pelo sabio architecto do cruzeiro de Santa Maria de Belem, do mosteiro de Thomar, e de tantos outros edificios admiraveis.

I

Linha de João de Castilho — Sua vida, suas obras, sua descendencia.

1 João de Castilho

(Chamado pelas Chronicas — O Velho)

Reservo para outra occasião dar ainda mais por extenso as minhas indagações acerca d'este notavel artista, hoje quasi de todo em todo esquecido, como tantos outros, até na circumscripção da historia da arte. Limitar-me-hei aqui aos topicos principaes, até porque a architectura, dominio seu, viria alheia ao nosso ponto.

Acerca do logar do seu nascimento, como acerca da sua filiação, baste aqui saber-se que elle era da provincia das Asturias, e da risonha e maritima villa de Santander nas montanhas de Burgos, Asturias de Santilhana. Fica esta villa á beira do mar nas faldas do declivio de Trasmiera; chamam Trasmiera a contra-costa ou parte setentrional da montanha em que demora nas Asturias a villa de Mier no valle de Peña Mellera, por onde passa o rio Esla.

Era João de Castilho primogenito de Diogo Sanches del Castillo, filho segundo da velha casa asturiana d'esse appellido. Do primitivo tronco hespanhol, cujas vergonteas tanto frutificaram em Castella e em Portugal, não nos podemos occupar aqui.

Conjectura o sr. Conde Raczynski no seu *Dictionaire historico-artistique du Portugal,* não sei com que fundamento, que a data do nascimento de Castilho devia orçar pelos annos de 1490, fins do reinado d'El-Rei D. João II.

A sua educação, não posso rastrear qual nem onde fosse feita. Comprazo-me em vel-o errar á solta nas cercanias da sua montanha, criando-se com as tradições dos seus maiores, e aprendendo a venerar e honrar a memoria illustre de seu quinto avô, o mais antigo de que ha noticia, o patriarcha da familia, o valente alferes do Infante D. Pedro de Castella na batalha do Salado, a 28 de Outubro de 1340.

Todos os autores são concordes em que João de Castilho veiu a expatriar-se, mas não nas causas d'essa expatriação. Diz o ms. c—1—20 da Bibliotheca de Lisboa, que, morta sua mãe (provavelmente Messia de Meyra da casa de Ribalcava) Diogo Sanches del Castillo seu marido, e pae d'este de quem vimos tratando, concebeu d'isso tanta magoa, que por furtar-se ao mundo, e acabar sósinho com suas penas em algum canto, em algum ermo apartado, se voltára todo para o ceo, e se fizera clerigo, chegando a Abbade de Ilherganes. Ficou João de Castilho algum tempo em casa de sua irmã D. Izabel, casada com João do Redondo, do Valle de Ruesga, e só d'ahi saiu *por um desastre.* Tal é a frase que emprega o manuscrito. Outros porém confessam ignorar-se inteiramente a causa d'esta saida voluntaria de um membro de casa tão illustre. *Por um desastre* pres-

ta-se a tantas interpretações! *desastre* devia ser com effeito, ou, quando menos, força grande; e quem sabe mesmo se indigencia não foi, e necessidade de tentar fortuna, que a sua casa lhe não podia dar!

Do solar natal foi Castilho ter á Galliza; de lá passou a Napoles, onde peregrinou largos annos, e ahi batalhou em guerras que infestavam por então aquelle paiz.

Como artista, nem sequer o baptismo da arte italiana lhe faltou. Foi na Italia em plena Renascença artistica, e á boa sombra de tão grandes nomes como os de Julio II e Leão X, na Italia, entre a brilhante pleiade dos tão insignes talentos que elle talvez conheceu e tratou, que João de Castilho se imbuiu nos principios da grande arte da fortificação e architectura. A julgarmol-o pelas obras que deixou, podemos ter ao mestre por um grande e imaginoso artista. Demais, a sua vida revôlta, o misterioso da sua fugida da casa de Burgos, o seu saber incontestado, a sua descendencia, tudo isso o torna aos olhos do historiador um estudo multiplice, sympathico, e attractivo.

Ainda em tempos d'El-Rei D. Manuel, e não já nos d'El-Rei D. João III, como falsamente escreveram alguns, se trasladou a Portugal o nosso forasteiro; e com elle, e pobre como elle, veiu tambem um seu irmão germano, por nome Diogo de Castilho, a buscar fortuna. Acerca da vinda d'este Diogo de Castilho, querem alguns, parece-me que com mais visos de probabilidade, que não che-

gasse em companhia de seu meio irmão, antes viesse da Montanha, onde vivia pobremente, acolher-se a casa do outro já estabelecido em Portugal; era tambem architecto, ou *pedreiro*, como diziam nesse tempo; e *se foi* (diz um manuscrito pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa— c. 2—6) *grande tratista* (ou artista) *foi pelo que o irmão lhe ensinou.*

Entrassem ou não entrassem juntos em Portugal, o que dizem alguns nobiliarios é que a obra pela qual se estrearam neste reino foi a abobada de baixo do côro da Sé de Vizeu.

Depois d'isso separaram-se: Diogo de Castilho foi para as bandas de Coimbra, ahi casou, ahi se estabeleceu, e ahi ficou, deixando, segundo logo veremos, descendencia que ainda hoje se conserva; foi João de Castilho successivamente empregado em obras do seu mister por El-Rei D. Manuel e El-Rei D. João III.

Em 1519 e 1520 damos com elle no mosteiro de Alcobaça, encarregado de arranjos no andar superior do claustro de D. Diniz, na sachristia, e na casa para os livros. Na ordem Real que lhe commetteu a direcção d'esses trabalhos, diz o sr. Conde Raczynski que já tem o titulo de Mestre das obras reaes, e cita da Torre do Tombo o *Corpo Chron. part. I maço* 24—*doc.* 4 *e* 101.

No manuscrito *Memorias para nobiliario* todo escrito do punho de Damião de Goes, e existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, encontrei menção de um mandado para Fernão da Luz (se o soube ler) thesoureiro do reino e escrivão da

camara, para se pagarem a João de Castilho mestre das obras cem mil réis, em prestação do pago que havia de haver dos trabalhos dos conventos de Thomar e Alcobaça, em data de 11 de Outubro de 1521.—E tambem se faz menção de outro mandado alludindo ao *fazimento* da obra da Casa do Capitulo do convento de Thomar, que o dito Castilho tinha de empreitada e se obrigára a fazer em dois annos, desde 1521 até 1523, pelo preço de cinco contos e duzentos mil réis.

Entremos agora no interessante capitulo do casamento de João de Castilho; e antes de mais nada, transportemo-nos ao norte de Portugal, á Provincia de Traz-os-montes, e nella á Villa de Freixo de Espada á Cinta hoje no Districto de Bragança.

É o Freixo uma villa antiga e nobre, assentada perto de Hespanha, á sombra do seu caduco e arrogante castello de tres torres, levantado na collina verde pela mão povoadora do Senhor D. Diniz.

Ahi se acoitava por aquellas eras um nobre das Asturias foragido por questões intricadas da politica revoltosa e obscura que trabalhára a Castella nos fins do seculo XV. Seu nome, Garcia Hernandes de Quintanilla. Achara-se implicado nas alterações d'aquella liga chamada *Santa-Hermandad,* cujo espirito quasi democratico se oppunha com religiosa hombridade á prepotencia dos senhores, e á tyrania dos fidalgos partidarios da triste Beltraneja. O Duque de Villa-Hermosa, e annos depois, em consequencia da nova bulla

pontificia, o celebre e tão calumniado Prior de Santa Cruz D. Thomaz de Torquemada, são os dois nomes que fulguram á luz das tochas da sua zeloza e exaltada piedade no frontão d'aquella instituição regeneradora.

Era Garcia Hernandes de Quintanilla sujeito mui principal, e qualificado em sua terra; parente estreito do castelhano D. Alonzo de Quintanilla, que fôra *Contador mayor*, ou Thesoureiro mór da confederação das cidades de Castella, e com cujo alto favor e valimento lográra o Colombo os navios que mendigava de D. Fernando e D. Izabel em troca do novo mundo, que por entre a febre que o devorava lhe andava pulando na mente. O filho d'esse D. Alonzo foi depois implicado tambem nas *communidades*, e fugiu, e esteve homiziado em casa do seu parente em Freixo de Espada á Cinta. D'este parentesco nasceu confundirem alguns autores Garcia com Alonzo, que não me consta tivesse vindo a Portugal.

Casára Garcia Fernandes de Quintanilla na nossa terra, com uma portugueza do Freixo, Fulana de Varejão; teve d'ella uma filha D. Maria de Quintanilha, ou D. Maria Fernandes de Quintanilha, segundo outros. A que familia do Freixo pertencesse a mulher do velho Garcia, nem sequer conjectural-o me é dado. Mas limito-me em notar de passagem, e como coincidencia talvez sem valor, ser oriundo da mesma terra o conhecido Padre João Francisco de Varejão, da Companhia de Jesus, e martyr no Japão. Creio além d'isto, guiando-me pelo que no logar competente

diz o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia*, que é a familia Varejão uma das nobres da Villa do Freixo.

Em alguma das suas excursões ao norte acertaria João de Castilho em conhecer a formosa filha do Asturiano, que formosa devia ser quem assim levou os olhos do ardente mancebo, cuja mente impetuosa e creadora devia de andar sempre á cata de maravilhas. Conhecel-a e amal-a foi tudo o mesmo; os artistas e poetas são assim.

Ao velho Garcia prouve sobremodo um casamento, que lhe ligava um homem distincto, já duas vezes parente seu: como hespanhol, e como desterrado. Deu a João de Castilho toda a sua fazenda como dote, e começou a querer bem ao seu ermo do Freixo.

Era aquelle um grave ancião, sincero montanhez das serras das Asturias, oriundo de Pamanes da junta de Cudéo, homem gasalhador e cortez, e cujo lar, por ser a casa tão á beira de Hespanha, não crepitava nunca desacompanhado, senão que se alegrava sempre no trato e pratica dos conterraneos e patricios. Elle dava-lhes as suas saudades, e a sua hospitaleira franqueza; elles traziam-lhe o seu affecto, lembranças e noticias da revoltosa Castella; e nesses cordeaes apertos de mão muita vez se recobraria o animo ao pobre foragido, com o que quer que fosse dos patrios ares.

Prolifica foi esta união, como logo se verá. Tornemo-nos agora ao artista.

Ao genio de João de Castilho se deve grande

parte da fabrica do admiravel convento dos Jeronymos, fundado além na velha praia historica do Rastello, e padrão de uma das nossas glorias nacionaes, erguido pela mão possante do Senhor D. Manuel; bem como alguma coisa se lhe deve tambem na reedificação de Santa Maria da Victoria.

«Belem—diz o grande livro *Les arts en Por-*«*tugal*—representa ao vivo e em concreto o Por-«tugal cahotico, impaciente, colonisador; a Bata-«lha respira o antigo Portugal, o Portugal inde-«pendente, e senhor da paz tranquilla e estavel.»

Em Abril de 1500 se começou a traça do mosteiro de Belem; e não obstante, vinte e um annos depois, ficava apenas em principio, quando falleceu o fundador; deixou este bem recommendado ao successor o seu mosteiro nascente, que foi logo crescendo a olhos visto ao bafo creador da piedade do Senhor D. João III.

Dividiram-se as obras, e entregaram-se a varias mãos. O alto cruzeiro, que ainda hoje espanta pelas magnificas proporções da sua abobada artezoada, foi commettido ao laborioso e eminente Castilho, que á conta da sua muita mocidade mal podia a esse tempo, segundo o sr. Conde Raczynski, ser ainda o que o sr. Varnhagen lhe chama: *o architecto d'El-Rei D. Manuel*, nem tambem *devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras*, e menos ainda ser *d'ellas o principal engenheiro*. Afastando-me um pouco, mas com o

devido perdão, da opinião de s. ex.ª, um dos luminares da politica e da litteratura brazileira, combato tambem a opinião de Barbosa Machado.

Existe na Torre do Tombo um alvará de 23 de Setembro de 1522, pelo qual El-Rei D. João III manda a Pero Lopes pagar mil cruzados a João de Castilho por conta da empreitada com elle *novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja* (de Santa Maria de Belem)—*(Corpo Chron. part. I maço* 28—*doc.* 90)

«Este documento unico—são agora palavras do «sr. Varnhagen—destroe de todo uma anecdo-«ta que o autor do *Anno Historico* refere como «passada com El-Rei D. Manuel; se bem que ti-«nhamos sufficiente motivo para desconfiar da «sua veracidade á vista do conto analogo com seus «visos de maravilhoso attribuido já anteriormen-«te ao fundador da Batalha por Fr. Luiz de Sou-«za; asseverando que quando El-Rei D. João I «mandou decimbrar e tirar fora as cambotas da «admiravel Casa do Capitulo d'aquelle mosteiro, «temendo sacrificar a gente que em tal mister «empregasse no caso de desabar tudo, mandára «vir para isso criminosos, que então saldariam «seus crimes, sepultos em entulhos de madeiras, «pedras e caliça. Não foi pois El-Rei D. Manuel «nem o architecto que se diz—accrescenta o já citado eruditissimo investigador—quem fabricou «a abobada do cruzeiro de Belem, e por isso taxâ-«mos de falso o que a tal respeito conta o Padre «Francisco de Santa Maria, facto que de certo

«não fôra de importancia tão mesquinha, para «que por esquecimento deixasse de ser relatado «por varios chronistas antigos, coevos alguns. Si- «guença até diz que El-Rei D. João III foi quem «cerrou o cruzeiro. Nem faça duvida no citado «Alvará o adverbio *novamente*, o qual parecendo «como indicar *de novo*, poderia a alguem dar a «entender que já antes houvera outra construc- «ção, que por ter caido se precisava fazer de no- «vo. Quem assim discorrer por certo que não es- «tará familiarisado com o verdadeiro sentido que «em quasi todos os escritos d'aquella epoca se li- «ga ao adverbio *novamente* que significa *de novo*, «sim, mas em referencia não a um tempo passa- «do, vago, e indefinido, porém ao tempo em que «se está, e quer como dizer modernamente, de «mui pouco tempo a esta parte.» etc.

A 4 de Julho ou Junho (segundo o sr. Conde Raczynski) de 1528 foi João de Castilho nomeado mestre das obras da Batalha, logar vago por morte de Matheus Fernandes (filho) *(Liv. XIV da Chancellaria d'El-Rei D. João III*—fol. 138.)

Oiçamos outra vez o Sr. Varnhagen:

«Tratava-se—diz elle—de proseguir nos traba- «lhos das capellas imperfeitas destinadas ao ja- «zigo d'El-Rei D. Duarte, que fôra d'ellas princi- «piador, e ao de seus successores D. Affonso V, e «D. João II, do Principe D. Affonso, e d'El-Rei D. «Manuel, antes de se decidir por Belem, como se «vê do proprio testamento d'este ultimo Rei, com- «binado com a interpretação das divisas que nel-

«las se acham. Castilho não era genio que se po-
«desse moldar nas formas existentes para con-
«cluir o que fôra já concebido e até mais de meio
«posto em execução. Porém nas ultimas obras da
«Batalha esta sua intolerancia não lhe dá honra,
«e tudo quanto ahi fez ou pelo menos dirigiu,
«deverá ser desmanchado, quando algum dia
«houver neste paiz quem tenha a elevada lem-
«brança de completar o pensamento de tantos
«monarchas distinctos. Levantou dois grossos pi-
«lares cilindricos e estriados, e uniu-os por um
«arco abatido, deixando por baixo d'este uma tri-
«buna de balaustres *renascidos*, sem harmonia
«com o mais que lhe fica visinho. E, infelizmente
«para a sua memoria, ficou lavrado a um canto
«da dita tribuna em uma cabeça de ornato o
«anno de 1533, epoca em que já ali tinham che-
«gado as suas obras de improprio desenho co-
«meçadas nos annos anteriores. Seus foram tam-
«bem os quatro arcobotantes de arco inteiro en-
«costados aos pegões da capella mór, com impos-
«tas de capiteis corinthios. Do mesmo Castilho é
«sem duvida uma casa particular, que fica de-
«fronte da porta do sul do convento, com duas
«janellas; uma por cima da porta com a simpli-
«cidade da restauração, e outra maior de dois
«arcos abatidos, copiosa em arabescos, sobresain-
«do em baixo de cada uma seu busto de meio
«relevo, tudo no gosto de Belem.» etc.

Lancemos agora uma vista a correr pela Eu-
ropa d'esse tempo:

No mundo das artes entretanto porfiavam-se os combates da *Renascença*, depois da queda do Imperio de Constantinopla. Entre a arte christã, e a arte pagã rejuvenescida travara-se uma luta acirrada e renitente. Na architectura pleiteavam por um lado, como é sabido, as tradições architecturaes dos primitivos monumentos da christandade, os quaes tinham abafado e derrubado depois da queda de Roma os templos do polytheismo; pleiteavam por outro as severas architecturas pagãs, desenterradas á voz das revoluções.

Que pleito! era uma luta de morte.

A uma banda o classicismo levantava a cabeça austera d'entre as ruinas eloquentes do Parthenon e do templo da Paz, esses mesmos edificios sobre cujos transumptos se tinham engenhado, tão outras no donaire e no pensamento, as primeiras basilicas da Christandade, e as graves e formosas cathedraes da edade média. Mas por outra parte, surriam francas e affoitas as architecturas bysantinas, romances, e gothicas, carregadas de brasões e arabescos; respiravam Christianismo, Evangelho, crença, floridas, arrendadas, trajadas quasi á oriental; materialisavam, se me é permittida esta prosaica e pezadissima expressão, e tornavam concreto ao animo do povo o espirito religiòso; e idealisavam, divinisando-os, os brutescos, os apostolos de pedra, os cavalleiros brancos, as scismadoras janellas ogivaes das suas arcarias.

O classicismo antigo vira-se desthronado, e acor-

dava agora, reivindicando fóros e logar; a architectura christã reagia meiga e risonha, respondendo só com os seus claustros serenos, e com a sua serena e fantasiosa poesia de pedra.

Ha não sei que desconhecido encanto nessas taes architecturas brincadas, ardentes, devotamente imaginosas.

Aquelles santos, aquelles botareos carregados de bestiães e arrendados, aquella camaradagem innocente dos ermitães com as pombas e com os heroes fundadores, das insignias heraldicas com os arabescos, das cottas de malha com as gárgulas e mísulas mais extravagantes, têem á luz do luar o que quer que seja de commovente e fraternal, que diz bem na frontaria dos mosteiros com o espirito religioso do sacrario do templo.

Sim; mas o classico! a velha Roma! a cidade dos Cesares! a rainha do mundo!

Castilho appareceu no meio d'essas lutas da *Renascença*, não sabendo realmente se havia de tomar voto pelo classico pagão, se pelo christão moderno.

Fôra partidario decidido e enthusiasta das architecturas estreadas, porque assim o digamos, pelo Christianismo; mas quem sabe se da sua viagem á Italia, á Italia classica do Imperio, que então parecia acordar ufana de dentro do manto christão que a rebuçára, quem sabe, repito, se d'essa viagem não trouxe elle o germen das opiniões reformadoras! «As portas excrescentes de «pedra d'Anç̃a da Sé velha (de Coimbra) diz o sr. Varnhagen, «os bustos em medalhões, os arabes-

«cos ao divino, os nichos de concha, os balaustres,
«os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arre-
«medo das renascentes ordens dorica e corinthia,
«como tudo ahi se vê, não pódem deixar de ser
«obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas
«de Vitruvio; o mesmo podemos dizer do claustro
«do reedificado mosteiro de Santa Cruz.»

A indole artistica do mestre participa em diversas de suas obras, e nos varios periodos da sua vida, do influxo da *Renascença*, da duvida e oscilação entre uma e outra escola.

O estudo d'este assumpto, e a demonstração d'estas asserções, que me parecem verdadeiras, levar-nos-hiam longe; é forçoso restringir-me ao que fica dito, tornando-nos á biographia do artista.

Em 1540 e 1542 encontrâmol-o em Mazagão, dirigindo e edificando a admiravel praça militar.

Na torre de Tombo *(Corpo Chron. part. I maço* 71—*doc.* 52*)* existe uma carta em que João de Castilho, dirigindo-se a El-Rei, affirma ser o forte de Mazagão um dos mais valentes e melhores de todas Hespanhas, capaz de contrastar poderio de moiros, por mais que elles fossem.

Consta-me que na villa de Alcoentre existe ou existia, fundado por um Governador, ou não sei por quem de volta de Mazagão, uma cidadella, ou fortaleza, representando em ponto pequeno a dita alcaçova d'aquella cidade. Procurei rapidamente essa curiosidade, uma vez, que de jornada para Leiria poisei naquella villa; mas quer fosse porque já lá não existia, quer fosse porque

eu não interroguei os habitantes do logar, nada achei; laboro na mesma incerteza e duvida.

No livro 34 da *Chancellaria d'El-Rei D. João III* fol. 2. se encontra uma quitação geral passada a João de Castilho até ao anno de 1541, por todos os seus trabalhos durando o reinado passado e o corrente; mencionam-se ahi: o mosteiro de Belem; os palacios da beira mar; varandas, escadaria, capella e aposentos da Rainha viuva D. Caterina; capella do mosteiro de S. Francisco de Lisboa; uma varanda em Santos, e outros trabalhos de menor jaez; portal, janellas, balaustrada no poço; diques na Ribeira para pôr a secco as naus da India; as obras de Thomar: a saber: o côro e o arco grande do templo, a casa do Capitulo, o portal da entrada, as cameras da Rainha; outras coisas insignificantes na mesma villa; e finalmente as suas obras de Alcobaça e da Batalha, etc., etc., etc.

Na Torre do Tombo existe tambem uma carta acerca das obras de Thomar, cuja data não posso verificar, mas creio dever ser a de 1551. Além d'isso varios titulos de pensões e tenças, e entre ellas a de seis moios de trigo ao Mestre das Obras do convento de Thomar por Mercê de 27 de Agosto de 1552, e não 1525, me parece, como se escreveu. Tudo se encontra nos livros de *Chancellaria dos Senhores D. João III e D. Sebastião.*

Estabeleceu-se em Thomar o nosso João de Castilho, e ahi permaneceu bastante tempo gozando da grande reputação que lhe grangearam as suas obras na mesma villa; obras que foram tanto do

agrado d'El-Rei, que o moveram a conceder-lhe como premio o habito de Christo, remuneração altamente honorifica naquellas eras. Em Thomar lhe nasceram alguns de seus filhos; e á estada dos Castilhos nessa villa alludia o celebre João Rodrigues de Sá, quando dizia numa das suas *Quarenta e nove quintilhas aos Brasões das armas das familias de Portugal:*

Em Traz-Miera da Montanha
têm os Castilhos solar
de antes da perda de Hespanha;
depois os trouxe a Thomar
força de fortuna estranha.

No dia 30 de Agosto de 1581 falleceu, depois de uma longa vida laboriosa e agitada, este homem eminente, testemunha presencial e constante das tremendas transformações por que passou a nossa corôa em cerca de oitenta e tantos annos, a nossa corôa, ouriçada de espinhos na dominação austera e feudal do Senhor D. João II, enramada de palmas na aurea quadra feliz e auspiciosa do Senhor D. Manuel, de loiros no reinado litterario, piedoso e ardentemente devoto do Senhor D. João III, caída finalmente das mãos exangues do Senhor D. Sebastião, para das planicies de Alcacer ser levantada pelo ambicioso e tredo D. Philippe.

Tudo isso viu o velho architecto aristocrata das montanhas das Asturias; a tudo isso assistiu. De que preço não seriam as suas memorias, se o es-

copro do artista não tivesse primado sobre a penna do escritor!

Concluiremos, advertindo que um velho manuscrito dá ao fallecimento de João de Castilho o anno de 1580, data visivelmente errada; é essa a da morte do seu bastardo tambem João de Castilho, filho da loiceira de Vizeu, e que foi Escrivão da camara do Senhor D. João III, Escrivão da Fazenda do Senhor D. Sebastião, etc.

Passemos agora sem transição, liquidando verdades d'entre as opiniões variadas que se nos apresentam, á questão que mais directamente nos interessa: a descendencia do velho João de Castilho.

De D. Maria Fernandes de Quintanilha teve os filhos seguintes:

2 **Luiz de Castilho.**—Seguiu a carreira das armas, e foi nella assinalado. Nos capitulos CX e CXII da *Chronica d'El-Rei D. Sebastião* por D. Manuel de Mello, tres vezes encontrei menções honrosas dos seus brios marciaes.

Mataram-no os moiros em Africa no desbarate do grande Luiz de Loureiro em Tangere, estando a servir Commenda com esse illustre Capitão.

3 Antonio de Castilho—que segue.

4 **Pero de Castilho.**—Foi Commendador do Alfange na Ordem de Christo, Procurador da Fazenda na Ilha da Madeira. Serviu de mais a Commenda que seu irmão Luiz de Castilho fôra servir a Africa. Foi casado

com D. Briolanja, ou D. Brites Olanja da Costa, filha de D. Antonio da Costa, de Alpedrinha, e morreu sem geração.

5 **Jorge de Castilho.**—Fez-se corsario. Da sua vida nada mais sei. Diz com toda a ingenuidade o ms. c—1—32 da Bibliotheca Nacional, que á sua custa *fez um navio com què andava a roubar pelo mar.* Achou no mar a sua morte, segundo parece. Diz o ms. c—2—4—: *morreu no mar andando com um navio seu a pelhagem;* e diz o c—2—6: *morreu feito pirata em um navio com que se alevantou.*

O ms. c—1—22—fal-o 5.º filho, e faz-lhe preceder *Miguel*, que é effectivamente o Manuel que segue.

6 **Manuel de Castilho.**—(O ms. c—1—22 chama-lhe Miguel) 4.º filho segundo esse ms., e 5.º segundo os outros. Da sua vida nada me consta. Morreu indo de viagem para a India. (ms. c—1—32—c—2—4—c—2—6).

7 **Fr. Diogo de Castilho**—a quem um autor genealogico (o do ms. c—2—6) reputa bastardo. Foi Monge Cisterciense, do mosteiro de Alcobaça, e natural de Thomar.

Das particularidades da sua vida pouco ou nada pude apurar.

Transcrevo, pedindo licença ao seu autor, o que o illustrado e erudito academico o sr. Innocencio Francisco da Silva diz

ácerca d'este Diogo de Castilho no seu Diccionario:

«Alguns erradamente o julgaram Domi-«nicano, e d'esta opinião é Fr. Pedro Mon-«teiro no seu *Claustro Dominicano* tomo III «pag. 186; porém este autor é sempre mais «que suspeito nas noticias que dá. Quanto «a esta parte, o titulo da obra seguinte re-«solve inquestionavelmente todas as duvi-«das: *Liuro da Origem dos Turcos he de seus «Emperadores. Collegido por ho Padre frei «Diogo de Castilho monge do Moesteiro Dalco-«baça*, 1538.—Este titulo é impresso sobre «uma tarja gravada em madeira, tendo no «centro uma esfera armilar, com as let-«tras *In Deo*. No fim diz: *Impresso em Lou-«vem na Oficina de Mestre Rogero Rescio pu-«blico lector Grego anno de* 1538 *mez de Agosto* «—4.°—Caracter redondo tendo 90 folhas «sem numeração, das quaes a ultima é «occupada no recto com a subscripção fi-«nal. A obra é dividida em onze capitu-«los, precedida de uma Carta dedicatoria «do autor a Manuel Cirne, Cavalleiro fidalgo «da Casa Real. Termina com a narração «da batalha que El-Rei Luiz de Hungria «teve com o grão turco Solimão, e a to-«mada de Buda. Creio ser esta a primeira «vez—continúa o mesmo sagaz diccionarista—«que d'este rarissimo livro se dá uma «descripção exacta. Todos os bibliographos

«que d'elle têem fallado o fizeram incor-
«rectissimamente, parecendo apostados a
«enredar cada vez mais o ponto. Nicolau
«Antonio e outros enganaram-se, dando-o
«impresso em Lisboa no anno de 1568, e
«descrevendo o titulo em lingua caste-
«lhana; Barbosa acertou quanto á data,
«porém transtornou o titulo (tambem em
«hespanhol) chamando-lhe *Epitome de los*
«*turcos y sus Emperadores*. Isto deu causa
«a que o collector do pseudo-catalogo da
«Academia o não incluisse ahi, pois natu-
«ralmente não conhecendo a obra, e fian-
«do-se na indicação de Barbosa julgou-a
«escrita em lingua castelhana. Porém a
«verdade é ser ella em portuguez mui
«puro, como vi pelo exemplar á face do
«qual fiz a descripção supra, exemplar que
«me foi mostrado por seu possuidor e meu
«antigo amigo o sr. A. J. de Macedo. Este
«o conserva em grande estima, e a meu
«ver com justa razão, pois não me consta
«da existencia de algum outro, ao menos
«em Lisboa, nas livrarias publicas e col-
«lecções particulares de que hei conheci-
«mento. É em realidade uma verdadeira
«preciosidade bibliographica.»

Até aqui o sr. Innocencio.

No tempo de Diogo Barbosa Machado existia um retrato de Diogo de Castilho no dormitorio do convento de Alcobaça, en-

tre os dos varões insignes da Ordem. Na extincção dos conventos em 1834 quem sabe onde o pobre retrato foi parar! No deposito de S. Francisco d'esta cidade não consta que esteja, nem estivesse; nem o *Catalogo* do sr. Barbosa Cannaes o denuncía, nem as pesquizas que fiz na Real Academia de Bellas Artes, e commigo o seu digno Director, m'o depararam.

8 **D. Maria de Castilho.**—Casou com D. Miguel Pereira cognominado—*o Chita*—, filho de D. Alvaro Pereira, e de D. Maria da Cunha (ou D. Maria Pestana) sua mulher, filha de Francisco Pestana, Juiz da balança na Casa da India. Teve do dito D. Miguel Pereira uma filha por nome D. Maria Telles, que casou com Jorge Furtado de Mendoça, Commendador de Loulé, cuja filha D. Luiza de Mendoça veiu depois a casar com seu primo em terceiro grau Jeronymo de Castilho.

D. Maria de Castilho, de quem tratâmos neste artigo, teve, por ser a unica filha de João de Castilho—*o Velho*,—e em attenção aos relevantes meritos de seu Pae, uma tença de 20 mil réis annuaes; por sua morte metade d'essa tença passou a sua filha D. Maria Telles já citada, como consta do livro dos officiaes da Chancellaria, dos annos de 1572, e 1573, folha 139, citado por Damião de Goes no seu livro manuscrito *Memorias para nobiliario*, e—4—23 da Bibliotheca de Lisboa.

9 João de Castilho — bastardo. — Homem illustre e notavel, a quem alguns para certos effeitos têem, sem o quererem, confundido com seu Pae, e cuja descendencia adiante mencionâmos.

Entremos em capitulo novo.

---

3 Antonio de Castilho

Acompanhae-me, para descançarmos, á formosa Coimbra, leitor amigo, á viçosa Coimbra quinhentista.

É além, no viso mais eminente da velha cidade, que hemos de nos ir. Não vedes aquelle edificio magestoso e grave, á direita logo ao sair o Pateo das Escólas, e cuja arrogante e bem traçada frontaria principal corre sobre a rua Larga? Alastra-se-lhe pela frente um amplo terreiro, que não só o nobilita, senão que lhe rasga o variegado e matisado prospecto da casaria a descer costa abaixo, e mais a longe lhe descortina o suave Mondego e os campos, dispartidos em quintas e pomares; tudo tamanho enlevo de olhos por essas tardes de verão, que não ha hi mais ver!

É o sitio esse mesmo; é o Collegio de S. Paulo.

Corre o anno da graça de 1563; e estamos a 2 de Maio. Coimbra no mez de Maio é çafate de boninas a respirar frescura; mas na manhã d'este domingo, tenho que se ergueu mais garrida e mais ufana ainda; — as suas galas cortesãs, o seu

galhardo rumorejar e flammejar de festa m'o denunciaram.

É o caso, que lembrada a Senhora Viuva Regente Dona Caterina de quanto fôra em seu Real Esposo constante e sincero o desejo de ver a cabo esta obra, cuja completa execução lh'a embargou a morte, resolveu sem mais demora mandar prover as primeiras collegiaturas, e mais officios do Collegio, como tudo se póde ver no seu Alvará de 23 de Outubro de 1559. Deu o Cardeal Infante o passo decisivo, adscrevendo rendas sufficientes ao Collegio, além das que este percebia da egreja de S. Mamede de Val de Ermigio, e, por Provisão de 22 de Dezembro de 1562, houve por bem nomear os primeiros Collegiaes.

Recebidas aquellas ordens do Regente, determinou o Reitor da Universidade D. Jorge de Almeida este festivo dia 2 de Maio para a entrada e solemne posse dos agraciados; e eis o porque tanto reboliço e tanto alvoroço vimos esta manhã na pacifica e senhoril rainha do Mondego. Vamos pois assistir de corpo presente a essa tal ceremonia mui para ver.

Tangem os campanarios e as charamelas, tremolam bandeiras e festões, corre ao alto edificio tudo o que povoa e illustra a lusa Athenas: os monges, o clero, o povo apinham as avenidas paramentadas e areadas em som de festa.

Entrae-me na Capella do Collegio de S. Paulo! que viçosa, e que enflorada! é a noiva do dia. O tecto de madeira brilha com as Armas Reaes pintadas e doiradas, e sustenta-se gracioso nas suas

seis ligeiras e formosas columnas, que dão como ares de tres naves ao templosinho. Os altares da Conceição e de Santa Izabel avergam de palmitos e ramilhetes.

Gente a não caber mais; os cento e dez palmos de fundo sobre os trinta e seis de largo parecem nada. E na capella mór a severa e marmorea imagem do Apostolo das gentes, S. Paulo, dissereil-a animada agora de estranha luz e estranha vida ao bruxulear dos lampadarios, e ao clarão das gelosias.

Vai dar principio a ceremonia. Avultam sentados em assentos rasos na Capella mór o Reitor da Universidade D. Jorge em vestes talares e doutoraes; e por sua ordem e precedencias todos os Doutores de todas as faculdades com o apparato das suas insignias de varios matizes e padrões. Seguem-lhes abaixo o Conservador e officiaes da Universidade, os fidalgos de Coimbra e das cercanias, e as Justiças d'El-Rei. Nos degraus do cruzeiro vemos sentados, segundo a precedencia de sua antiguidade, os Collegiaes, todos com suas becas verdes sobre lobas pardas mui gamenhos e compostos; a saber:

O Bacharel Ayres da Silva—depois Bispo do Porto;

O Doutor Ignacio Dias—depois Conego e Lente;

O Doutor D. Affonso de Castellobranco—que veiu a ser Bispo do Algarve e de Coimbra, e Viso-Rei de Portugal;

O Doutor Lourenço Mourão Homem—que foi Dezembargador do Paço e Arcediago;

O Doutor Ruy de Sousa—Dezembargador;

O Doutor Ruy Brandão—Dezembargador e Juiz;

O Bacharel Rodrigo Ayres Monteiro—Dezembargador;

O Licenciado Antonio Salema—Dezembargador e Capitão (ou Governador) do Rio de Janeiro;

O Doutor Antonio de Castilho—que chegou a ser do Conselho d'El-Rei, Chronista Mor, e Embaixador;

e finalmente

Manuel Cardim—que serviu como Cirurgião Mor do Reino.

Todos graves e recolhidos, como cumpre á ceremonia, e aos Doutores; e com elles mais o Porcionista Pedro Lourenço de Tavora.

Officia o Padre Mestre Fr. Diogo de Moraes, da Ordem dos Prégadores, e Lente da Universidade. Corre a festa ao som dos mui suaves cantos de vozes e instrumentos de mui finos tangeres; e com o incenso dos altares sobem aos pés do Senhor os votos de todo o povo. Prége a voz erudita de outro Lente, o Doutor Paulo de Palacio.

Acabada a Missa, desceu do seu logar o Secretario da Universidade, que a esse tempo fazia de Mestre de Ceremonias, e feitas as venias, tomou com ademanes de cortezia a Ayres da Silva, e Antonio de Castilho e aos mais, e levando-os, um por um, aos tres degraus de pedra da Capella Mor, ahi lhes recebeu sobre os Santos Evangelhos o juramento, que em voz intelligivel proferiram, como ordenam os estatutos.

Antonio de Castilho! mas quem é este homem? Eu vol-o digo.

Deu-lhe o berço, dizem, a alegre villa de Thomar; deu-lhe o nome o homem illustre de quem fallámos no capitulo supra. É o filho de João de Castilho; é o homem que desde os mais tenros annos manifestou o talento das lettras, que depois o havia de estremar com tanto luzimento; é já Doutor em Leis na Universidade de Coimbra. Vedel-o ahi sêntado entre os Collegiaes de S. Paulo, e em pouco o vereis elevado ao cumulo das honras.

De Antonio de Castilho dizia meu Pae na 1.ª edição d'este livro:

«Confesso que sinto particular satisfação em «escrever esta nota, mais endereçada a meus fi-«lhos, do que ao publico. Vou-lhes fallar de um «antigo benemerito, cuja gloria, não só por de «conterraneo, senão tambem por nome e sangue, «lhes pertence. Impõem os nomes presados um «grande encargo de merecimentos; esse lhes vou «eu lançar nestas linhas; oxalá que nenhum d'el-«les lhe furte os hombros. Não são brasões mi-«litares (hoje inuteis); não são fidalguias nascidas «da fortuna ou de affeições palacianas, que lhes «eu quero apontar; são merecimentos pessoaes, «ganhados a poder de bom estudo e honrada vi-«da, mais de certo no aposento, que nas anteca-«meras, mais no silencio do retiro, que no tu-«multo arriscado dos successos; meritos, em sum-«ma, que é bom trazer sempre diante dos olhos;

«pois todos, só com o proprio querer, os pódem, «mais ou menos, conseguir.»

E logo adiante:

«Filho era o Doutor Antonio de Castilho para «afamar o Pae, se este por seu engenho, applica-«ção e trabalho o não houvera feito.»

Investiguemos a vida d'aquelle litterato illustre.

Como Collegial do Collegio de S. Paulo se conservou Antonio de Castilho, segundo D. José Barbosa, até Março de 1565.

Exerceu tres annos o magisterio na Faculdade de Leis da mesma Universidade, diz um manuscrito, mas creio que sem fundamento; Barbosa tambem lhe chama Lente. Depois, foi elevado ao cargo de Dezembargador da Casa da Supplicação em 21 de Novembro de 1566; sendo sempre, como diz o mesmo Barbosa Machado,—«a justiça o «norte por onde regulava as suas doutas delibe-«rações, de que procedia o universal respeito com «que era venerada a sua incomparavel inteire-«za!»

Tinha o seu assento este respeitavel tribunal no edificio que primeiramente foi Paço dos nossos Reis em Lisboa, depois casa da Moeda, depois outra vez a habitação régia dos *Paços da Moeda*, posteriormente morada das Commendadeiras de Santiago, e que, passando depois d'isso a Casa da Supplicação e cadêa, vemos hoje em dia ser a prisão do *Limoeiro;* sitio esse altamente histori-

co, e onde, como é sabido, se passára a lamentosa tragedia do Conde Andeiro e do Mestre de Aviz.

Foi Antonio de Castilho a primeira pessoa a quem El-Rei D. João III deu depois de Rei o habito de Aviz, com a commenda de Moura.

Foi mais do Conselho d'El-Rei D. Sebastião, e seu Enviado ou Embaixador junto á Côrte de Inglaterra. Exerceu esse ministerio «com tanta pru-«dencia—diz o precitado Barbosa—que voltando «para o Reino instruido nas linguas mais pulidas «da Europa, sendo, por testemunho do celebre an-«tiquario Manuel Severim de Faria no prologo ás «*Noticias de Portugal*, o mais puro e elegante na «portugueza, que elle conhecêra, foi nomeado «Guarda Mor da Torre do Tombo.» etc.

Foi de volta d'essa missão, e em premio do modo porque se desempenhou d'ella, nomeado effectivamente Guarda Mor do Real Archivo da Torre do Tombo, por alvará de 16 de Fevereiro de 1571, com o ordenado de 100$000 réis afóra os emolumentos. Foi o 12.º Guarda Mor, e succedeu a Damião de Goes, depois do tempo em que este ali esteve algum tempo de serventuario no impedimento de Ruy de Pina.

Serviu no mesmo cargo, em ausencia do Doutor Antonio de Castilho, Rodrigo Homem, desde 1591; em 1596 porém, já achâmos a Rodrigo Homem provido de propriedade.

Fr. Manuel de Figueiredo põe em duvida que o Doutor Castilho tivesse jamais exercido o Officio de Chronista Mor, como se póde ver a pag.

12 da sua *Dissertação Historica e Critica para apurar o Catalogo dos Chronistas Mores.*—Manoel Severim de Faria, Barbosa Machado porém, e outros, attribuem ao Doutor Antonio de Castilho o exercicio d'aquelle cargo.

Era nesse tempo o Archivo Real da Torre do Tombo collocado no castello de S. Jorge, ou antes no Paço da Alcaçova.

Foi tambem Antonio de Castilho Moço Fidalgo da Casa Real e Alcaide Mor de Mora.

Casou com D. Luiza Coutinha, filha de Antonio Coutinho e de D. Maria (ou Inacia) de Lima, e neta de Luiz Coutinho, neto por sua mãe do primeiro Conde de Marialva D. Vasco Fernandes Coutinho, Marechal em tempo d'El-Rei D. Affonso V, e de sua mulher Dona Maria de Sousa; Conde e Condessa ambos sepultados no mosteiro de Salzedas; elle com o lettreiro seguinte:—*Aqui jaz o mui nobre e esforçado Dom Vasco Coutinho, Marichal de Portugal, e primeiro Conde de Marialua, falleceu na era de mil quatrocentos e cincoenta.*—A Condessa com a seguinte inscripção:—*Aqui jaz a muy nobre e virtuosa Dona Maria de Sousa Molher que foy do dito Conde. Finouse na era de mil e quatrocentos e setenta e dois.*

As obras litterarias do Doutor Antonio de Castilho parece que se perderam na sua maioria; só duas restam; oiçamos a relação que d'ellas faz o mestre d'estes assumptos, o já citado sr. Innocencio da Silva:

—1.°—

Commentario do Cerco de Goa e Chaul no anno de M.D.LXX. Viso Rey Dom Luis de Ataide, scripto por Antonio de Castilho... por mandado delRey nosso Senhor. Em Lisboa M.D.LXXIII. Impresso em casa de Antonio Gonçalves. Com licença da Mesa Geral do Sancto Officio. Com Previlegio Real. 8.°—«Consta «de 48 folhas numeradas só na frente. A impressão «é feita em caracteres italicos ou grifos. É muito «rara esta edição, da qual existem exemplares na «Bibliotheca Real da Ajuda e na livraria do Ar«chivo Nacional.»

Reimprimiu-se com o titulo seguinte:

Commentario do cerco de Goa, e Chaul, No Anno de 1570. *Sendo Viso-Rey D. Luis de Ataide Escripto por Antonio de Castilho, Guarda môr da Torre do Tombo. Por mandado d'El-Rey nosso Senhor. E agora novamente reimpresso por Lucas da Sylva de Aguiar Mercador de Livros.—Lisboa occidental, na officina Joaquiniana da Muzica—MDCCXXXVI—Com todas as licenças necessarias.—*

4.° de 32 paginas.—Esta mesma edição, de que vi um exemplar na Bibliotheca publica, é hoje rara.

Toda esta descripção narrativa do Cerco de Goa é, como litteratura, uma verdadeira preciosidade O estilo é muito claro e correntio, o que

nem sempre se dá nos classicos; a linguagem, purissima, pittoresca, e energica. Perfeito o conhecimento dos logares, e as descripções muito animadas e salientes. A mão que traçou taes linhas não é a mão inexperiente do bisonho das lettras; é a mão assente e aguerrida do escritor consumado.

A edição vem porém crivada de innumeraveis erros typographicos, de syntaxe, e sobre tudo de pontuação. Bom seria tentar-se uma nova edição, correcta e expurgada, d'esta obra em que se vê que seu autor se desvelára e se empenhava. Basta ouvir as palavras com que no principio do livro 2.º elle falla do cerco de Chaul flagellada pelas armas do Nisamaluco:

«Posso affirmar—diz elle—ser mais pesada e «mais para lembrar esta empreza, que quantas «succederam no mundo depois que os homens «tomaram armas na mão.»

Concluindo, citaremos ao acaso o bonito fragmento narrativo e descriptivo, que principia a pag. 13: «Jaz no meyo do rio, que dissemos apartar Goa da terra firme abaixo de Benestarim contra a barra do sul a lisira do Guarda Mor.» etc. Enviâmos ao original o leitor curioso. Narra-se ahi uma furiosa excursão e mallograda correria de Soleimão Agar contra os nossos, frustrada por Antonio Rodrigues de Gamboa, e D. Lourenço de Almeida.

Lembremos agora os versos com que a pagi-

na 15 do seu *Archiathenœum Lusitanum, sive Regale Collegium Conimbricense — Ulyssipone — apud Josephum Antonium da Sylva, Regiæ Academiæ* — faz D. José Barbosa distincta menção de Antonio de Castilho; eil-os:

Proferet illa vetus Castilho Nabantia, Goæ
Aggere, qui cinctas arces simul atque Ciauli
Conscribet, partosque immani ex hoste triumphos.
Archivo præfectus erit quod publica servat
Scripta, Brittannorum accedet Legatus ad Aulam.

—2.°—

Existe mais do Doutor Antonio de Castilho:

Elogio d'El-Rei D. João de Portugal, terceiro do nome. — «Nunca se publicou em separado — diz o sr. Innocencio. — «Saiu a primeira vez com as *Noticias de Portugal* por Manuel Severim de Faria. «Lisboa na officina Craesbeeckiana, 1655, folio (edição de que J. A. Salgado na sua *Bibliotheca Lusitana escolhida*, pag. 6, quiz fazer duas diversas, com a conjuncção *e* que ahi introduziu indevidamente, interpretando mal o que lera em Barbosa). Anda tambem na segunda edição das mesmas *Noticias* — Lisboa — por Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, folio. — E com os *Panegyricos* de João de Barros — Lisboa — por Antonio Gomes, 1791 — 8.°»

Convem lembrar e transcrever aqui o que nas *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*

insertas nas *Memorias da Academia Real de Historia* se corrige e discute acerca de alguns periodos da obra de Antonio de Castilho *Elogio d'El-Rei D. João III;*

Diz assim o autor no §

1003—..... «No *Elogio d'El-Rei D. João III,* que «anda impresso, composto pelo Chronista Mor «Antonio de Castilho, e dado á luz pelo Chantre «Manuel Severim de Faria, com as suas *Noticias* «*de Portugal*—Discurso 8.°—se lê a pag. 292 que «El-Rei D. Manuel fallecêra no anno de 1521 a «17 dias de Dezembro, o que é erro, mas erro «de impressão, e não do dito Chronista Mor.»

E logo adiante, no §

1004—«A El-Rei D. Manuel succedeu no thro- «no seu filho El-Rei D. João o III, havido de sua «segunda mulher a Rainha Dona Maria, o qual «lhe nasceu nos Paços da Alcaçova de Lisboa, em «uma segunda feira, seis de Junho, do anno de «1502, e foi Dominical a lettra *B*, e supposto que «no mencionado *Elogio* de Antonio de Castilho, «Chronista Mor, a pag. 291, tambem se leia que «nasceu no anno de Christo Nosso Senhor de «1511 a 6 de Junho, é outrosim erro de impres- «são que devia proceder de estar no original «o anno escrito parte por lettra e parte por nu- «mero romano, e não por algarismo; nesta for-

«ma, ao que entendo: mil quinhentos e II, e o «numero do fim sendo dois se tomou por onze.»

O *Catalogo dos Collegiaes de S. Paulo* do já mencionado D. José Barbosa, assigna ao mesmo Castilho outro livro inedito:

—3.º—

Fragmentos das Chronicas dos Reis D. João o III e D. Sebastião—e diz terem sido levados esses manuscritos a Castella, e terem la ficado; curiosissimo seria se do fundo de algum empoeirado cartorio castelhano saíam ainda alguma vez esses respeitaveis fragmentos.

Diogo Barbosa chega a citar o começo d'esta perdida Chronica; rezam assim as primeiras linhas:—«Prometteu Antonio Pinheiro, Bispo de «Leyria, escrever as cousas que sucederão em Por«tugal na paz, e na guerra no tempo d'El-Rei «D. João III, que depois lhe fizerão outros cui«dados mudar o Concelho.»

Falla do illustre D. Antonio Pinheiro, Bispo de Leiria em 1579, e Chronista Mor.

Diz a respeito d'aquelle livro o mesmo Barbosa:

«Introduz o autor esta Chronica pela fundação «e nome de Portugal, e seus primeiros Reis, até «summariamente chegar ao Reinado d'El-Rei D. «João o III. O Licenciado Francisco Galvão na «sua *Bibl. Lusit.* ms.—accrescenta elle—affirma,

«como eu nella li, que tinha visto quinze folhas «d'esta Chronica, que chegava ao tempo das con- «troversias que tiveram na India Pedro Mascare- «nhas e Lopo Vaz de Sampaio.»

Outra obra mais se dá geralmente ao Doutor Antonio de Castilho, e vem a ser:

—4.°—

Tratado do perfeito Secretario:

Na obra supracitada de Francisco Galvão, se diz que em seu poder a conservava nesse tempo Diogo de Castilho, filho do Poeta. Hoje não sei que é feito d'ella.

Para nada omittirmos, mencionemos o Auto famoso, que finalmente lhe foi attribuido em ar de gracejo nos nossos dias por um mestre da lingua, engano hoje felizmente deslindado. Na utilissima obra do sr. Innocencio pódem os curiosos ler a narração interessante do que se deu com o sr. José Maria da Costa e Silva no seu *Ensaio*, adjudicando ingenuamente ao Antonio de Castilho quinhentista o *Auto da Boa Estrêa*, que perante El-Rei D. Sebastião se representa no 2.° acto d'este drama *Camões*. Essa historiuncula tem neste mesmo livro sua particular menção.

Quem fosse como escritor o grande Antonio

de Castilho dizem-no até certo ponto essas poucas de suas obras que chegaram até nós, e dizem-no com mais eloquencia ainda aquellas mesmas que se perderam, se dermos credito aos gabos constantes que de seu talento pregoam os seus contemporaneos.

Distinguem-se ainda assim entre todos Diogo Bernardes, e o severo e horaciano Ferreira, que certamente não eram homens para dispensarem os encomios de suas autorisadas liras a quem d'elles não fosse reputado condigno pela fama publica.

Diogo Bernardes nas suas *Rimas varias* eleva ás nuvens o nome de Castilho; oiçamol-o:

Ao Doutor

ANTONIO DE CASTILHO

(Soneto XCVIII)

Castilho, alto Castilho, levantado
no cume do Parnaso por tal arte,
que nem do tempo temes, nem de Marte,
as forças, que têm tantos derrubado;

Febo, por seu tisouro ter guardado,
tal quiz ao som da lira fabricar-te;
e dentro o pôz de ti, de ti os reparte,
commigo não, com que tem milhor fado.

Os mirtos, onde crecem mais seguros,

os verdes loiros, onde mais s'estendem,
senão dentro dos teus fermosos muros?

Em ti as brandas Musas se defendem
da guerra, que lhes fazem peitos duros,
que d'ellas, e d'amor mui pouco entendem.

O soneto CXIX das mesmas *Rimas* menciona tambem com alto louvor a Antonio de Castilho; eil-o:

Crecei, novos loireiros, pois as bellas
Ninfas d'este meu Lima vos plantaram;
as vossas verdes ramas, que alcançaram
um dom tamanho, subam ás estrellas.

Não temam ventos, neves, nem aquellas
settas, que para Jove se formaram,
que os Ceos (que tudo pódem) ordenaram
que fossem para sempre livres d'ellas.

Tanto crecei aqui nesta ribeira,
que mui cedo comvosco Febo possa
coroar quatro espritos, que amo tanto:

dois Andrades, Castilho e um Ferreira,
gloria das nove irmãs, honra da nossa
lingua, que s'enriquece com seu canto.

Não vem descabida neste logar a Carta XIV do *Lima* do mesmo Bernardes. Eil-a:

Ja com muita razão Castilho pede
que quebre este silencio um amor puro,
o qual esta licença me concede.

Tomo a penna na mão, muito seguro,
que sei que me lerás com tal pureza,
que fique claro este meu verso escuro.

Um esprito gentil a quem despreza?
Quando a bondade sente d'outro esprito,
não mostra então mais sua gentileza?

Mil vezes a mim cá me tenho dito:
que cuidará de mim o bom Castilho
que tanto ha que lhe não tenho escrito?

Se cuidas porventura que inda o filho
da branda Citharea me sogiga,
que me desculpes não me maravilho.

Mas nesta parte já a sua antiga
virtude em mim renova o claro Lima,
que de coisas passadas desobriga.

A Ninfa, que cantei em doce rima,
já (dando ao Hymeneu consentimento)
não de amor, de interesse fez estima.

Declaro em sós dois versos meu intento:
digo que de tardar a culpa teve
o nosso começado fundamento.

Quando parti de lá, lembrar-te deve
que ficou o Senhor do nosso Gouro
de me mandar chamar em tempo breve.

Logo, como quem corre a um grão tesoiro,
em vendo seu recado, atraz deixava
a terra a que dá nome o Minho e o Douro.

Naquelles verdes campos não parava
do rio onde formosa Magdalena
cabellos loiros e alvo rosto lava.

Aqui pudera mais soltar a penna;
mas sempre espreita Amor, (por mim o vejo)
e novo mal num bem passado ordena.

Emfim que té chegar lá onde o Tejo
com aguas de Neptuno se mistura
nem descançára o pé, nem o desejo;

mas já que tal não foi minha ventura
que visse o que esperava, perdoa o erro,
e o descuido lá, se pódes, cura.

Se não, no voluntario meu desterro
a vida acabarei, já que naci
em edade cruel, triste, e de ferro!

Assi que se d'um *não*, depois d'um *si*
Gouro me não quer dar o desengano
porque m'o dês t'o póde dar a ti;

que ja me corro e canço de anno em anno
andar de umas em outras esperanças,
as quaes todas acabam em meu dano.

Póde ser maior graça; que as mudanças
do Governo, e de Officios d'essa terra
tambem me vão a mim pôr em balanças.

Não é meu natural o valle, e a serra,
o rio, o bosque, o monte, o verde prado,
onde não ha cubiça, onde não ha guerra?

Não pretendi eu sempre em socegado
ocio ouvir as brandas Irmãs nove,
cantar ora o presente, ora o passado?

Se posso lograr isto, que me move
a querer contrastar com minha sorte,
que não consente que outra vida prove?

Dirás que tudo vença um peito forte,
dirás que nunca deu a molle vida
nome que dure mais depois da morte.

Que são razões mui claras quem duvída?
mas que queres, Castilho, que mais faça?
não tens tu a verdade bem sabida?

Os versos, que por meus andam na praça,
se os o rico lê, não me conhece;
o pobre, que aproveita se me abraça?

Quando cuido que acaba, então mais cresce
a causa de queixar-me; mas de quem?
do tempo só, que mal me favorece.

Os que pódem dirão que conta tem
com meus queixumes, que lhes não dá nada,
quer louvores lhes dêm, quer lh'os não dêm.

Eis logo esta razão sua approvada
do nescio ou lisongeiro; eis logo a minha,
inda que melhor seja, condemnada.

Não olham que Alexandre inveja tinha,
não dos feitos de Achilles, mas de Homero,
porque d'elle cantou como convinha.

Se os escritores não culparam Nero
quem pudera saber sua crueldade?
Eneas póde ser que foi mais fero.

Das Musas o rigor ou amizade
de fama escura ou clara nos faz dinos,
ou seja com mentira, ou com verdade.

Ó ditosos espritos peregrinos,
quem vos não ama, e teme, não entende
que podeis dos mortaes fazer divinos.

Com força que do tempo se defende
uns pondes no inferno, outros no ceo;
o vosso poder só tanto se estende.

Que mais á poesia mereceu
Jupiter que Plutão! eram irmãos;
vejam onde um subiu, outro deceu!

A causa d'isto foi ter largas mãos
o que ficou acima dos Planetas;
o outro tinha os dedos mais villãos.

Dissera maravilhas dos Poetas
a muito pouca custa da memoria;
mas pera quê, pois te não são secretas?

Pesa-me não poder em nova historia
dos Lusitanos Reis a origem clara,
levar ao templo da immortal memoria.

Não por falta d'engenho e invenção rara,
estilo e arte, que Febo em tal sugeito
desusados conceitos m' inspirára.

Mas sabes de que nace este defeito
de não ver neste tempo um novo Augusto,
a quem tão bom trabalho seja aceito;

logo necessario é, não digo justo,
negar-me a meu desejo, por buscar
coisa que á pobre vida faça o custo.

O mais fuja de mim; levem ao mar
os seus tesouros Tejo, Hermo, e Patollo;
quem não cubiça é bom de contentar.

O Principe ao Poeta é o seu Apollo;
as suas azas são gosto e favor;
co'estas voará do Pollo a Pollo.

A quem isto fallece, é-lhe milhor
em tão grão mar não dar ao vento vellas;
antes sem fama fique, e sem louvor.

Do que toca a mim, só duas novellas,
inda que mui vulgares, contarei;
se as não queres ler passa por ellas.

Ah! quanto s'aventura (isto direi
primeiro) quem escreve sem receio,
fazendo de si mesmo sua lei!

Tenho-te por amigo, e temo, e creio,
que já meus versos lês com pesadume;
isto julgo de ti pelo que leio.

Que mil vezes (tal é nosso costume
ou nossa natureza) o bom me cança,
outras lerei do mau um grão volume.

Ha coisa nesta vida sem mudança?
Porventura a vontade: qual é folha
leve que mais ao som do vento dança?

Quem não quizer errar, antes escolha
calar; ou, se fallar, vá sobre aviso
que sempre com bom tempo se recolha.

Mas hu me leva a mim meu pouco ciso?
Não vejo que da regra, que estou dando
tão desviado vou? que grande riso!

Emfim ás duas fabulas tornando,
ou tenha nellas graça, ou seja frio,
irei quanto puder abreviando.

Um cão passando um dia por um rio
de cristalinas aguas e correntes,
(devia, por razão, de ser no estio)

d'um osso duro qu'entre os duros dentes
levava atravessado, a sombra viu
naquellas frescas aguas transparentes.

Cuidando o outro mór, a boca abriu;
e, por querer tomar a preza vã,
a certa na corrente lhe caiu.

Mas que me dirás tu d'aquella rã
que vendo o boi no prado andar pascendo
chamou uma filha sua ou sua irmã.

E disse-lhe:—eu espero, se m'estendo,
de ser tamanha como este animal;
e começou d'inchar, e foi crecendo.

Amiga, inchares muito pouco val
(respondeu a que veiu) certa estou
que não lhe podes nunca ser egual.

A doida, da resposta não curou;
antes inchou com tanta força, tanto,
que não cabendo em si arrebentou.

As outras, em logar de fazer pranto,
riram da presumpção d'esta sandia.
De rirem e zombarem não me espanto.

Além de ser costume, merecia
tamanha vaidade, qual foi esta,
fazerem d'ella grande zombaria.

Já te vejo, Castilho, fazer festa
vendo que pouco tempo te detive
na fabula passada e pouco nesta.

O fundamento d'ambas, s'algum tive,
a teu juizo o deixo; mais não digo;
vive, Castilho meu, felice vive,
o Ceo seja cortez sempre comtigo.

Tambem o memorou na sua peça poetica intitulada—*De suo ex Ebora discessu—Anno* 1577—o erudito e puro latinista Diogo Mendes de Vasconcellos,

.....*quem docuit longa experientia rerum.*

«Queixavam-se, diz elle (em versos latinos) ami-«gos e parentes, de que eu antepozesse aos praze-«res e estudos da côrte os ermos rusticos da mi-«nha terra; e accrescenta:

Desinat ergo piis vestra indulgere querelis
Pagina, nec verbis absentem pulset amaris,
O mihi Thesæo, junctissima pectora, nodo,
Pectora Cecropiæ studiis addicta Minervæ,
Optime Castilli: &.....
En adsum, victusque manus do.... &..

Para não omittir tambem o voto poetico do Doutor Antonio Ferreira, eminentemente apreciavel nestas materias, aqui apresento a sua carta ao Doutor Antonio de Castilho. *Concebida*—diz o Catalogo do *Diccionario da Academia Real das Sciencias*—*nos termos da maior estimação, basta só para se formar do seu merecimento* (o do elogiado) *o conceito mais vantajoso. Critico, Poeta, Historiador, Philosopho, são os titulos com que nol-o representa quem com tanta intelligencia e madureza sabia perfeitamente apreciar o valor das coisas e dos homens.*

Tenho eu para mim que por algum successo desconhecido, quer fossem magoas, quer amores, que tambem são magoas, apartado o bom Castilho ahi sabe Deus para onde, nalguma *Tibur* solitaria e meditabunda, nalguma sua copada e remançosa *floresta de seis arvores*, em Lisboa, ou em Thomar, ou em Coimbra (fosse onde fosse), emboscado nalgum recanto silvestre, convidativo para as Musas, e só não ermo de inspiração, o foram colher por uma formosa tarde de tristuras estas lettras do amigo ausente e saudoso:

Que pensarei que fazes lá escondido,
d'onde me não vem prosa nem vem rima?

E entrevejo ao cantor assumpto d'estes versos, como a cigarra de Anacreonte aninhado na sua Thebaida virente e funda, alheado ao seu mundo, á côrte, ás galas, saboreando no delicioso crepusculo da melancolia a sua inofensiva ociosidade. A penna official, essa dorme descuidosa na velha escrevaninha do Chronista Mor; e até a sonorosa lira poisa muda e descança aos pés do seu poeta.

Nestes termos, veiu a carta do Doutor Antonio Ferreira como um chamamento, como um brado, como uma exhortação. Oiçamol-o:

Castilho, de meus versos douta lima,
que cuidarei que fazes lá escondido,
d'onde me não vem prosa nem vem rima?

Trabalhas porventura que vencido
fique o grã Ferrarez no doce canto
té qui com tanto gosto e fama lido?

Ou num alto sagrado bosque e santo
andas quieto, enchendo o peito puro
do que socega o esprito, e vence o espanto;

colhendo de mil flores o maduro
fruito, que alma sustenta, e no perigo
te ensina poder sempre estar seguro?

Eu te conheço, bom esprito, imigo
naturalmente de ocio, só de gloria,
só de virtude e de saber amigo.

Quando será que eu veja a clara historia
do nome portuguez por ti entoada,
que vença da alta Roma a grã memoria?

Não me foi dado esprito, não foi dada
igual boca ao grã canto. Bom desejo
não basta; a ti a alta empreza está guardada.

D'esse santo socego em que te vejo,
d'esse tão raro esprito olha as grandezas,
que o Mundo espera, e eu já ver desejo.

Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
que tanto ha já que em ti Febo entesoura;
solta o grã Rio, farta mil pobrezas.

Assi consentirás, cruel, que moura
teu nome, e d'esse esprito o claro lume?
assi a c'roa que te Febo enloura?

Quanta arma, quanto sangue nos consume
o silencio cruel! terror e medo
n'Africa ao Mouro, n'Asia ao bravo Rume.

Tu, Castilho, tu lá, ocioso e quedo
vencerás de mil mundos os espaços,
por onde voarás, se queres, cedo.

Solto de vãos desejos, de vãos laços,
o bom esprito dentro em si só posto
mais largo viverá, que em largos paços.

A todo tempo terá sempre um rosto,
não turvará sua paz nenhũa guerra,
nenhũa mudança danará seu gosto.

Ditoso aquelle que em si só se encerra,
e estimando o tesouro que em si tem,
pisa soberbamente toda a terra.

Sempre o dia pior é o que vem.
Comece de viver á primeira hora
quem puder, e a quem Deus quiz tanto bem.

Em quanto um ri, em quanto cá outro chora,
passa a vida; lá o tempo todo é teu;
logra-o, e tua sorte ama, e a Deus adora;
que tantos e taes dões te concedeu.

Respira todo este fragmento amigavel cortezania, rasgado elogio convicto e sincero; pois não respira?

Seria renitencia contumaz ás instancias de Ferreira, a não publicação das obras de Castilho?

Solta o grão rio, farta mil pobrezas

lhe supplicava aquelle. Porque se não demoveu do seu proposito de silencio? Quem lhe vedou que vencesse

.....da alta Roma a grã memoria

cantando a augusta fama

do nome portuguez?.....

E seria só lembrança e mero conselho do cantor da linda Castro ao Doutor Castilho, aquelle de o incitar a escrever a historia de Portugal, ou alludiria a alguma obra inedita e hoje perdida, como os taes fragmentos da sua *Chronica d'El-Rei D. João III*, e cujo assumpto fossem de feito as glorias *do nome portuguez?* O genero dos escritos que existem do illustre Guarda Mor da Torre do Tombo me fazem acceitar esta segunda hypothese.

Não passemos sem reparo pelo verso:

Trabalhas porventura que vencido
fique o grão Ferrarez.....

Allude visivelmente ao Ariosto, *o grão Ferrarez*, o protegido illustre da casa de Ferrara, o poeta cuja immensa reputação já então posthuma, porém continuação da que o acompanhára em vida, dominava sem rival, nem presentia de longe o cantor da *Jerusalem*, que tambem pouco tardou que surgisse no firmamento litterario. E não parece revelar este terceto que andasse Castilho com alguma epopeia entre mãos, do genero da do grande epico italiano, epopeia não concluida, por desventura, e perdida para nós?

A influencia ardente da formosa e esplendida terra de Italia, ainda a mesma Italia do reinado do Pericles Pontificio, e centro de luz para toda a Europa, sente-se nesses versos; e é curioso, mas não estranhavel, o ver como logo se lembrou de italiano, e o citou com enthusiasmo, quem foi, como Ferreira, nada menos que verdadeiro e me-

lhor continuador da missão regeneradora de Francisco de Sá de Miranda, se não foi o inaugurador da grande escola chamada italiana, que se levantou sobre a esquecida dos trovadores, fenecida em Bernardim Ribeiro e Gil Vicente.

Mas que vago misterio anda em tudo isto? e quando logrará a critica litteraria descortinar a pleno e sem interrogações conjecturaes o vulto d'este cortezão, d'este embaixador, d'este poeta?! Nunca talvez.

Hoje, emquanto um acaso providencial nos não deparar algum fragmento das obras poeticas do decantado e enigmatico escritor, resta-nos sómente lamentar com sentimento profundissimo os maus fados litterarios, que mais esta gloria nos roubaram.

Para mim tenho eu que o fallecimento do nosso poeta deveu acontecer pelo anno de 1596, attendendo a que é nesse anno que se lhe substitue um successor na lista dos Guardas Mores.

Tal foi, como vol-o disse, e como vol-o cantaram, o Doutor Antonio de Castilho. Festejado das liras contemporaneas, elevado aos fastigios do renome e do saber, ouvi como o pranto dos bandolins o acompanhou constante á sua morada ultima.

É o religioso e crente Diogo Bernardes quem vai cantar; escutemol-o ao pé do feretro. No seu soneto CXL, com muitas lagrimas deplora a musa da elegia a morte do grande Castilho, e rompe com desalento funebre nestas sentidas queixas:

O bom Castilho, onde guardava o Ceo
quanto na terra tem em maior conta,
a morte o derrubou, não tendo conta
com quanto dentro nelle se perdeu.

Mas, inda que caiu, a fama ergueu
tanto seu claro nome, que desconta
a dor que nos deixou, e a grande affronta
que Febo e o mundo todo recebeu.

Comtudo (e d'isto não me maravilho)
as brandas Musas vendo o duro caso,
de Lusitania logo se partiram;

tornaram a morar no seu Parnaso,
sentidas de perder tão bom Castilho,
e lá por elle choram, lá suspiram.

Pobre Castilho! é sim morrer duas vezes não poder testar aos seculos; sentir na mente o bronze fundido das obras eternas, e ser como a turba ignara dos que mofam da poesia! não saber vazar tal bronze no molde das estrofes, da ode, da epopeia; ser o estatuario impotente de maravilhas imaginarias, e não legar a essas maravilhas um nome, e a immortalidade!

Mas quando, a custo de acerbas vigilias, em troca de longas horas de incerteza e de luta, a idéa se tornou poema, a idéa appareceu formosa e nua como a Aphrodite nas ondas de Cythéra, e assumiu as azas brancas que a vão subir aos ceos, então é morrer mil vezes, é ser mil vezes es-

pedaçado ver ou presentir que o sopro do tempo, a incuria, ou a fatalidade tem de aniquilar numa hora infeliz vinte seculos de pensamento, de trabalho, e de genio.

Isso devêras de o entender, meu poeta, se nalguma hora de inspiração calorosa, entre as delicias e o enlevo do compor, te espraiaste porventura alguma vez, por uma visão intima, por uma d'essas revelações espontaneas do talento, na meditação da duração das tuas obras, e anteviste que tres seculos depois, uma voz obscura, a minha, havia de estar a evocar-te d'entre as sombras do olvido, sem que ao seu chamamento nada mais respondesse que o silencio dos tumulos.

A descendencia do grande Antonio de Castilho foi como segue:

10 **Manuel de Castilho.**—Morreu muito moço. Alguns até o omittem.

11 DIOGO DE CASTILHO COUTINHO—que segue. Foi chamado nas Chronicas —*o Negro.*—

12 **D. Antonia de Castilho,** ou **D. Antonia Coutinho,** — segundo o c—2—4. Casou com Miguel Paes da Veiga, filho de Antonio Paes da Veiga, de Guimarães, e de D. Joanna de Mello, filha de Gaspar de Mello de Sam Paio, abbade de Pombeiro; esta qualificação atribue-lh'a o c—2—6.

13 **D. Caterina Coutinho.**—Foi a segunda mulher de D. Rodrigo Lobo, general da armada. Não teve filhos. Esta senhora é omittida pelo c—2—6.

14 **D. Maria de Castilho.**—Omittida pelos ms.

c—2—4—c—2—6—etc. Da sua vida e estado nada consta.

15 **D. Izabel de Castilho.** — Omittida pelos ms. c—2—4—c—2—6—c—1—32.

16 **Pero de Castilho.** —

17 **Luiz de Castilho.** —

---

11 Diogo de Castilho Coutinho

(o negro)

Filho (primeiro ou segundo) do Doutor Antonio de Castilho. Dão-lhe alguns o appellido de Coutinho, por sua mãe, terceira neta dos primeiros Coutinhos Marialvas.

Succedeu na Casa de seu Pae; foi, como elle, Commendador de Moura na Ordem de Aviz, etc.

Não deve por modo algum confundir-se com seu Tio paterno Monge de Cister, como erradamente fez a 1.ª edição d'este livro.

De ser porém homem tambem dado a lettras, como seu Pae e seu Tio, ha grandes indicios, ainda que não acho d'isso mais rasto que este muito conjectural: ter sobre elle recaído a Regia escolha, por Carta de 11 de Outubro de 1612, para o Officio que já seu Pae exercêra de Guarda Mor da Torre do Tombo, officio quasi exclusivamente litterario, e na lista de cujos possuidores se liam até ao seu tempo nomes taes como Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Ruy de Pina, Damião

de Goes, Antonio de Castilho, e depois d'elle Fr. Francisco Brandão, João Pinto Ribeiro, José de Seabra da Silva, o Visconde de Santarem, D. Frei Francisco de S. Luiz, o grande Garrett, e quantos mais!

De ter tambem sido Poeta o nosso Diogo de Castilho, não se me depara infelizmente mais do que este documento, aliás incontrovertivel: um soneto, que lhe dirigiu um amigo de seu Pae, e seu contemporaneo, o Dezembargador Antonio Ferreira, do qual se deprehende que era já resposta a outro soneto, que ao mesmo Ferreira elle havia dedicado. É apreciar vagamente, e de longe, o talento de Diogo de Castilho no reflexo com que afogueou liricamente a alma d'est'outro poeta. Eis o soneto; é o CXLI da collecção das obras de Ferreira, e traz por titulo:

A Diogo de Castilho

(filho de Antonio de Castilho)

(*Em resposta de outro*)

A graça nos teus versos imprimida
por don do Ceo, ou por paterna estrella,
não empregues em mim; honra com ella
outra mais doce Musa, mais subida.

Mas inda que de mim mal merecida
seja tão grã mercê, por merecel-a
sempre trabalharei, pois causa d'ella
sómente foi amor, que a mais convida.

E tu vencido d'elle t'enganaste;
oiro te pareceu a vil escoria,
que por tal sei que alguns a julgarão.

E se Torquato vir que me louvaste,
roubar-lhe (com trocal-o) a sua gloria,
cuido que será d'outra opinião.

Casou Diogo de Castilho da primeira vez com sua sobrinha D. Anna da Cunha, filha de seu Primo com irmão Luiz de Castilho, e de D. Maria Pereira. Não teve d'ella successão.

Casou segunda vez com D. Marianna, ou Maria Anna de Castro, filha de Estuval, ou Estevão, ou Luiz Homem da Silva, Commendador da Freyria de Evora, e natural de Setubal, e de D. Ignez de Castro; e teve d'ella:

18 **D. Luiza de Castro**—ou, segundo os ms. c—2—4—e c—2—11,—**D. Luiza Coutinha.**—Casou com Vasco de Azevedo, Senhor de S. João de Rey, hoje no concelho da Povoa de Lanhoso, districto de Braga. *Na Corographia portugueza* do P. Antonio Carvalho da Costa, tomo 1—pag. 165, se encontra uma genealogia dos Senhores de S. João de Rey.

19 **D. Ignez de Castilho.**—Omittida pelo c—2—11.

Nada mais pude por ora averiguar d'este herdeiro do grande nome; só accrescentarei ter fallecido no anno de 1632.

E assim se apagou em suas netas a descendencia do Doutor Antonio de Castilho, e em seu filho Diogo a sua varonia.

Engana-se o mestre Diogo Barbosa Machado (perdoe-nol-o a sua memoria) dizendo que existia ainda no seu tempo d'elle a descendencia do Poeta.

Mencionaremos agora, como entre parenthesis, e de fugida, o ramo bastardo do Velho Architecto de Belem e da Batalha, ramo que feneceu em seu bisneto João de Castilho. Ahi pouco floresceram lettras; mas illustraram-se e brilharam armas.

---

9 João de Castilho

Filho bastardo de João de Castilho—*o velho*—

Diz o ms. c—1—22 que no tempo em que o insigne Artista do Cruzeiro de Belem se demorou em Vizeu, *teve conbersas com uma christã nova que vendia loiça ao pé da torre do Relogio, de quem houve a João de Castilho.* Com ser bastardo, exerceu porém grandes cargos no Reino.

Foi Escrivão da Camara do Senhor D. João III; Escrivão da Fazenda do Senhor D. Sebastião; ou Escrivão da Camara do Paço (c—2—4) ou Escrivão da Camara e do Paço (c—2—11).

Foi Alcaide Mor de Alanquer pela compra que d'essa Alcaidaria fez ao Conde da Sortelha em tempo d'El-Rei D. Sebastião; Aposentador Mor no tempo d'El-Rei D. Henrique, e algum tempo Caçador Mor; Cavalleiro da Ordem Militar de N. S.

Jesu Christo; do Conselho d'El-Rei D. Henrique; e fôra muito privado do Senhor D. João III.

Casou primeira vez com D. Maria ou D. Francisca da Cunha, filha de Luiz da Cunha (c—1—22) ou de Heitor Lopes de São Payo (c—1—32—c—2—4—c—2—6—c—2—11) Alcaide Mor de Pancas.

Teve d'este matrimonio os filhos seguintes:

20 Luiz de Castilho da Cunha—que segue.

21 **D. Anna de Castilho**—ou da Cunha. Foi segunda mulher de Ruy Pereira de Miranda, Senhor das terras de Carvalhaes e Verdemilho, descendente de Gonçalo Borges, Senhor das mesmas terras, Copeiro Mor, e Porteiro Mor, do Senhor D. Affonso V.

22 **D. Luiza da Cunha.**—Freira em Odivellas, e depois no Rozario (c—1—32).

23 **D. Izabel da Cunha.**—Freira em Odivellas.

Casou João de Castilho segunda vez com D. Violante de Eça (c—2—4) ou de Essa (c—1—32) ou Deça (c—2—11) filha de João Ferreira ou de Antonio Ferreira (c—1—32—c—2—4—c—2—11) ou de Francisco Ferreira (c—2—4—c—2—11). Dão outros a esta sua segunda mulher por nome D. Violante de Castro, filha de Jorge d'Eça ou filha de Francisco Ferreira, filho de Pero Ferreira, filho ou neto de Gomes Ferreira, Porteiro Mor.

D'este segundo matrimonio, de tão incerta e controvertida nomenclatura, não houve geração.

Morreu no anno de 1580, fóra da graça de D. Filippe.

Sua viuva D. Violante passou a segundas nupcias com Heytor de Sousa.

---

20 Luiz de Castilho da Cunha

Filho do precedente João de Castilho.

Para o distinguirem de um sobrinho e um Tio seus homonymos, accrescentam-lhe alguns nobiliarios o appellido de Cunha.

Succedeu na Casa de seu Pae. Foi Alcaide Mor de Alanquer, e Commendador de S. Bartholomeu da Covilhã na Ordem de Christo.

Casou com D. Maria Pereira (ou D. Francisca), filha de João Pestana, ou João Pestana Pereira, da Lourinhã, e de D. Violante Pessanha.

Teve d'este matrimonio:

24 **João de Castilho**—que segue.

25 **Sebastião de Castilho**.—Falleceu solteiro. Foi Commendador de S. Salvador de Ferrazes.

26 **D. Anna da Cunha**—ou—**de Castilho**. Casou com seu Tio (primo com irmão de seu Pae) Diogo de Castilho Coutinho.

27 **D. Violante.**—Freira em Odivellas. Omittem-na alguns.

Era Luiz de Castilho um ousado militar, como confirmam as circunstancias da sua morte. Acompanhou a El-Rei D. Sebastião na segunda jornada de Africa, e ahi se distinguiu por sua valentia e esforço.

No final da batalha de Alcacer, quando ao exercito desbaratado succumbira já quasi de todo o animo, houve um momento em que os brios e a altivez marcial da gente portugueza se concentrou desesperadamente, e como por despedida, no impetuoso Senhor D. Sebastião, e num resto de fieis que o escoltavam a cavallo. Oiçamos de uma testemunha ocular o acontecido; oiçamos como lastimosa mas varonilmente se baquearam ás mãos dos moiros a batalha e a nossa robusta independencia, com o ultimo arranco d'aquelle troço de bravos cavalleiros, entre os quaes não desmerece de encontrar-se Luiz de Castilho.

Falle o sincero Hyeronimo de Mendoça no seu interessante livro *Jornada de Africa*—Cap. VI—*Do fim que teve a batalha*--pag. 69—e seguinte.

Diz assim:.....

«El-Rei neste tempo bem certificado de tanta «desuentura, depois de lhe matarem outro caualo, «fazendo as marauilhas que todo o mundo vio, «andaua acompanhado de alguns fidalgos, que «pretendiam salualo, a troco de suas vidas, quando «se vio cercado de huma multidão de Alarues; «donde não sentindo os que o acompanhauão al- «gum remedio a sua saluação, se apartou hum «delles por conselho dos mais com hum lenço «posto na ponta da espada, e dando conta aos «Mouros como ali estava El-Rey, no melhor modo «que lhe foy possivel lhe responderão que lar- «gassem as armas primeiro, e então poderião tra- «tar do que lhe conuinha. A qual resposta El-Rey

«sentio de maneira, que sem escuitar mais acordo «se lançou a elles furiosamente, acompanhado «dos que o seguião, pelejando todos com deses- «perada ousadia por sua saluação, onde dizem «que cayo depois de morto o cauallo. Até este «passo ouue algumas pessoas dignas de fé, que «ousarão reuellar o acontecido, porém se virão «mais, não se sabe; o que se vio sempre clara- «mente he que nunca alguem disse que vira ma- «tar a El-Rey, e não he muito realmente, pois «nenhum homem que ficasse viuo, he rezão que «tal confesse. Neste ultimo conflicto forão mor- «tos com estranho valor dom Jorge de Lencas- «tre, de huma escopetada, dom Antonio da Costa, «filho de dom Gileanes da Costa, dom Aluaro de «Castro, dom Jorge de Faro, João de Mendoça, «Luiz Alures de Tauora, Christovão de Tauora, «dom Antonio de Noronha, dom João Mascare- «nhas, Luiz de Castilho, e o Dezembargador An- «tonio Velho Tinoco, ouuidor do Campo, o qual «depois de pelejar valerosamente na batalha en- «trou nos Mouros, onde foy morto, disendo: Ora «Senhores, aqui não ha mais que a alma a Deos, «o corpo á honra; e assi forão mortos o Desem- «bargador Francisco casado de Carualho, Forriel «Mor do Campo, e seu irmão Pedraluerez de Car- «ualho».....

.....

Attribue-se ao referido Luiz de Castilho um bastardo:

28 **Manuel de Castilho.**—Morreu na India.

Creio que d'este Manuel de Castilho, e de D. Maria Tudela, era filho o seguinte, de quem vamos esboçar biographia; se nesta supposição, aliás fundada, houver engano, e m'o queira e possa alguem deslindar, muito folgarei de sair do erro.

Fernando Tudela de Castilho.—Nasceu no anno de 1631 na villa de Castello Branco, hoje cidade e capital do districto administrativo do mesmo nome. Tinha de propriedade o officio de Juiz da alfandega da sua villa natal. Seguiu na Universidade de Coimbra a faculdade de direito Cesareo, e nella recebeu grau de Bacharel. Foi Juiz das villas de Arronches e Cêa, Corregedor da comarca de Miranda, e Corregedor do crime do Bairro do Rocio em Lisboa. Foi mais Auditor Geral da cavallaria, e por ultimo Dezembargador na Relação do Porto. Diz Barbosa Machado que partiu do Porto para a provincia da Beira *com a incumbencia de varias diligencias, umas pertencentes ao fisco, outras para pacificar as discordias que havia entre o povo e a nobreza;* e que em tudo correspondeu á fama do seu saber, e ao alto conceito em que era tido.

Assistiu como procurador da villa de Castello Branco ás côrtes que em Lisboa se celebraram no anno de 1674.

Foi, por ordem do senhor D. Pedro II, nomeado conductor em Portugal do principe grão Mestre da ordem Teutonica, irmão

da Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neubourg; encargo que desempenhou com altos creditos, despendendo nisso até da sua fazenda e casa.

Escreveu varias obras, diz o já citado Barbosa, e entre ellas menciona a seguinte:

Discurso em que se persuade a coroação de Rey destes Reynos ao senhor D. Pedro mostrando com rasões fundamentaes lhe pertence a corôa, logo que se julgou com impedimento natural e perpetuo, incapaz do governo e successão o senhor Rey D. Affonso VI.

Esta obra não me consta que passasse nunca de manuscrito; em Castello Branco a conservava outro Fernando Tudela de Castilho, neto do autor.

Este falleceu aos 61 annos em 1692.

24 JOÃO DE CASTILHO

Filho primogenito de Luiz de Castilho. Succedeu na casa, commenda, e alcaidaria de seu Pae, e morreu antes de chegar a homem.

Passemos agora ao outro braço do primitivo tronco citado, o irmão germano de João de Castilho (*o velho*); e enumeremos os frutos littera-

rios que a patria recebeu da sua numerosa descendencia.

II

Linha de Diogo de Castilho — Sua descendencia ainda hoje representada em Portugal.

1 DIOGO DE CASTILHO

Meio irmão do velho João de Castilho, filho do mesmo Pae Diogo Sanches del Castillo, e de mãe diversa D. Maria Zorella, ou Zorilha, ou Zurrilha.

O ms. c—2—6 diz que era Diogo de Castilho bastardo de Diogo Sanches del Castillo, opinião essa que se não sustenta á luz da critica.

Estabeleceu-se, como dissemos, na cidade de Coimbra. Era tambem, como seu irmão, habil artista.

«As mais nobres e mais antigas casas de Cas-«tella—diz o ms. c—1—22 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, —«têem seus solares nas montanhas «de Burgos d'onde sairam os filhos segundos das «casas a servir aos Reis, porque mereceram fundar «grandeza; ficando os filhos mais velhos apega-«dos ás suas fazendas as ficavam cultivando. E «vieram a empobrecer e a ser officiaes maqueni-«cos, mas nem por isso deixam de conservar a

«sua limpeza e fidalguia de seus progenitores, e «quando estes vem á côrte os estimam e agasa- «lham os grandes que procedem de suas casas, «com muita benevolencia».

Foi, acabada a obra do côro da Sé de Vizeu, mandado Diogo de Castilho traçar a ponte de Coimbra, e nomeado mestre das obras de Santa Cruz, e dos collegios que naquella cidade mandou erigir El-Rei o senhor D. João III.

Alguns nobiliarios o dão como tendo feito parte da *governança* da mesma cidade de Coimbra, chegando ahi a Vereador, e a Provedor da Misericordia.

No livro *Memorias para nobiliario* supracitado, escreveu seu autor Damião de Goes o seguinte:

«Na chancellaria de privilegios d'el-rei D. João III «do anno de 1526 fol. 118, privilegio que passou «El-Rei a Diogo de Castilho pera andar em mu- «la mestre das obras dos paços de Coimbra nes- «se anno a 18 de Setembro.»

Casou, junto ao Porto (segundo quer alguem) com Izabel del Barco, ou del Varco, ou del Arco, ou de Ilharco, (que esses differentes nomes, ou antes essas diversas metamorphoses de um mesmo nome se encontram nas Chronicas), filha de João del Barco ou de Ilharco, etc., (c—2—4—c—2—6—c—2—11) nobre byscainho, a quem outro (c—1—32) chama Pedro de Ilharco. Não sei quem fosse este tal byscainho; diz só o ms.

c—2—6—que viera *vender ferro em um navio ao Porto.*

Teve Diogo de Castilho d'este matrimonio os filhos seguintes:

2 Jeronymo de Castilho—com quem se continúa a descendencia

3 **Pedro de Castilho.**—Este sr. foi o grande Bispo D. Pedro de Castilho, de quem tantas memorias ficaram na familia e no Reino.

Seguiu as lettras, e depois de Mestre em Artes principiou a estudar Theologia; mudou porém de Faculdade, e entrou a estudar Canones na Universidade de Coimbra. Formou-se, e doutorou-se.

Foi Vigario, ou Prior, da Igreja de S. Salvador de Ilhavo; Beneficiado da de Santo André de Celorico. Por Mercê do Cardeal D. Henrique foi tambem Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra, onde entrou a 16 de Fevereiro de 1575; foi mais Visitador da mesma Diocese sendo Bispo D. Manuel de Menezes, esse mesmo que na batalha de Alcacer morreu a 4 de Agosto de 1578.

Foi eleito Bispo de S. Salvador da cidade de Angra; sagrou-se, e transferiu-se para a Ilha Terceira, onde entrou pelos annos de 1577. Diz D. Antonio Caetano de Sousa que era um *grande observador do Concilio Tridentino, em que mostrava o zelo que tinha na reforma dos costumes de suas ovelhas, em que punha grande cuidado.*

Sendo Bispo das Ilhas, criou na de S. Miguel a freguezia de S. José da cidade de Ponta-Delgada.

Cêrca de dois annos antes da investidura do sr. D. Pedro de Castilho naquelle episcopado, aconteceu fallecer a 8 de Setembro de 1575 em grande perfume de santidade na mesma ilha de S. Miguel uma mulher humilde, e santa, Margarida de Chaves, cuja milagrosa fama se estendêra e a cercava. Era já santa em sua vida; e, para a ver adorada nos altares pelas turbas da devoção, só faltava a confirmação piedosa da Madre Igreja de Roma. O nosso prelado, que aportou naquellas praias ao tempo da morte da Veneravel, ordenou colligir e escrever um summario dos milagres de Margarida; não só por memorar-lhe a prodigiosa existencia, senão para avivar a fé e a crença, e levantar mais um padrão á gloria do Senhor com a da sua Servidora. Essa obra porém não foi a fim, porque os volcões da politica o distraíram da empreza começada.

Depois da chegada do sr. D. Antonio aos Açores passou o Bispo D. Pedro de Castilho para o Reino na Armada do Marquez de Santa Cruz em 1582.

Da Sé de Angra passou para a Sé de Leiria, vaga pela morte do sabio D. Antonio Pinheiro. Foi confirmado no anno de 1853; e, exercendo o cargo de Prelado d'essa diocese

por 24 annos, o renunciou em 1607. Foi seu successor D. Martim Affonso Mexia.

Foi o quarto do nome, e o quadragesimo terceiro na ordem dos Illustrissimos DD. Priores da Collegiada do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães de religiosos e religiosas de S. Bento, no tempo d'El-Rei D. Filippe III; tomou posse a 31 de Agosto de 1605, como consta (diz o Catalogo de D. Manuel Caetano de Sousa) do instrumento d'ella, que está no dito Archivo, gaveta vinte, maço decimo primeiro.

Foi Capellão Mor de D. Filippe I e seu Esmoler Mor; Conselheiro de Estado; Presidente do Dezembargo do Paço; Governador de Alcobaça, e duas vezes Viso-Rei de Portugal, sendo-o da segunda vez em ausencia de D. Christovão de Moura, Marquez de Castello Rodrigo, no tempo de D. Filippe II.

Instituiu na Beira o sr. D. Pedro de Castilho um morgado de muito boa renda, em cabeça de seu sobrinho Diogo de Castilho, chamado o *Louro* ou o *Ruivo*, filho de seu irmão Jeronymo.

É o actual representante do morgado o sr. D. Thomaz Antonio de Noronha Ribeiro Soares e Castilho, bem como de outros dois, instituidos por D. Henrique de Noronha, e Fernão Martins do Evangelho. Por decreto de 23 de Abril de 1861 foi per-

mittida ao dito sr. D. Thomaz a desvinculação de alguns bens sob determinadas condições. Vide o *Diario de Lisboa n.°* 114 d'esse anno. Agora por esta sabia lei ultima acerca dos morgados, acho que deve estar de todo alluida a piedosa instituição do virtuoso prelado.

«O mais notavel de tudo—diz o velho manuscrito genealogico da Bibliotheca Nacional de Lisboa c—1—20—«foi a fundação «que fez (o sr. D. Pedro) na Igreja do «Mosteiro de S. Domingos de Lisboa de «uma capella para si e os possuidores do «morgado de S. Pedro Martyr, obra de ex«cellente traça e linda fabrica, ornamen«tada e dotada de missa perpetua, que é «das insignes obras da mesma cidade que «ha na christandade.»

A essa capella chama outro *Capella de Nossa Senhora da Defensa*, e diz ser a primeira do corpo da igreja da parte da Epistola.

D. Manuel Caetano de Souza no supramencionado *Catalogo dos Religiosissimos DD. Abbades do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães, de religiosos e religiosas de S. Bento, e dos Illustrissimos DD. Priores do mesmo mosteiro* &, inserto nas *Memorias da Academia Real de Historia Portugueza* chama a essa capella no mosteiro de S. Domingos—

Capella de Santo Thomaz—e accrescenta: «*Em uma das pedras que acompanham as escadas do altar está o letreiro seguinte: Mandou fazer esta Capella D. Pedro de Castilho Bispo que foy de Leiria, Presidente do Paço, do Conselho de Sua Magestade, Capellão Mor, Inquisidor Geral deste Reyno, e Vice Rey delle duas vezes: nella está sepultado; falleceu a* 31 *de Março de* 1613 *annos.*»

Parece-me que esta data, que tanta vez tem saído errada, merece fé na boca de D. Manuel Caetano, de mais a mais sendo repetida no seu *Catalogo dos Bispos de S. Salvador de Angra.*

Foi o sr. D. Pedro de Castilho varão de grande entendimento, como confirmam os altos cargos que exerceu, e além d'isso de grandes lettras; poeta, e poeta latino:—«A «uma minha prima D. Maria Clara Barreto «de Castilho—dizia meu Pae na 1.ª edição d'este livro—«mais de uma vez ouvi, quan«do em jornadas de Coimbra a visitava (em «Leiria), que d'este antigo parente nosso «haviam ficado bons versos latinos inedi«tos, que seu Pae conservava com muito «apreço, e que pela invasão dos francezes «se desencaminharam.»

Ando trabalhando com toda a diligencia a ver se algum rasto posso descobrir d'essas verdadeiras preciosidades, d'esses veneraveis brasões de familia.

Por ordem do mesmo prelado D. Pedro

de Castilho se imprimiu uma obra cujo titulo é o seguinte:

Regimento do Santo officio da Inquisição dos reinos de Portugal. Recopilado por mandado do Ill.mo e Rev.mo Senhor D. Pedro de Castilho, Inquisidor geral e Viso-Rei dos reinos de Portugal. Impresso na Inquisição de Lisboa por Pedro Craesbeck. Anno da Encarnação do Senhor — 1613. — *Fol.* — *de II* — 48 — folhas numeradas pela frente e Repertorio no fim contendo 20 folhas sem numeração.

Barbosa Machado attribue a redacção e recopilação d'este *Regimento*, que, segundo o sr. Innocencio, foi o primeiro mandado imprimir em Portugal, a Antonio Dias Cardoso, formado em Canones, Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, e Conego Doutoral na Sé de Evora, nascido em Santarem, e fallecido em Lisboa a 26 de Janeiro de 1624.

4 **João de Castilho** — frade Jeronymo.

5 **Antonio de Castilho** — frade do Carmo; morreu muito moço.

6 **Jorge de Castilho** — bastardo — frade de Santo Agostinho.

Não ha por que mencionar litterariamente de ora avante a continuação da varonia em Jerony-

mo de Castilho, Diogo de Castilho, *o Loiro*, ou *o Ruivo*, Jeronymo de Castilho, Pedro de Castilho, Jeronymo de Castilho, José Antonio de Castilho, João José Xavier de Castilho, etc. etc. até ao actual senhor do vinculo, bem que entre os filhos e irmãos d'esses citados, boas provas se nos depariam de capacidade e lettras, quer em officios litterarios, quer principalmente nos cargos ecclesiasticos, que em todos os tempos, mais ou menos, foram o apanagio dos doutos e dos peritos.

Podemos entre elles citar os seguintes:

Pedro de Castilho—filho de Jeronymo de Castilho.—Seguiu a carreira ecclesiastica, sendo Conego de Leiria (talvez ainda na Sé de seu glorioso Tio o sr. D. Pedro) e Deão da mesma Sé. Foi nomeado a 18 de Janeiro de 1605 Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa.

Pedro de Castilho—filho de Diogo de Castilho.—Sobrinho do supramencionado Pedro de Castilho, e sobrinho neto do grande Prelado de Leiria. Seguiu a Universidade e doutorou-se, provavelmente em Canones. Foi nomeado em 24 de Dezembro de 1635 Deputado da Inquisição de Coimbra. Foi tambem Arcediago de Santa Christina da Sé de Braga. Nomeado em 15 de Fevereiro de 1641 Inquisidor da Santa Inquisição na Côrte de Lisboa; e em 2 de Abril de 1657 Deputado do Conselho Geral da mesma.

João de Castilho—filho de outro Jeronymo de Castilho.—Natural de Lisboa. Formado

em Canones pela Universidade de Coimbra. Eleito Collegial Canonista do Real Collegio de S. Pedro de Coimbra a 13 de Março de 1659. Nomeado Deputado da Santa Inquisição de Lisboa em 24 de Janeiro de 1660. Conego doutoral da Sé do Porto em 29 de Junho de 1660; Inquisidor em Evora em 4 de Março de 1664; mudado Inquisidor de Evora para Lisboa a 29 de Setembro de 1665, onde entrou a 17 de Outubro do mesmo anno.

José de Castilho.—Irmão do precedente. Natural de Santarem. Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra; Collegial Canonista do Collegio de S. Pedro; eleito aos 30 de Julho de 1660. Rectifico esta data, pois alguns a erraram.

Ignacio de Castilho.—Irmão do precedente. Natural de Lisboa. Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra. Foi eleito Collegial do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra em 4 de Junho de 1671, e tomou posse em 6 do mesmo mez, sendo Reitor o Doutor Paulo Carneiro de Araujo. «*Não teve despachos porque morreu brevemente*» diz o *Catalogo dos Collegiaes do mesmo Collegio Real dos annos de* 1651 *até* 1700 impresso nas *Memorias* da *Academia Real de Historia Portugueza.*

III

CASTILHOS DA BAIRRADA

Fóra da linha recta da supramencionada descendencia, mas participando do mesmo parentesco, os Castilhos da Bairrada ha mais de seculo ininterrupto que florescem por suas muitas letras e estudo. Vou rapidamente mencionar a correr alguns d'elles, em ar de simplices apontamentos para o ulterior desenvolvimento e final coordenação que tenciono dar a esta memoria.

José Barreto de Castilho

Filho primogenito do Cavalleiro professo na Ordem de Christo Manuel Barreto de Castilho e Noronha, e natural do Còuto de Aguim.

Foi Bacharel Formado em Canones na Universidade, e Advogado nos Auditorios do Couto de Aguim. Não advogava porém, e vivia na sua casa de Aguim.

Não me consta que este meu Bisavô o sr. José Barreto de Castilho deixasse escritos seus; mas o que inda sôa nas tradições oraes é que era um homem de alta razão, de muito saber, de um trato ameno, e sobre tudo de uma graça, de um *espirito*, como hoje diriamos, que ali fi-

cou muitos annos proverbial. Ha d'este senhor innumeraveis anecdotas de immenso chiste.

Julguei não dever passar por elle sem menção, pois, se não fez livros ou bons versos, foi porque não quiz, e não porque não fosse digno do favor das Musas.

A vida do sr. José Barreto de Castilho tambem encerra alguns pontos aproveitaveis e curiosos, que hei-de talvez tocar noutra parte, que não agora.

Um dia (quem sabe!) a tela de algum romance o ha-de reclamar, e a seu tempo o ha-de conter debuxado e colorido de corpo inteiro. Então o veremos reviver, com a sua cabelleira elegante, os seus bofes apurados, a sua casaca de seda, a sua fisionomia rasgada e insinuante, o seu olhar arguto e fino, os seus ademanes cortezes, e o seu ar sempre folgazão e desempenado.

Havemos de vel-o ás noites, nas festivas noites de outono na Bairrada, entre as danças da sua aldeia á fogueira, correndo e rindo com os rapazes, entendendo aqui e ali com as cachopas, todas cheirosas ao mato e á vindima, naquella folia provinciana, ao som da gargalhada sincera, e das cantigas á viola.

Havemos de vel-o á espera da missa do seu capellão, entre os graves do logarejo, discorrendo com uns velhos á porta da sua ermida da Senhora do Ó contigua ao patco da residencia senhoril e sempre hospitaleira, grave com os graves, sereno e comedido como lhe cumpre.

Depois, num turbilhão, num tropel de poeira,

batendo o mato das cercanias com a sua opulenta, rumorosa e anafada matilha de lebreos e perdigueiros.

Havemos de ir finalmente ao seu encontro na estrada de Coimbra, em quanto elle vier cavalgando misterioso e solitario a horas mortas por esses pinhaes; vindo sabe Deus d'onde, de alguma aventura, de algum colloquio furtivo, de algum descante.

.....

Antonio Barreto de Castilho

Irmão do precedente; natural de S. Lourenço do Bairro. Foi Bacharel Formado em ambos os Direitos pela Universidade de Coimbra, e Advogado; lido no Dezembargo do Paço, Juiz de Fóra em Tondella nove annos, e outros tantos Ouvidor da dita Universidade, na qual algum tempo serviu de Conservador. Foi mais Cavalleiro Professo na Ordem de Christo.

Escreveu:

Manifesto em que se mostra o direito da Conservatoria da Universidade dever-se prover em Bachareis praticos.—Coimbra—por Antonio Simões Ferreira —1746.—4.°—

Não deve confundir-se este sr. com seu Avô, do mesmo nome, e tambem Cavalleiro Professo na mesma Ordem.

Viveu nos seus ultimos annos em Coimbra na sua casa do Terreiro do Marmeleiro, no sitio onde ainda hoje o appellido de seus Maiores não se apagou, pois continúa a chamar-se *Pateo dos Castilhos*.

Teve o sr. Antonio Barreto de Castilho varios filhos; entre elles não deixe de mencionar-se em primeiro logar a

Bernardo Chrispiniano de Castilho e Noronha—Primo com irmão de meu Avô. Foi Doutor de Capello na Faculdade de Canones pela Universidade de Coimbra, e lido no Pezembargo do Paço; serviu algum tempo de Ouvidor, e outro de Conservador na dita Universidade, e foi pouco mais ou menos em 1786 Provedor na villa de Torres Vedras. Falleceu em Lisboa pelos annos de 1790.

Foram seus filhos:

Antonio Maria de Castilho—que morreu sem casar; e

Jeronymo da Costa Cardoso de Castro e Castilho—8.º senhor do vinculo de Santo Antonio, instituido na Sioga do Monte a uma legua de Coimbra pelo Licenciado Antonio Marques Fronteira em 1615.

Fica situada a velha residencia da Sioga á beira de um caminho vicinal que corta a estrada de Coimbra ao Porto, e assentada numa elevação d'onde senhoreia em redor grande trato de vinhedo e terra lavradia.

É actual administradora do vinculo a Ex.ma Senhora D. Zilia Justa de Castro da Costa Cardoso e Castilho, minha Tia e Senhora.

Antonio Manuel de Castilho.—A sua biographia não vem para aqui; é outro assumpto para indagações, e para romance. D'elle se recordam ainda porventura os velhos de S. Lourenço do Bairro e nas suas longas e ociosas praticas á estrepitosa fogueira de inverno mencionam talvez o seu nome; o seu nome, ainda coroado com a tenebrosa aureola de uma tradição misteriosa, e talvez para sempre já agora imprescrutavel.

Nasceu, onde seu Pae nascêra: na bella quinta de S. Lourenço do Bairro, a qual elle de volta do estrangeiro ampliou e engrandecêu. Fica a villa de S. Lourenço do Bairro no Bispado de Coimbra á beira de um riacho affluente do Sértima, e em roda da Igreja Parochial da invocação de S. Lourenço. As cercanias são de bons chãos de milho, searas de trigo e cevada, bons olivaes, e largo vinhedo espalhado por aquellas encostas e collinas.

D. Francisca de Castilho—filha do supramencionado Antonio Barreto de Castilho. Casou com Francisco Antonio Elisiario dos Santos Gatto, cuja descendencia é já hoje numerosa.

Faustino Barreto de Castilho e Noronha

Filho de Manuel Barreto de Castilho e Noronha, e irmão de meu Bisavô, e do sr. Antonio Barreto.

Foi Cavalleiro Professo na Ordem de Christo; e embarcando como Alferes militar para a India, falleceu em viagem proximamente ao anno de 1786.

José Feliciano de Castilho

Filho de José Barreto de Castilho acima mencionado.

Tenho em esboço uma larga biographia d'este meu Avô; omitto portanto aqui as noticias que nella tenciono dar restringindo-me aos topicos essenciaes.

Nasceu aos 21 de Abril de 1769 na casa de Aguim; e foi baptisado na proxima freguezia de Tamengos, hoje concelho da Anadia.

Cursou com muita distincção a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, vencendo para isso, até ao seu doutoramento em 1796, as maiores reluctancias da sua familia, que se julgava, creio eu, deshonrada se meu Avô se formasse Medico. Rectifico aquella data, que alguns têem errado ao citál-a, pois a colho do proprio pergaminho Universitario.

Foi Lente de Prima na Universidade; Cavalleiro Professo na Ordem de Christo; Primeiro Me-

dico e Inspector dos Hospitaes Militares das provincias do Alem-Tejo, Minho, Beira, e Traz-os-Montes; Primeiro Medico da Camera d'El-Rei o Senhor D. João VI; Fidalgo da Sua Real Casa; Censor Regio do Dezembargo do Paço; Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e nella Membro da Instituição Vaccinica; Primeiro Medico e Sub Inspector da Colonia dos Suissos da Nova Friburgo na Comarca do Rio de Janeiro, e nella Membro da Commissão de trabalhos publicos, etc.

A sua vida, como hei-de sobejamente comprovar com satisfação e ufania, foi uma serie de grandes rasgos de desinteresse e affecto ao seu paiz natal.

Falleceu de uma erisipella aos 5 de Março de 1826, com 57 annos de edade, na Residencia Parochial da Castanheira do Vouga, freguezia onde então era Prior seu filho Augusto, meu Tio.

As obras litterarias que de meu Avô subsistem estão encorporadas na grande collecção completa do *Jornal de Coimbra*, fundação d'elle proprio, e livro que hoje ainda é de alto interesse no campo da sciencia, justamente apreciado, como se acha, pelos entendidos. Os escritos do sr. Doutor José Feliciano de Castilho versam todos sobre pontos scientificos, e ou debatem ou explicam muitas questões de grande alcance, ou muitos alvitres de utilidade publica. Não citarei aqui, porque seria ocioso, os principaes d'esses escritos, cuja recopilação em volume daria um livro util, pelo menos.

Antonio Feliciano de Castilho

Cheguei perante uma figura nesta longa fila de benemeritos, ante a qual não solto uma palavra.

.....*Cette tête sacrée*
C'est mon Père.

Antonio Feliciano de Castilho é um nome tal, que suppre uma biographia apologetica.

Falle por mim, falle bem alto, a lista sempre crescente das suas obras:

Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria I Rainha Fidelissima.—Lisboa na impressão Regia—1816—4.°—23 paginas, com 1 estampa, representando um tumulo.

Reimprimiu-se no *Jornal de Coimbra N.° L* parte 2.ª

Á faustissima exaltação de Sua Magestade o Senhor D. João VI ao throno.—Poema—Lisboa—na Impressão Regia—1818—4.°—82 paginas.—Traz o retrato do autor.

Reimprimiu-se no *Jornal de Coimbra N.° LIX*—parte 2.ª

O Tejo, elogio dramatico nos annos do Serenissimo Senhor D. Pedro de Alcantara—Principe Real—*e uma Ode á morte de Gomes Freire e seus Socios.*—Lisboa—na Typ. Rollandiana—1820—8.°—de 16 paginas.

A Liberdade—elogio dramatico para se representar no Theatro particular da rua direita de S. Paulo. —Lisboa—na Impressão Regia—1820—8.°—14 paginas. (Anonymo).

Carta de Heloisa a Abeillard—traduzida do francez de M. de Mercier.—Lisboa—Na Typ. Lacerdina —1820—8.°—23 paginas.

Reimprimiu-se na Typ. de João Nunes Esteves —1826.

Sonetos &—insertos na *Collecção das Poesias recitadas na Sala dos Actos da Universidade de Coimbra nas noites de* 21 *e* 22 *de Novembro de* 1820.—Coimbra—1820—8.° grande.

Cartas de Echo e Narciso dedicadas á Mocidade Academica da Universidade de Coimbra—Primeira parte.—Coimbra—na Imprensa da Universidade —1821—12.°—Continha só as primeiras nove Epistolas, as quaes de novo se imprimiram com a segunda parte—Coimbra—1825—8.°

Terceira edição—Coimbra—1836—12.° grande —224 pag.

No Brasil contrafez-se esta obra em muitas edições, que já orçam, segundo ouvi, por quinze ou dezaseis.

Cantata—que principia—«*Os ais do Luso Povo emfim venceram*»—saiu num folheto—*Collecção de*

Poesias distribuidas no Theatro Nacional da rua dos Condes por occasião do festejo em que se solemnisou a chegada do Senhor D. João VI Rei Constitucional. — Lisboa — 1821 — 4.°

Canto que principia — «*Agora que dos ceos no longo espaço*» — Saiu (diz o incançavel sr. Innocencio) em um folheto, que não tenho agora presente, e contém a descripção das festividades com que foi celebrado o anniversario do dia 15 de Setembro de 1820 — impresso em Lisboa — 1821 — 4.°

A Primavera, collecção de Poemetos. — Lisboa na Typ. de Manoel Pedro de Lacerda — 1822 — 8.° — de 181 pag.

Segunda edição, *mais correcta, emendada, e copiosissimamente accrescentada.* — Lisboa — na Typ. de A. I. S. de Bulhões — 1837 — 12.° gr. — 330 pag.

D'este livro ha tambem innumeraveis contrafacções brasileiras.

Amor e Melancolia ou a Novissima Heloisa. — Coimbra — na Imp. de Trovão e Comp.ª — 1828 — 12.° gr. — de 238 pag — com uma gravura em madeira querendo representar um mosteiro entre serras, allusiva ao de Vairão.

Varias edições brasileiras se contam d'esta obra, as quaes eu não possuo, nem vi.

Segunda edição portugueza; saiu com o titulo

seguinte: *Amor e Melancolia ou a Novissima Heloisa por Antonio Feliciano de Castilho—nova edição correcta e accrescentada com a Chave do Enigma.* —Lisboa—Typ. da Sociedade typographica Franco-Portugueza—6—Rua do Thesouro Velho—6—1861—Contém além dos versos reproduzidos com poucas alterações, uma *parte complementar* de cerca de 230 paginas em prosa, onde o autor apresenta muitas narrações de passos curiosos da sua vida, que todos se referem á historia dos amores de que trata a poesia. Tem esta edição uma pessima gravura em madeira, representando um mausoleo do cemiterio dos Prazeres.

A Noite do Castello—e os Ciumes do Bardo—seguidos da confissão de Amelia, traduzida de Mademoiselle Delphine Gay.—Lisboa—na Typ. Lisbonense de A. C. Dias—1836—12.° gr.—202 paginas.

Ha tambem d'este livro, celeberrimo em Portugal e no Brasil, muitissimas edições contrafeitas.

Está-se de novo imprimindo em Lisboa, correcto e augmentado por seu autor.

Tributo portuguez á memoria do Libertador.—Lisboa—na Imp. de Galhardo e irmãos—1836—12.° gr.—99 paginas—com 3 lythographias:—O retrato do Imperador, o da Rainha abraçando

o busto de seu Pae, e o soldado de caçadores Manoel Pereira.

Teve este livro em Portugal duas edições no mesmo anno, e varias no Brasil.

Palavras de um Crente, escriptas em francez pelo senhor padre Lammennais, e vertidas em vulgar.— Lisboa—na Typ. de A. J. S. de Bulhões — 1836 — 12.° gr.—175 paginas. Edição contrafeita no Brasil.

Biographia da insigne poetisa portugueza Dona Francisca de Paula Possollo da Costa — publicada no principio da traducção pela mesma Senhora das *Conversações sobre a pluralidade dos mundos* de Fontenelle.

Quadros Historicos de Portugal. — Lisboa—na Typ. da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis — 1839 — fol. maximo — com estampas, e o retrato do autor. — Publicaram-se oito quadros; o ultimo é da penna do sr. Alexandre Herculano.

Edição brasileira. — Typ. Commercial de Soares e Companhia — 1847 — 8.° gr.—252 paginas, estampas, e retrato.

As Metamorphoses de Publio Ovidio Nasão — Poema em quinze livros vertido em portuguez — Tomo I. — (prologo e notas na Imp. Nacional, texto na do *Gratis*) — 1841 — 8.° — 315 paginas. — Comprehende este 1.° volume os 5 primeiros livros; os restantes param manuscritos em poder de seu autor.

Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho. — Saiu na *Revista do Conservatorio Real de Lisboa* — Tomo II das Memorias — 1841 — 1842 — 2.ª serie — etc. — Lisboa — na Imprensa Nacional — 1843 — de pag. 35 a 52.

Excavações poeticas. — Lisboa — na Typ. Lusitana — 1844 — 8.° gr. — 287 paginas.

Tem este volume a indicação de 1.° — pois tencionava o autor fazel-o seguir pela edição compacta das suas obras todas: o que nunca poude realizar. Foi reimpresso no Brasil.

Mil e um Mysterios — Romance dos Romances. — Lisboa — Typ. Lusitana — 1845 — 8.° — 285 paginas. — É só o tomo I, e traz a indicação de III da collecção das obras completas do autor principiada nas *Excavações,* e de cujo se-

gundo tomo contendo *O Presbyterio da Montanha* está apenas impresso um longo prologo.

Chronica certa e muito verdadeira da Maria da Fonte, escrevida por mim, que sou seu tio, o mestre Manuel da Fonte, sapateiro no Pezo da regoa, dada á luz por um cidadão demittido, que tem tempo para tudo. — Lisboa — Typ. Lusitana — 1846 — 8.° — 57 paginas. — Edição exhausta.

Camões — estudo historico-poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez dos senhores Victor Perrot e Armand Dumesnil — seguido de importantissimas notas, historicas, litterarias e criticas, e acompanhado de duas gravuras: um retrato de Camões, e a gruta de Macau. — Ponta-Delgada — Typ. da Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 296 paginas. — A segunda edição é a presente.

Felicidade pela Agricultura. — Ponta-Delgada — Typ. da Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 246 paginas. É uma colleção de artigos sociaes já publicados no *Agricultor Michaelense.*

Ou eu ou elles. — Folheto violento e energico em que o autor injustamente aggravado explica e rectifica algumas questões pessoaes. — Ponta-Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 68 — 1849 — 8.° — 25 paginas.

——

Noções rudimentaes para uso das escolas. — Ponta-Delgada — 1849 — 8.°

——

Primeiros exercicios de leitura offerecidos aos discipulos das escolas da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel.
Ponta Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 67 — 1849 — 8.° — 8 paginas.

——

Hymno dos Lavradores — com musica pelo sr. Luiz de Moraes Pereira — offerecido á Sociedade promotora da Agricultura Michaelense no seu banquete campestre de 13 de Julho de 1849. — Ponta Delgada — Typ. de Castilho — Rua das Artes — 67 — 1849 — 8 paginas, com capa.

——

Leitura Repentina — Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições e com muito recreio

se aprenderem a ler impressos, manuscritos e numeração — approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino. — Lisboa — 1850.

Tratado de Metrificação portugueza para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições. — Lisboa — Imprensa Nacional — 1851 — 8.° — 160 paginas. A taboada mnemonisada que appareceu neste livro publicou-se á parte.

Tratado de Mnemonica para aprender muito em pouco tempo. — Lisboa — Imprensa Nacional — 1851 — 8.°

Estreias Poetico-Musicaes para o anno de 53 — 1 volume de poesias e musicas. — Lisboa — 1852 — 1 vol.

Methodo Castilho para o ensino rapido e aprazivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever — Obra tão propria para as escolas como para uso das familias. — Segunda edição — inteiramente refundida, augmentada, e ornada de um grande numero de vinhetas. — Lisboa — Imprensa Nacional — MDCC — CLIII — 8.°320 paginas.

Methodo Portuguez Castilho para o ensino do ler e escrever — Obra accommodada tanto ao uso das escolas como ao das familias. — Terceira edição — Lisboa — Imprensa de Lucas Evangelista — R. da Oliveira N.° 3 — MDCCCLIII — 8.° — 112 paginas.

Tosquia de um camello — Carta a todos os mestres das aldêas e das cidades. — Lisboa — Typ. Urbanense — 1853 — 8.° — 52 paginas.

As Escolas dos Azilos de infancia desvalida — capitulo documental para a historia do Methodo Portuguez. — Lisboa — Typ. Universal de Faria e Companhia — Janeiro de 1854.

Felicidade pela Instrucção — (carta a um jornal de Lisboa) — Lisboa — na Typ. da Academia Real das Sciencias — 1854 — 8.° — 117 paginas.

Directorio para os senhores professores das escolas primarias pelo Methodo Portuguez. — Coimbra — na Imp. da Universidade — 1854 — 8.° — 60 paginas.

Ajuste de contas com os adversarios do Methodo Por-

tuguez.—Coimbra—na Imp. da Universidade —1854—8.°—110 paginas.

O Genio do Christianismo por M. de Chateaubriand. —Traducção—Lisboa—Typ. Universal—1854 —fol., ou 4.°, maximo—268 paginas—adornadas com gravuras.—São da penna do sr. A. F. de Castilho unicamente os 4 primeiros livros e a introducção.

Officio dirigido á Associação dos Professores do Reino e Ilhas (em 15 de Outubro de 1855) *consultando-os ácerca de varios quesitos relativos ao ensino pelo Methodo Portuguez.*—Foi impresso na resposta dada pela mesma Associação—Lisboa —Typ. de Silva—1856—8.° gr.

Resposta aos novissimos impugnadores do Methodo Portuguez.—Officio a Sua Ex.ª o Ministro do Reino.—Fói publicada no *Diario do Governo*, desde 25 de Março de 1856, até 22 de Abril de 1857.

Epistola a Sua Magestade a Senhora Imperatriz do Brasil D. Tereza.—Coimbra—Imprensa da Universidade—1856.

Methodo Portuguez Castilho para o ensino rapido e aprazivel do ler, escrever e bem fallar.—Quarta edição—accommodada pelo autor a todos os gos-

tos e calculada tanto para uso das escolas como para o das familias, tanto para o modo simultaneo como para o individual.—Lisboa—Typ. Progresso—1857—8.°—144 paginas.—Foi publicado separadamente o Discurso Preliminar d'esta 4.ª edição.

Os Amores de Publio Ovidio Nasão—Paraphrase por Antonio Feliciano de Castilho seguida pela Grinalda Ovidiana por José Feliciano de Castilho.—Rio de Janeiro—Em casa do editor Bernardo Xavier Pinto de Sousa—Rua dos Ciganos N.os 43 e 45—1858—11 vol.—8.° grande.

Adriana Lecouvreur—Opera em quâtro actos—poesia italiana do sr. Achilles de Lauzières—musica do sr. Eduardo Vera—traducção portugueza do sr. Antonio F. de Castilho etc.—Lisboa—Typ. de Lallemant e C.ª—Rua do Thesouro Velho N.° 6—Novembro de 1858.

Cartas sobre as Escolas populares pelos excellentissimos senhores J. M. do Casal Ribeiro e A. F. de Castilho.—Lisboa—Typ. Universal—Rua dos Calafates—113—1859—1 folheto.

Adelaide Ristori—estudo critico e biographico—Impresso no N.° VIII do 1.° anno da *Revista*

Contemporanea para Portugal e Brasil—Novembro de 1859.

Emilia das Neves e Sousa—estudo critico e biographico—No N.° V do 2.° anno da *Revista Contemporanea*—Agosto de 1860—Continuado em numeros seguintes.

Frey Francisco de Monte Alverne—estudo critico e biographico—No N.° IX do 2.° anno da *Revista Contemporanea*—Dezembro de 1860.—Continuado em numeros seguintes.

D. Maria Peregrina de Sousa—biographia—No N.° VI do 3.° anno da *Revista Contemporanea*—Setembro de 1861.

Arte de Amar de Publio Ovidio Nasão—Traducção em numero egual de versos inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda da Arte de Amar por José Feliciano de Castilho.—2 vol.—Rio de Janeiro—Typ. Universal de Laemmert—Rua dos Invalidos—61 B—1861-1862.

Tributo Portuguez no transito de Sua Magestade Fi-

delissima o Senhor Dom Pedro V por A. F. de Castilho—1 folheto—Lisboa—Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza—6—Rua do Thesouro Velho—6—1862.
Fez-se logo uma segunda edição na *Revista Contemporanea*, e depois outra avulsa com o mesmo titulo acima, e indicação de 3.ª edição.

Tributo á memoria de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Pedro Quinto, o muito amado—por Castilhos—Antonio e José—Rio de Janeiro—em casa de Eduardo e Henrique Laemmert—Rua da Quitanda—77—1862—É uma biographia longa e estudada d'El-Rei D. Pedro escrita por meu Tio, precedida pelos versos que á morte do mesmo Augusto Soberano compoz meu Pae.

Os Fastos de Publio Ovidio Nasão—com traducção em verso portuguez por Antonio Feliciano de Castilho, seguidos de copiosas annotações por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos.—Lisboa—por ordem e na Imp. da Academia Real das Sciencias—MDCCCLXII—6 volumes—ou antes 3 tomos, dividido cada um em duas partes.

O Outono—collecção de poesias.—Lisboa—Imp. Nacional—1863—1 vol.

Entre as obras de meu Pae não devem deixar de mencionar-se os prologos, juizos criticos, apresentações, ou como melhor lhes queiram chamar, com que elle honrou as estreias litterarias de alguns amigos e discipulos seus. As de que me occorre noticia são:

Prologo á traducção do *Judeu Errante* por seus Irmãos, meus Tios, Adriano e José.

Prologo ao livro *Supposições que pódem ser realidades* por Luiz Filippe Leite—Ponta-Delgada—1849.

Prologo ao *Album italo-portoghese*, collecção de poesias italianas e portuguezas pelo poeta italiano Antonio Galleano Ravara—Lisboa—1852.

Prologo á traducção do *Novo amigo dos meninos* de St. Germain Le Duc por Luiz Filippe Leite.

Conversação Preambular ao poema *D. Jayme ou a Dominação de Castella* por Thomaz Ribeiro.—Lisboa—Typ. Franco-Portugueza—1862.

Os ineditos de meu Pae são os seguintes:

Hero e Leandro ou a Sacerdotisa de Venus—Poema em cartas, no genero das *Cartas de Echo e Narcisco.*

Curso de lingua latina.

Arte Poetica—Por concluir.

Usbeck—Conto persico—poema—Por concluir.

Canasse—Tragedia em 5 actos e em verso.

A festa do amor filial—Drama em verso em 2 actos.

Traducção em verso da tragedia *Aristodemo* de Monti.

Historia do Methodo Portuguez—Acompanhada e reforçada dos documentos mais importantes

---

Traducção das Odes de Anacreonte—Por concluir.

Traducção das Metamorphoses de Ovidio—Estão impressos os primeiros livros.

Traducção do Remedio do Amor — Está a sair do prelo.

Grande numero de outras poesias de menor volume e avulsas enriquece esta preciosa collecção de ineditos.

Não será talvez descabida aqui uma lista das biographias de meu Pae, que em diversos tempos têem apparecido:

No *Stranger's guide in Lisbon* — pelo Reverendo Padre José Ilsley — se encontram algumas paginas consagradas a noticias pessoaes e biographicas do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Em Cadix o sr. Thomaz Gomes, hespanhol, publicou sob as iniciaes *T. G.* uma succinta biographia avulsa do mesmo autor.

No jornal *Archivo Pittoresco* principiou a publicar-se outra biographia pelo seu discipulo e amigo Luiz Filippe Leite.

No jornal *Revista Contemporanea* outra pelo seu amigo J. M. Latino Coelho.

Em alguns livros e diccionarios francezes, taes como o *Dictionnaire de la conversation* — o *Dictio-*

naire biographique de Vapereau — a *Encyclopedia moderna etc. etc.* se encontram não menos honrosas menções d'este grande vulto das lettras patrias.

Adriano Ernesto de Castilho Barreto

Irmão de meu Pae. — Nasceu em Lisboa a 12 de Dezembro de 1800.

Formou-se Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra em 1822. Foi Advogado nos Auditorios de Lisboa. Nomeado Delegado do Procurador Regio no 4.º districto de Lisboa por D. de 24 de Dezembro de 1834; tomou posse em 16 de Janeiro de 1835. Nomeado na 5.ª vara por D. de 19 de Abril de 1837; exonerado por D. de 31 de Janeiro de 1840. Delegado na 3.ª vara de Lisboa por D. de 7 de Janeiro de 1841; tomou posse a 16 do mesmo mez. Nomeado Ajudante do Procurador Regio da Relação de Lisboa por D. de 11 de Outubro de 1844; tomou posse em 15 do mesmo mez. Juiz de Direito de Aldêa Gallega por D. de 26 de Novembro de 1845; tomou posse em 15 de Dezembro do mesmo anno. No quadro dos Juizes de Direito sem exercicio por D. de 7 de Agosto de 1846, para ser opportunamente empregado. Novamente nomeado Ajudante do Procurador Regio de Lisboa por D. de 1 de Dezembro de 1846; exonerado pelo D. de 27 de Dezembro de 1848.

Residiu na cidade do Rio de Janeiro desde 7 de

Dezembro de 1847 até ao seu fallecimento a 18 de Novembro de 1857.

Foi Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo; Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, ainda por Mercê do Senhor D. João VI; Commendador da mesma Ordem; Fidalgo Cavalleiro da Casa Real; do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, e Membro de varias sociedades litterarias.

As suas obras publicadas são as seguintes:

Epinicio á acclamação do Senhor D. João VI.

As minhas vinte e cinco prisões — Tomo 1.° — Lisboa — Na Typ. Lusitana — 1845 — 8.°

Defensa forense do General Stubbs.

Collaborou com seu Irmão e meu Tio o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho na traducção das obras seguintes:

O Judeu Errante de Eugenio Sue.

Memorias de Madame Lafarge.

Existem ineditas em poder da sua Viuva as seguintes obras:

Traducção do Lutrin de Boileau—e

Traducção de Arabella ou *D. Quichotte femea* de...

2.° Volume das *Vinte e cinco prisões.*

Augusto Frederico de Castilho

Irmão de meu Pae. —Nasceu a 3 de Setembro de 1802. Formou-se na Faculdade de Canones no anno de 1822, e recebeu Capello de Doutor na mesma Faculdade no seguinte anno.

Foi Prior da Parochial Igreja de S. Mamede da Castanheira do Vouga no Bispado d'Aveiro, Conego Arcipreste da Sé de Lisboa, Governador do Bispado de Beja, Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Deputado ás Côrtes em varias legislaturas.

Pela sua mão fui eu baptisado na ermida da

casa, a 15 de Maio de 1840; festa de familia, cuja risonha tradição ainda ecôa aos meus ouvidos.

Notavel coincidencia! foi meu Padrinho nessa mesma ceremonia outro escritor abalisado e sabio, digno traductor de Horacio, autor do celebre Codigo; e por sua illustração bem conhecido dentro e fora do paiz; fallo de S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Antonio Luiz de Seabra, Par do reino. Pois é em poder d'este meu Padrinho que actualmente existe de propriedade, por compra, depois de tres ou quatro possuidores, a bella casa de S. Lourenço do Bairro, que outr'ora pertenceu aos Castilhos. Fôra edificada não sei em que anno esta magnifica residencia pelo Sr. Antonio Manuel de Castilho, irmão de um dos senhores da Sioga do Monte; era aquelle Castilho, cujo animo buliçoso e valente, cuja historia romantica e sinistra o trouxe expatriado tanto tempo na Hespanha, e que por uma aventura ainda hoje escura e duvidosa, ficou indelevel e interessante nas tradições d'aquelles logares.

Ácerca da vida de meu Tio Augusto póde ler-se o seu *Elogio Historico* por meu Pae, inserto nas *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, e além d'isso *A Chave do Enigma*, complemento do *Amor e Melancolia*, onde por varias vezes se faz menção do mesmo cultivado engenho e excellente coração.

Dera-me a Providencia — diz o saudoso biographo do virtuoso e illustre Prior da Castanheira — *Dera-me a Providencia, entre meus irmãos, um*

dois annos mais novo do que eu, cuja indole sympathica inteiramente com a minha, cujos gostos em admiravel harmonia com os meus, nos constituiam mais que irmãos: duas metades inseparaveis do mesmo todo. Ardia tambem nelle a faisca sagrada. Não era tudo o palpitar o coração de cada um dentro no peito do outro: os nossos espiritos se adivinhavam de parte a parte; a nossa conversação tinha... (como hei-de dizer isto?) o que quer que fosse de um soliloquio ou de um cantar ao eco. Levava-lhe eu a vantagem de vinte e quatro mezes mais; elle me levava a de mais um sentido. Havia equilibrio e compensação; cada um dava e cada um recebia. Este mesmo interesse mutuo contribuia para a espontaneidade da nossa fusão necessaria e suavissima.

Tal era este espirito distincto, collocado pela Providencia ao pé do grande Genio, para esforçador, companheiro, e irmão; tal era; tal saiu para nós da palheta inspirada do cantor da *Primavera* o retrato sympathico do homem que punha toda a sua gloria, toda a sua ambição, na gloria de meu Pae, e cantava na sua lira de oiro, lira por elle mesmo quebrada nos degraus da sepultura, o nome querido do seu companheirinho dos annos verdes, quando dizia:

.....

E tu, meu caro irmão, tu me arrebatas,
quando magico attraes aos sons da lira
as Musas do Danubio á foz do Tejo.
Oh! dize-me onde has visto a Natureza,

virgem tão bella para ti sorrindo!
Lá na edade infantil, quando teus olhos
inda na luz formosos se espraiavam,
veiu ella mesma perfumar-te o berço,
tingir-te em rosea cor dos ceos o espaço,
encher-te o ar de ignotas harmonias,
de affectos orvalhar-te o brando seio,
e com magas visões doirar teus sonhos?
Sim, veiu: e quaes na mente que as affaga
as maternas feições impressas ficam,
taes seu olhar, e voz, e graça, e tudo
te vivem, te reluzem pela mente,
doiram-te a escuridão, compõe-te um mundo.
Em silencio te admiro ha longo tempo;
e até (que fui tão louco) ousei co'as tuas
minhas forças medir, tentar-te a gloria.
— « Não somos nós irmãos — me disse eu mesmo? —
« não corremos iguaes no longo estudo?
« pois ha-de a lira d'elle ousar prodigios,
« sem que, para a imitar, desperte a minha? » —
Mas que val o desejo, o sangue, o estudo?
Tu sabes remontar-te aos ceos num vôo;
eu tento, eu me debato, ergo-me, caio,
no inglorio chão cançado me adormeço;
será pois d'elle só a eternidade.
Só d'elle? a sua gloria aos dois nos basta;
qual nossos corações amor vincula,
tal has-de unir, ó fama, os nomes d'ambos,
com todo o eterno sopro enchendo a tuba.
— « Este o maior — dirás — dos lusos vates! » —
Dirás depois mais baixo: — «Este co'os olhos
« leu e estudou do irmão, do terno amigo. » —

E bem terno, e bem verdadeiro amigo! Inseparaveis até ao fim, acompanhou-o meu Pae á ilha da Madeira, para onde os conselhos da medicina o impelliam, já nas ultimas de uma longa e devoradora phtysica pulmonar que o derrubava; ia o pobre doente para procurar lenitivo e balsamo naquelle clima delicioso, naquella atmosfera sadia e creadora, e teve apenas tempo de encostar a cabeça e descançar para sempre.

O dia 31 de Dezembro de 1840 é um dia de luto e de tristissima recordação.

Em virtude das suas disposições ultimas foram queimadas depois da sua morte muitas de suas obras ineditas, originaes e versões, e entre ellas a sua notavel traducção completa em verso portuguez da *Pharsalia* de Lucano.

Escaparam porém da pira alguns admiraveis sermões manuscritos do mesmo autor, piedosamente conservados por mão amiga, e os quaes, graças ás diligencias do um distincto brasileiro, o muito Reverendo Monsenhor Conego Joaquim Pinto de Campos, vão brevemente sair á luz em collecção.

As obras publicadas de meu Tio o Sr. Doutor Augusto de Castilho são:

Sermão de exequias de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Duque de Bragança, prégado na Igreja de Nossa Senhora da Lapa de Lisboa. — *Lisboa* — 1834.

Algumas outras producções de sua lavra se encontram na *Collecção de poesias recitadas na sala dos actos da Universidade de Coimbra em* 1820.

Tenho ufania em ser eu quem levante neste cantinho de um grande livro, e á sombra da grande arvore, uma cruz humilde mas sincera á memoria de um homem a quem o sangue me prende, além da sympathia, e da gratidão; gratidão devo-lhe muita; e essa amizade cega que elle consagrava ao menino de oito mezes que eu era ao tempo da sua morte, paga-lh'a, e do coração, e com altos juros de reconhecimento, o mancebo, neste publico padrão de veneração e affecto.

Alexandre Magno de Castilho

Irmão de meu Pae.—Nasceu a 12 de Dezembro de 1803. Foi Bacharel formado em Filosofia e Mathematica pela Universidade de Coimbra, Cavalleiro da Ordem da Conceição, e ultimamente Consul da Republica de Buenos Ayres em Lisboa, etc. Falleceu aos 23 de Maio de 1860 em Lisboa de uma phtysica pulmonar. Foi autor das seguintes obras:

Resposta á Analyse da carta de Lei de 15 *de Outubro de* 1825, *do Brigadeiro Moniz Barreto.*—Rio de Janeiro—1826—4.°—A publicação d'este escrito produziu uma querella, dada contra o autor por *abuso de liberdade de imprensa;* e tendo

de comparecer perante o jury, escreveu então a seguinte:

Defeza de Alexandre Magno de Castilho, Bacharel formado em Mathematica, e Voluntario da Armada Real Portugueza.—Ibi—na Typ. Imperial e Nacional—1826—4.°—de 27 pag.—Julgo que devem ser rarissimos os exemplares d'este impresso, ao menos em Portugal; porque ainda não vi mais que um unico, o qual tenho em meu poder.

Cartas de dois amantes, ou Emilia e Frontino.—Ibi—1826.—Creio que foram reimpressas—ibi—na Typ. Un. de Laemmert—184...—8.° gr.

Poesias d'um Portuguez, offerecidas aos portuguezes seus compatriotas residentes no Brasil.—Ibi—1826.

Carlos III ou a Inquisição de Hespanha. Drama em tres actos traduzido do francez. Saiu no *Archivo Theatral,* tom. III.—Lisboa—1840.

Desde 1850 inclusive até 1860 publicou regularmente:

Almanach de Lembranças para 1851 (e para cada um dos annos seguintes)—Lisboa—1850—53—54—55—56—57—58—59—60.—Em diversas Typ.—Os de 1852 e 1853 foram impressos em Pariz, nos annos de 1851 e 52. Formato de 16.°

Publicou varios artigos litterarios nos jornaes *Independente,* dos *Amigos das Lettras,. Revista Universal, Semana, etc.*—São da sua penna o *Golpe de vista sobre o estado politico das principaes Nações da Europa em* 1851, impresso no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro,* e a *Chronica Politica Européa* que desde Agosto de 1851 saiu regular e periodicamente impressa no mesmo jornal.

Conservam-se ineditas um grande numero de composições suas dramaticas, algumas originaes, outras imitadas ou traduzidas.

Conjuntamente com seu Irmão José Feliciano de Castilho, escreveu e publicou em francez as seguintes obras:

Recueil de souvenirs pour le cours de Mnémotechnie. —St. Maló—1831.

Traité de Mnémotechnie.—Bordeaux—1831. Publicaram-se d'esta obra oito edições, segundo se affirma.

Dictionnaire Mnémotechnique.—Ibi—1831. D'esta sairam seis edições, no periodo decorrido até 1835.

Formules pour la mnémonisation des souverains Pontifes et des Conciles généraux.—Ibi—1834.

Faits détachés de l'Histoire Ecclesiastique avec leurs formules correspondantes.—Arles—1835.

Tableau chronologique des Rois de France, mnémonisé.—Bordeaux—1835.

Traité de stenographie.—Tarascon—1835.

D. Emilia Augusta de Castilho

Filha do precedente, meu Tio o Sr. Alexandre Magno de Castilho.

Nasceu a 22 de Setembro de 1841.

A brilhante educação que recebeu de seu Pae, homem, como poucos, capaz para lh'a dirigir pelo seu grande coração, pelo seu claro entendimento, e pela sua muita experiencia dos homens e das coisas, completou-se ainda nas suas reiteradas viagens e nas suas mais ou menos longas permanencias em Pariz. Ahi, na presença da capital das artes, o espirito novel e já tão elevado de minha Prima adquiriu no trato dos melhores mestres e no estudo dos melhores modelos aquella finura, aquella distincção, aquelle acume, que ajudado pela sua mui variada instrucção, a tornavam a ufania de seus Paes, e de todos nós os seus parentes que inda lográmos conhecel-a.

Era deveras um espirito privilegiado para a gloria e para a poesia. O ceo, que é a poesia suprema, e a suprema gloria, arrebatou-a nas suas desanove primaveras, a 20 de Maio de 1860.

Algumas poucas de suas producções poeticas se imprimiram no *Almanach de Lembranças;* o mais d'ellas porém existe em poder do seu viuvo e Primo Alexandre M. de Castilho.

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha

Irmão de meu Pae.—Nasceu em Lisboa aos 4 de Março de 1811.

Do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Commendador da

Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Doutor e Bacharel em Direito, Medicina, e Filosofia pelas Universidades de Coimbra, Pariz e Rostock, Presidente da Commissão do Nacional e Real Archivo da Torre do Tombo, ex-Bibliothecario Mor, e Deputado ás Côrtes em variás legislaturas, Tenente Coronel, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, da Academia de Historia de Copenhague, das Sociedades Pharmaceuticas do Norte da Alemanha, de Salzufflen, e de Lisboa, do Instituto Historico de Pariz, do Conservatorio Real, e da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro, do Instituto Historico da Bahia, do Conservatorio da mesma cidade, da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, da Associação Promotora da Educação Popular, etc. etc. etc.

Autor das seguintes obras impressas:

Grinalda ovidiana.

—

O Iris, jornal do Rio de Janeiro.

—

Iris classico.

—

Livraria classica.

—

Arte de ser amado.

Traité du consulat.

Relatorio sobre a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Apologia e defeza do Barão de Moreira.

Biographia do mesmo.

Tributo á morte do Senhor D. Pedro V.

União iberica.

Tratado de orthographia.

Traité de mnémotechnie.

Dissertação inaugural sobre a nostalgia.

Dissertação sobre o regimen da tutela.

Regulamento consular.

Noticia da vida e obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Noticia da vida e obras de Fernão Mendes Pinto.

Cartas de Manuel pequeno a seu compadre artilheiro.

Memorias de um endemoninhado.

Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no imperio do Brasil.

Razões do appellante e do appellado na causa entre partes: appellante José Antonio das Neves; appellado Felix Maria de Noronha.

O casamento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princeza D. Izabel com Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz, Duque do Porto; Extractos.

A questão da barca Charles et George.

Carta a um dos directores da Lysia Poetica.

Relatorio e proposta das medidas concernentes á coordenação e classificação dos archivos existentes na Torre do Tombo.

Traductor do *Judeu Errante*, de *Madame Lafarge*, da *Mulher Catholica.*

Redactor e collaborador de muitos jornaes politicos.

Tem por publicar:

Os estudantes de Coimbra ou um Fidalgo como ha muitos, comedia.

Amor e morte, drama.

A precipitação, idem.

O mundo, idem.

A esposa da moda, comedia.

Pujol, drama imitado de Jacques Arago.

O noivado em Paquetá, drama lirico.

A estrêa de uma artista, opera comica.

Brincar com fogo, idem.

Traducção em verso da *Pharsalia* de Lucano e das *Tragedias* de Seneca.

Alexandre Magno de Castilho

Filho primogenito do precedente, meu Tio o Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

Nasceu a 4 de Março de 1835 na cidade do Puy em França.

É hoje Primeiro Tenente da Armada Real, habilitado com os cursos da Escola Polytechnica e da Escola Naval, e Engenheiro da Commissão Geodesica.

É autor da seguinte obra por publicar:

Roteiro e descripção da Costa Occidental da Africa.

Vai sair impresso este importante livro pelo Governo portuguez na Typographia Nacional.

Da mesma origem primitivamente Asturiana devem proxima ou remotamente ser os seguintes escritores.

Como lhes não conheço a filiação directa e clara, aqui os junto no fim do meu trabalho.

São personagens distinctos e dignos de menção, não ha negal-o; são frutos caidos da grande arvore

da familia; mas por lhes não sabermos atinar com o ramo originario, nem por isso os engeitemos.

Padre Francisco Sanches de Castilho

Necessariamente filho de algum membro da familia de Trasmiera entrado em Portugal anteriormente aos dois irmãos montanhezes supramencionados João e Diogo de Castilho.

Era o Padre Francisco Sanches de Castilho natural da cidade da Guarda. Seguiu a carreira ecclesiastica, e foi Prior da Igreja de S. Thiago de Marvão no Bispado de Portalegre. Parece ter residido algum tempo na cidade de Roma, e ser então promovido á Abbadia das duas Igrejas, no Bispado de Lamego. Morreu no anno de 1558.

Deixou inedita a seguinte obra:

Dictionnarium Lusitanum et Latinum—que não sei onde pára.

Estas noticias todas as tirei de Diogo Barbosa Machado.

Julião de Castilho

Não sei de quem era descendente, porque d'elle não fallam as genealogias que pude compulsar. Era natural do Bispado de Burgos em Hespanha,

d'onde me permitto concluir, não sem algum fundamento, o seu parentesco proximo com os Asturianos, bem como com o assumpto do precedente artigo.

Escreveu:

Historia de los Reyes godos que vinieron dela Scitia de Europa contra el Imperio Romano, y a España: y la succession dellos hasta el Catholico y potentissimo Don Philippe segundo Rey de España: a quien va dirigida. Compuesta y recopilada por Iulian del Castillo, vezino dela Villa de Muño y Arroyo en el Arçobispado de Burgos.—Depois d'estas palavras tem uma grande gravura em madeira representando as armas de Castella e Leão Aragão e Granada etc.; finalmente no baixo da pagina: *Con privilegio—Impressa en Burgos, por Philippe de Iunta*—1582.

O exemplar d'onde copio textualmente aquelle titulo é o E—5—17—da Bibliotheca Nacional de Lisboa; velho volume de papel quasi pardo, folio pequeno encadernado em pergaminho. Não sei d'onde o houve a Bibliotheca, mas suspeito estar ali uma curiosidade bibliographica; na parte inferior da pagina do titulo encontrará o observador uma debil sombra de pardo tirante a amarello, na qual primeiro não attentará, mas que examinando-a mais de espaço verá ser o nome manuscrito de *Castilho*, escrito em caracteres antigos, e numa tinta quasi apagada. Tem mais umas lettras entrelaçadas depois do appellido,

que eu não soube correntemente decifrar. Pertenceria ao autor do livro aquelle exemplar? pertenceria antes a seu filho? se não é dar demasiado credito a uma miragem enganosa, inclino-me a esta ultima hypothese. O typo da lettra, o *h*, e a garatuja final, que eu interpreto J. C., *Jeronymo de Castro*, parecem corroborar esta supposição. Não val a pena de insistir mais em tal; seja o que fôr; quem ha-de decidir?

Ainda que nada sei da vida e circunstancias pessoaes de Julião de Castillo, vejo que se trasladou em algum tempo a este Reino, onde teve por filho o citado Jeronymo de Castro e Castilho, que segue.

Frei Jeronymo de Castro e Castilho.—Filho do precedente Julião de Castilho, e natural de Lisboa.

Professou como frade Trino no Convento de Toledo, e depois de bons estudos escolasticos, cultivou Historia ecclesiastica, e Historia profana.

Seguiu o trilho de seu Pae, que tambem escrevêra historia, e proseguiu e ampliou os seus escritos, deduzindo-os até ao reinado de D. Filippe IV:

Historia de los Reyes Godos que vinieron de la Scythia de Europa contra el Imperio Romano, y a España con sucession dellos hasta los Catholicos Reyes D. Fernando y D. Izabel.—Madrid —por Luiz Sanches, Impressor delRey.— 1624—fol.—Dedicada a D. Manuel de Fon-

ceca y Zuniga Conde de Monterey y de Fuentes.

A addição feita por Fr. Jeronymo de Castro e Castilho—diz o autor da *Bibliotheca Lusitana,* Diogo Barbosa Machado—*é muito curiosa e bem trabalhada.*

Na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro deve existir hoje (segundo o Sr. Innocencio) a preciosa collecção em 4 volumes de retratos e estampas coordenada por Diogo Barbosa Machado; e no tomo II d'essa collecção se encontra um retrato de Fr. Jeronymo de Castro e Castilho; como se póde ver no *Diccionario Bibliographico,* artigo *Retrato.*

Frei Affonso de Castilho

Religioso da Ordem dos Menores, cujo habito recebeu na Provincia de Castella da Immaculada Conceição da Senhora, varão igualmente pio e erudito.

Escreveu:

Compendio de platicas amorosas, con que el alma pide a su Dios perdon e misericordia. — Valladolid —por Juan de la Rueda — 1616 — 16.°

Nicolau Antonio na *Bibl. Hispan.* tom. I pag.

11, não declara ser portuguez este autor, cuja noticia devemos ao incançavel estudo do Licenciado Jorge Cardoso, que assim o affirma nas Memorias que juntava para a *Bibliotheca Portugueza*, não faltando quem diga que na obra allegada declara o autor ser portuguez. D'elle faz memoria Fr. João de Santo Antão in *Bib. Franc.* tom. I pag. 40 — col. 1.ª — sendo preterido por Fr. Lucas Wading in Script. Ord. Min.

N. B. — Este artigo é textualmente transcrito de Diogo Barbosa.

Padre Jeronymo de Castilho

Este entra na familia por sua Mãe, pois era filho de Antonio de Macedo e de D. Violante de Castilho. Nasceu em Lisboa aos 23 de Janeiro de 1674, e foi baptisado aos 2 de Fevereiro na freguezia de S. José.

Mostrou logo singular talento para as lettras, desenvolvido na esmerada criação que lhe deram seus Paes. Aprendeu Humanidades no Collegio de Santo Antão, e nos estudos Rhetoricos se distinguiu sobremaneira.

Entrou para o gremio da Companhia de Jesus em Junho de 1687, aos treze annos de edade, e ahi floresceu por sua virtude, piedade, e illustração.

Acabado o seu noviciado, tornou a cursar Hu-

manidades no Collegio de Coimbra; e com igual aproveitamento seguiu Filosofia na mesma cidade.

Ensinou no Collegio de Santo Antão, onde aprendêra em menino, Humanidades por espaço de cinco annos.

Vista a finura e vastidão do seu talento, foi o Padre Jeronymo de Castilho enviado a Roma estudar Theologia no Collegio Romano; ahi se houve como quem era, e a cabo de tempo nessa mesma grande cidade defendeu com pasmo geral brilhantissimas Conclusões magnas, em que tanto primou e arrebatou, que foi para a sua modestia e amor patrio uma verdadeira batalha resistir e subtrair-se ás instancias porfiadas do Vigario Geral de toda a Companhia o Reverendissimo Padre Miguel Antonio Tamborino, que pretendia filiar o illustre e virtuoso portuguez na Provincia Romana. Venceu a saudade, venceu a modestia do insigne orador os desejos do Vigario italiano, e voltou a Lisboa o nosso Castilho, e restituiu-se aos seus estudos e á sua quêda e inspirativa cella.

Tornou-se para Coimbra, onde explicou aos seus collegas Rhetorica, e depois Filosofia, correspondendo em tudo á alta fama que para toda a parte o precedia. Acabado o curso Filosofico, prégou os Sermões de Quaresma; deviam de ser na verdade coisa mui para ouvir as doutrinas da Igreja, espalhadas por aquella boca de anjo, animada do saber colhido, vivificada na inspiração do ceo.

Passou Jeronymo de Castilho a Evora, e ahi leu

a Cadeira de Escritura nessa Universidade. Em Evora trabalhou na litteratura religiosa, e mistica, escrevendo a instancias do Reverendo Cabido da Diocese, um sermão para as exequias do Arcebispo D. Simão da Gama; e tão desinteressado era de si o nosso bom Jesuita, que não houve resolvel-o (neste facto insiste o Marquez de Valença no seu elogio do Padre) a que acceitasse para gratificar e remunerar a sua obra outra coisa mais que o prazer de havel-a escrito.

Em quanto na Universidade de Evora lia a Cadeira de Escritura, inspirava-lhe o remanso da velha e historica cidade a sua obra não concluida e inedita, *David Penitente*. Este livro jaz manuscrito em algum canto empoeirado d'essas livrarias. Não se me deparou porém ainda nas pesquizas que por elle tenho feito.

Tambem mereceu do Senhor D. João V o Padre Jeronymo de Castilho a honra insigne de ser nomeado confessor e director dos estudos do Senhor Infante D. José Pedro João Luiz, nascido a 6 de Junho de 1714, e que depois veiu a ser Arcebispo Primaz de Braga. Largou esse emprego por *causas mui urgentes* diz o Marquez de Valença.

Foi-lhe pelo mesmo Soberano conferido o logar de Academico do numero da Academia Real de Historia Portugueza, fundação muito querida do nosso Luiz XIV, e logo no primeiro anno couberam a Castilho na larga distribuição de Memorias ordenadas e incumbidas aos Academicos as seguintes: *Historia do Bispado de Coimbra* — na lingua latina; e *Historia do Bispado da Guarda* — igual-

mente em latim, d'onde se infere o alto saber do commissionado para tratar tão difficeis assumptos, e a sua pericia no manejo da lingua mãe. —« Estas obras porém não concluiu, nem come-« çou » — accrescenta o já citado Marquez de Valença.

Quando em 1724 falleceu o Summo Pontifice Innocencio XIII, partiu para Roma o Cardeal Pereira de Lacerda a votar com o Collegio Cardinalicio na eleição do novo Soberano, que foi o Summo Pontifice Benedito XIII. Por ordem d'El-Rei acompanhou a Sua Eminencia o Padre Jeronymo de Castilho, na qualidade de seu confessor. Roma era para elle antiga conhecida, e deviam andar ainda não de todo desluzidas as tradições da sabedoria e sapiencia do moço alumno do *Collegio Romano. Naquella Curia* — diz o seu biographo Marquez de Valença — *com especialidade entre os da Companhia, achou tão firmes as memorias, tão inalteraveis os obsequios da estimação e amizade antiga, que pudera o agradecimento para os estranhos disputar com a fidelidade para os naturaes.*

Quando voltou para Lisboa, entregou-se todo ao ministerio do pulpito, com alto louvor dos entendidos. Os seus Sermões andavam de boca em boca; todos os sabiam, todos os queriam, e houve quem instasse muito com elle para que os publicasse; ao que sempre se recusava o modestissimo engenho, e respondia retraindo-se :— «Basta « o pejo que sinto em os recitar. » —

Esta frase narrada no seu Elogio tem immensa graça proferida por tal varão.

Grande apreciador e colleccionador de livros se imaginaria bem que fosse o nosso Jesuita, mas que nol-o não dissesse o seu elogiador já citado. Tem verdade e elegancia o que neste assumpto nos elle diz; peço pois licença para lhe transcrever aqui algumas frases; falla o Marquez de Valença:

Era grande estimador de livros, e dos seus autores, como quem sabia que não ha folha de livro sem utilidade, assim como não ha folha de planta sem virtude; mas nestes mesmos livros tinha uma particular eleição..... Quem lhe roubava os affectos e quem lhe captivava as attenções, era o seu Vieira, explicando a excellencia e maioria da sua capacidade umas vezes com as antonomasias mais illustres, outras com o silencio, como tendo por ineffavel o seu merecimento; outras com gestos que exprimiam a sua singularidade, olhando para o ceo para nos mostrar que de lá vieram aquelles dotes; outras fechando os olhos, á maneira d'aquelle Filosofo que os arrancou para meditar com mais liberdade; outras como quem tinha horror de ver aquelle gigante, aquelle monstro, e aquelle raio da eloquencia e sabedoria.

É uma pena que eu não tenha por ora encontrado as obras ineditas do Padre Jeronymo de Castilho. Além das que citei durante o curso d'esta sua rapida biographia, as suas *Poesias latinas*, os seus *Sermões* merecem particular menção. Diogo Barbosa Machado, que os cita, lhes chama *dignos da luz publica*.

Recitou na Universidade de Coimbra em louvor da Rainha Santa Izabel uma oração latina, que, no dizer do mesmo Barbosa Machado, *mereceu as acclamações de todos os cathedraticos pela pureza da latinidade, delicadeza de conceitos, e novidade da idéa.*

No tomo de 1729 da *Collecção de documentos* da Academia Real de Historia, se encontra o seguinte:

«O enthusiasmo do erudito Padre pelo grande «orador Vieira manifestou-se no seu

«*Epœnotaphion encomiasticum R. admodum Pa-«tris P. Antonii Vieiræ Societate Jesus.* — Lisboa — «por Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Pa-«triarcha — 1736 — 4.° — 1.»

Este opusculo saiu de pag. 249 a pag. 260 do livro intitulado: *Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira da companhia de Jesus etc. etc. — tudo reverente dedica ao Principe Nosso Senhor o Padre André de Barros etc.*

Era o Padre André de Barros outro admirador d'aquella eminente gloria do Pulpito, e publicando com a sua obra e como corôa ao grande vulto, o *Epœnotaphion* supramencionado, dava preito á memoria de um, e ao talento do outro, ambos a esse tempo já finados. Oiçamos as primeiras linhas da obra do Padre Castilho, composta, na opinião do autor da *Bibliotheca Lusitana*, no logar competente *em estilo lapidario, com elegancia e subtileza.*

Diz assim:

Lege, viator, et luge;
Morare paululum, et mirare;
Quis, quantusque vir jaceat in hoc tumulo!
Si nescis, accipe
Hoc moræ tuæ pretium satis amplum.
Hic tandem jacet
Reverendus admodum Pater P. Antonius Vieira.
Octavo supra millesimum et sexcentesimum anno
In lucem prodiit auspicato,
Quam et plurimam vidit et sparsit.
Ulyssiponem natalem sortitus,
Orbem in urbe.
Eam patriæ conflavit orbis invidiam,
Ut diu, an esset patria? quæreretur;
In hoc tantum Homero suppar Antonius,
Cætera major.

E assim continúa. Tem no fim das onze paginas:

Hæc, currente calamo, dedit R. P. Hieronymus de Castilho, olim Primarius Rhætoricæ Professor Ulyssipone; deinde Conimbricæ: ibidem Philosophiæ Magister; tandem in Eborensi Academia sacrarum literarum Interpres; postremo Regali Academiæ Historiæ Lusitanæ Alumnus insigniter eruditus ac desideratissimus.

Somos chegados ao cume da vida d'este homem notavel, cuja fama no seu tempo igualou a dos mais favorecidos. Temol-o querido de todos, ouvida e respeitada a sua voz no Paço dos Reis, ad-

mirada e acatada a sua intelligencia e vasto saber no gremio das Academias, apreciada a sua virtude e santo zelo na Curia de Roma, entendido, bemquisto e amado o seu coração de oiro por todos os que logravam ouvil-o e tratal-o, e vai não obstante truncar-se-nos de repente entre as mãos o fio de uma tal vida exemplar de sabio e de christão.

Um dia, a 19 de Abril de 1730, acommette-o uma febre maligna de pessima natureza; derruba-o; e não ha resistir-lhe.

Até 6 de Maio estorceu-se numa agonia despedaçadora. Pela uma hora da tarde d'esse dia uma morte admiravel veiu coroar dignamente uma tal vida.

Detenhamo-nos aqui, e voltemos outra pagina. Chama por nós outro nome. É

João Bernardes de Castilho

Filho de Jacob Bernardes, e de Maria de Santo Antonio de Castilho, e natural de Lisboa.

Não sei que gente fossem os seus progenitores; do pae não tenho noticia alguma, nem o conheço; a mãe não a encontro nas genealogias de Castilho, e inclino-me a crer que não seria talvez pela linha paterna que ella teria herdado esse appellido, e mais ainda, que não pertenceria aos Castilhos da Bairrada. Quasi intruso vem pois aqui o assumpto d'este artigo. Mencionemol-o porém, uma vez que usava chamar-se d'esse modo.

Estudou grammatica em Lisboa; casou, mas poucos annos se logrou do estado. Fallecida sua mulher, entrou o desconsolado viuvo a querer seguir o trilho religioso, que emfim tomou, filiando-se na Congregação do Oratorio da cidade do Porto a 12 de Dezembro de 1711. É natural que escolhesse essa Congregação para refugio, por ser já d'ella o Padre Jacob Bernardes, seu Irmão. D'este, em memoria do que escreveu, e sobre tudo em lembrança da tradição da sua prodigiosa morte, vamos tratar summariamente no artigo seguinte.

Obrigado João Bernardes de Castilho *de graves achaques, incompativeis com aquelle instituto,* para seguirmos a frase de Diogo Barbosa, *saiu antes de acabado o anno do noviciado.*

Foi poeta de tal ou qual suavidade, como logo veremos. Era um espirito brando, *mui timorato e devoto,* tolerando com *summa paciencia a falta dos bens da fortuna.*

Escreveu um folheto de poucas paginas, com o seguinte titulo que copio textualmente do exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa:

Queixas da saudade contra as tyrannias da Parca, na lamentavel, e nunca cabalmente sentida, nem dignamente chorada, morte do muito alto e muito poderoso Rey, e Senhor nosso D. Pedro II. Articuladas pelas vozes do sentimento da Senhora D. Francisca Maria Josefa Xavier, Infante de Portugal; e offerecidas ao excellentissimo senhor D. Rodrigo Annes de Sá Almeyda e Menezes, Mar-

quez de Fontes. Conde de Penaguião, Capitão-Mor da cidade do Porto, e seu Alcaide-Mor, de juro e herdade, e das villas de Abrantes, Punhete, Amendoa, e do Maçção, senhor das Fortalezas de S. João da Foz, e Nossa Senhora das Neves, senhor das villas de Penaguião, Fontes, Godim, Sever, Sardoal, e da honra de Sobrado, Commendador de Santiago de Cacem, e S. Pedro de Faro, da Ordem de Santiago, etc. Por João Bernardes de Castilho. — Lisboa. — Na officina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. — Anno de 1707 — 4.°

Consta este opusculo de uma dedicatoria de duas paginas ao Marquez, e de 20 oitavas, de pura Fenix renascida, em que se deplora, em nome da dita Princeza, a Senhora D. Francisca Maria Josefa Xavier, a morte d'El-Rei. Esta Infante era filha do celebrado, e nascéra a 30 de Janeiro de 1699.

Para darmos uma pequena amostra do engenho poetico, aliás diminuto, de João Bernardes de Castilho, oiçamos o introito do seu insignificante opusculo; diz assim:

I

Quando se perde o bem na confiança
de ser mais cedo ou tarde possuido,
algum alivio sente na esperança
o coração, que o chora assim perdido.
Em nenhuma razão amor alcança
esperar o meu bem restituido;

oh! pena! oh! dor! oh! magoa! oh! dura sorte
mais tyranna e cruel que a mesma morte!

II

Mas oh! Parca cruel e fementida
pois me deixas assim em triste calma,
sem me levares com meu bem unida,
levando a minha dor os mais a palma;
como posso viver, não tendo vida?
como posso animar-me sem ter alma?
mas sem vida e sem alma quer deixar-me,
sem me querer matar, por mais matar-me!

E assim por diante. Escreveu mais:

Novena da gloriosa Virgem e Doutora Santa Thereza de Jesus. — Lisboa — 1758 — 24.º — Na officina de Valentim da Costa Deslandes.

D'este opusculo não achei exemplar algum na Bibliotheca, e nunca o vi.

Nada sei de circumstancias pessoaes do dito Castilho, senão que falleceu em 1761.

Padre Jacob Bernardes

Filho de Jacob Bernardes, e de Maria de Santo Antonio de Castilho, natural de Lisboa.

Sobre a sua filiação, vide o artigo supra.

Recebeu o Padre Bernardes a roupeta da Congregação do Oratorio no Porto a 8 de Setembro de 1685. Ahi na frequencia dos seus doutos companheiros adquiriu tudo que podia constituir um perfeito congregado. Foi Lente de Filosofia, e foi o primeiro de Theologia que houve na Congregação.

Foi mais Examinador Synodal do Bispado do Porto, e Confessor do Prelado D. Thomaz de Almeida, depois Patriarcha de Lisboa e Cardeal.

Desvelava-se sinceramente, e quanto podia, o Padre, na reforma dos costumes, na dilatação da fé, na conversão dos peccadores. Crente devéras, juntando á sua erudição e instrucção theologica todo o zelo e ardente querer dos maiores santos, andava incançavelmente em continuas missões pelo reino.

Uma vez em Villa do Conde prégava o Padre Bernardes. Numeroso auditorio da Villa e dos contornos apinha o templo. O apostolico varão atroa a abobada com a sua voz inspirada, com as suas palavras de fogo. Levado na furia da amplificação, — «Hei de morrer — diz elle, — e vou morrer! Deus ha-de ouvir-me; os meus ardentes rogos foram que me chamasse á sua presença quando ás turbas eu estivesse do alto do pulpito a prégar assim as doutrinas sacrosantas da sua Igreja. Sinto que vou morrer! a morte, meu Deus! a morte!!» —

De repente, oh! prodigio! turva-se-lhe a voz; um veo negro lhe offusca a vista; descóra; cai sem sentidos. Derrubou-o uma paralysia.

Exanime, prostrado, é levado nos braços da tur-

ba, que o chora e o beija ao mesmo tempo. Recebe ainda os Sacramentos; e depois de uma noite de angustia, depois de um estertor de umas poucas de horas, na manhã de 16 de Novembro de 1718, repetindo e murmurando comsigo o Santissimo Nome de Jesus, acabou de padecer o virtuoso congregado.

Entre alas de povo em luto, e ao som do pranto desconsolado, ou no meio do silencio, mais desconsolado ainda, foi um numerosissimo cortejo funebre acompanhal-o á sua sepultura, na igreja dos frades de S. Francisco de Villa do Conde, e ahi jaz.

Sobreviveram ao Padre Jacob Bernardes, estas suas obras:

Sermões e praticas. — 1.º Tomo — Coimbra — por João Antunes — 1714 — 4.º

O 2.º volume, pelo mesmo impressor, saiu em 1716. O 3.º e 4.º estavam promptos para a impressão no tempo de Diogo Barbosa Machado, cujos são todos os apontamentos de que me servi para esta breve noticia, bem como para a precedente.

Vamos concluir esta já demasiadamente longa nota genealogica e litteraria.

Um trabalho d'estes não tem presumpções de litteratura; nem podia tel-as.

Cerrando o nosso estadio, esculpiremos na meta um voto: que no futuro, ao folhearem-se as percorridas memorias de tantos benemeritos, possa apparecer entre elles, senão com gloria ao menos sem deslustre, o nome do mais obscuro d'elles todos, o humilde nome de

Abril de 1864.

JULIO DE CASTILHO.

Lista das obras que consultei para o presente estudo

1 *Camões*, drama, 1.ª edição.

2 *Ensaio biographico, critico*, por José Maria da Costa e Silva.

3 *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*, por F. A. de Varnhagen (saiu anonyma).

4 *Diccionario bibliographico portuguez*, por Innocencio F. da Silva.

5 *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, por D. Francisco Manuel de Mello.

6 *Theatro genealogico*, por D. Tivisco de Nasao Zarco e Colonna.

7 *Distribuição dos empregos dos academicos.* Mem. da Acad. R. de Hist. vol. de 1721.

8 *Cat. dos Dep. do Cons. ger. da Santa Inq., etc.* pelo Padre Fr. Pedro Monteiro. Ibid.

9 *Noticia geral das Santas Inquisições d'este Reino e suas conquistas, etc.*, pelo Padre Fr. Pedro Monteiro. Ibid. vol. de 1723.

10 *Catalogo dos Bispos da igreja de S. Salvador da cidade de Angra, etc.*, por D. Antonio Caetano de Sousa. Ibid. vol. de 1722.

11 *Catalogo dos Bispos de Leiria, etc.*, por Caetano José da Silva Sottomaior. Ibid.

12 *Catalogo chronologico dos Collegiaes e Porcionistas do Collegio de S. Pedro, etc.*, pelo Dr. Manuel Pereira da Silva Leal. Ibid. vol. de 1725.

13 *Catalogo dos religiosissimos DD. Abbades do antigo mosteiro de Santa Maria de Guimarães, etc., e dos illustrissimos DD. Priores do mesmo mosteiro, etc.*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeck. Ibid. vol. de 1726.

14 *Memorias do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra, etc.*, por D. José Barbosa. Ibid. vol. de 1727.

15 *Elogio do Padre Jeronymo de Castilho*, pelo Marquez de Valença. Ibid. vol. de 1730.

16 *Jornada de Africa, etc.*, por Hieronimo de Mendoça.

17 *Nobiliarchia portugueza, etc.*, por Antonio de Villas Boas e Sampaio.

18 *Familias de Portugal tiradas dos melhores nobi-*

liarios, etc., por Jacintho Leitão Manso de Lima. Ms. da B. N. de Lisboa — C.

19 *Nobiliario genealogico das familias illustres de Portugal*, por... Ms. da mesma Bibliotheca — C — 2 — 4.

20 *Thesouro da nobreza das familias gentilicas do Reino de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo Antonio, etc., Ms. da mesma Bibl.

21 *Nobiliario de familias illustres de Portugal*, composto por D. Rodrigo da Cunha, com annotações de D. Francisco de Menezes, Conego em Evora. Ms. da mesma Bibl.— C — 1 — 32.

22 *Diccionario de Moreri*, em hespanhol, traducção de D. José de Miravel e Casadevante.

23 *Les Arts en Portugal, lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin*, par le Comte A. Raczynski.

24 *Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, etc. etc.*, tudo reverente dedica ao Principe N. S. o Padre André de Barros, etc.

25 *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica e Chronologica, etc.*, por Diogo Barbosa Machado.

26 *Chronica de los Principes de Asturias y Cantabria, etc.*, su autor el Padre Predicador Fray Francisco Sota de la Orden de San Benito, etc.

27 *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, por...

28 *Historia genealogica da Casa Real*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

29 *Chronica de Cister*, por Fr. Bernardo de Brito.

30 *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, pelo Conde A. Raczynski.

31 *Corographia portugueza e descripção topographica do famoso Reyno de Portugal, etc. etc.*, por Antonio Carvalho da Costa.

32 *Arvores de Costado e apontamentos genealogicos de varias familias portuguezas*, por Gregorio de Freitas. Ms. Tres vol.

etc. etc. etc.

J. DE C.

ILHARGAS DE REIS

(Tomo 1 pag. 63, linha 16—*Ingreme é em verdade a facção a que me abalanço!*—Pag. 65, linha 20—*Heis-de ser vice-rei, senhor D. Martim.*—Pag. 82, linha 3—*Apresento-vos, senhor Luiz de Camões, a minha esposa.*—Pag. 156, linha 19—*Neste pergaminho, firmado do proprio punho d'El-Rei Catholico, meu Senhor, verá V. S.ª, senhor Camara, que S. Magestade o tem em conta de leal amigo, e como tal o préza, e lhe fará mercê, continuando V. S.ª a auxiliar, como até agora, as suas traças.*—Pag. 181, linha 19—*É o Martim de Freitas da deslealdade.*)

Não sei se me haverá Deus de tomar contas por ter levantado falsos testemunhos ao famoso Escrivão da Puridade, Martim Gonçalves da Ca-

mara, quando o dei parcial de Castella, e inimigo solapado do rei e do reino. Se no dia de juizo se admittissem coarctadas, uma tenho eu que seria muito para receber, scilicet: que não foi em processo d'historia que o eu capitulei por traidor, mas só em uma fabula dramatica; genero a que nunca nenhum desalmado se lembraria de ir procurar documentos, nem para queimar em estatua, nem para canonisar a quem quer que fosse. E se, pondo-se-me réplica de que não obstante ser em fabula dramatica, e seculos apoz, maliciosamente lhe attribui malicias, me fosse ainda consentido o triplicar, diria que em minha consciencia de jurado, á mingoa de provas directas e concludentes, havia uma quasi certeza da insigne ruindade do sujeito, e uma valente presumpção d'intenções suas secretas e damnadas contra El-Rei, a corôa, e o estado; e tudo isto, pelo que eu colhi d'uma testemunha contemporanea d'elle, varão de grande fé, insigne em lettras e virtudes, temente a Deus, conselheiro leal de principes, amante e zelador de sua patria; tal é o bispo de Silves D. Jeronymo Ozorio, appellidado dos eruditos o *Cicero Portuguez;* o qual, dos dois Gonçalves da Camara, Luiz e Martim, o confessor e o ministro de D. Sebastião, fez o seu *Verres,* e o seu *Catilina.*

Peza-me não poder, para minha cabal defensa, chamar para aqui inteira a sua carta agro-doce, escrita em portuguez, e portuguezmente, ao Luiz Gonçalves, carta de tanto maior pezo, além de todas as outras razões, quanto maior é o desa-

brimento com que nella vão açoitadas as ambições dos jesuitas, para cuja introducção no reino, em dias de D. João III, o mesmo Ozorio certamente contribuíra.

É a carta datada de 1570; apontarei apenas algumas frases d'ella:

«Primeiramente Vossa Reverendissima está ha-«vido na opinião da mais gente desta terra, e «ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe «mais submettem, por mais amigo do Mundo, e «honra, do que esse habito requer; porque di-«zem, que quando Vossa Reverendissima se não «correo de ser o primeiro da Companhia, que «acceitasse por sua Pessoa os Officios publicos, e «Governo da terra, e que logo ordenou as cou-«sas, e entabolou seu Irmão mancebo, sem expe-«riencia de Negocios, sem Authoridade, sahido «das Escólas de quatro dias com mediocres let-«tras, pobre de Conselho, com El-Rei menino, «para que fôra necessario resuscitar o Conde D. «Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de «Portugal, ainda que não fosse mais, que por a «decencia da pouca idade d'El-Rei; o qual dizem, «que Vossa Reverendissima o faz homem, para não «haver mister ninguem, e menino para vosso Ir-«mão haver de fazer tudo.

.....

«A isto se ajunta o modo de que dizem, que «o Senhor Martim Gonçalves governa, izento, e «absoluto, quanto nunca se vio nesta terra, nem «fóra d'ella, em homens que valêrão muito, de

«differente idade, experiencia, prudencia, e auc-
«toridade, e ainda por ventura em Castella no
«tempo de D. Alvaro de Luna; porque o menos
«que dizem que faz, he responder a Pessoas gra-
«vissimas, que disso se queixão, que não ha de
«consentir que El-Rei faça tal, ou tal cousa; e
«das que lhe percebem passa Portaria, sem El-Rei
«o saber, e a este tom outras taes, que de a gente lhe
«não saber a razão, lhe dá algumas tão abominaveis,
«que he medo cuidar nellas, de maneira que a lin-
«goagem da gente mais grave he terem hum Rei
«captivo de dois Irmãos que, pouco, a pouco, o
«vão fazendo outro Rei de Ormus; tanto que tem
«a mais da gente assentado comsigo, que Vossa
«Reverendissima, que por ter a El-Rei mais segu-
«ro, lhe faz prometter Voto de Obediencia, como
«os da Companhia costumão a seus confessados;

. . . . . .

«sómente lembro a Vossa Reverendissima, que quer
«a tenção sua, e do Senhor Martim Gonçalves seu
«Irmão, seja sustentar esta grandeza, em que a
«fortuna os poz, como o Mundo cuida, quer o
«Bem Commum, como Vossas Mercês dizem; nun-
«ca vi maior esquecimento, que tratarem as cou-
«sas de maneira, que se fação a si, e a toda a
«Companhia e a Pessoa de hum Rei de dezasete
«annos, que naturalmente he amavel, os mais abor-
«recidos, e os mais odiosos, que quantos nunca hou-
«ve em Portugal, antes, nem depois de El-Rei D. Pe-
«dro o Cru; em tanto que nos lugares onde a gente
«de todos os Estados falla sem medo, vírão que to-
«marião antes ser governados por dois Turcos que

«os tratassem com amor, e prudencia, que do «modo que agora são, e nenhum mal tamanho «podia vir ao Reino, nem á Pessoa propria de El-«Rei, que Nosso Senhor guarde, que não hou-«vessem por grande dita, se com isso se hou-«vessem de ver livres do estado em que se vem. «Nosso Senhor he testemunha, que nada accres-«cento á commum opinião, desèjos, e praticas da «mais gente, e de mais qualidade.

«Ora como póde Vossa Reverendissima cuidar, «e o Senhor vosso Irmão, que Mando tão forçado «póde durar, e que corações violentados, e tiran-«nizados, se podem ter muito, que não arreben-«tem por alguma parte, ou que bem póde fazer «á terra que iguale a tamanho mal? Porque, se «tratão de tirar peccados, como dizem, que nunca «na terra houve tantos, nem tão prejudiciaes, por-«que ainda que nos da carne haja por ventura «menos dissolução publica (do que duvido mui-«to) de secreto ha os que sempre houve, e que «basta para condemnar as almas; e dos peccados «de espirito, que não são peiores, quasi ninguem «está izento; porque o aborrecimento de El-Rei «he geral em todos, o odio dos que valem com «elle he publico, folgar como todas as obras de «males da Republica he commum, o murmurar «das pessoas he infinito; e se não mande Vossa «Reverendissima proguntar por esses Confessio-«narios, e veja quantas pessoas, e gente acha «mettidas nestes peccados mortaes, e quão máo «remedio lhes sabem, nem podem dar, pois as «occasiões vão crescendo cada vez mais, e não

«póde a desaventura chegar a este Reino a peior «estado, que suspirarem lingoas (e darem animos, «e lealdades Portuguezas) por Senhorio Estran- «geiro, e darem razões para lhes ser melhor ser- «vir a Castella, que serem tyrannizados dos na- «turaes, e dizerem alto, que pouco lhes vai em «dizer: *beijo as mãos*, ou *bejo las manos a voestra «mercê;* e escrevem-se disto tantas Cartas, e no- «vas a Castella, que he medo.

«Pois que fará hum Reino tão pobre, e tão pe- «queno, faltando-lhe o amor, e lealdade dos Na- «turaes, e o aborrecimento de Senhor forasteiro, «que fez sempre a sua principal defensão? e não «se espante Vossa Reverendissima disto, porque «a gente que nunca viveo senão da affabili- «dade do seu Rei, não póde amar hum Rei mon- «tezinho, e que não vê, nem conversa gente, de «que mais se ha de servir; o que dizem que ain- «da que em parte venha delle ser corrido natu- «ralmente, todavia a maior parte, dizem todos, «que nasce de Vossa Reverendissima, e o Senhor «vosso irmão recearem, que se El-Rei conversar «gente nobre, se affeiçôe a outrem mais do que «a elles; o que affirmão os que alguma ho- «ra fallão com elle de vagar, porque certificão, «que achão nelle tanta habilidade, e tanto gosto «de tratar com os homens, que não póde ser senão «por isto; e que se o libertassem, e lhe não dessem «tanto por onças a conversação dos seus Vassallos, «fôra o mais excellente Rei, e o mais amado do «Mundo. Oh que infelice Portugal, pois Nosso «Senhor permittio ajuntar em hum mesmo Rei,

«sujeito, para ser tão amado, e Conselho para «ser tão aborrecido; natureza em que se en- «xerga o que sua vontade nos quiz dar, e cria- «ção, em que se visse o que nossos peccados nos «puderão tirar!

.....

«Veja Vossa Reverendissima pelo amor de Deos, «que se póde esperar, quando se virem as Cartas «destas novas por toda a Christandade, quando «os Mercadores de Lisboa escreverem a França, «Castella, Flandes, Alemanha, Italia, e a todas as «outras partes com que tem Commercio, que o «Padre Luiz Gonçalves, pessoa tão abalisada, e «principalmente na Companhia, e seu Irmão, fei- «to, e criado a sua mão, houverão por menos «mal perder-se de todo França, descontentar ao «Papa, aventurar a amizade de Castella, pôr os «naturaes em perigo, com o desgosto dos Reis «vizinhos, que arriscar hum pouco do Mando que «tem, principalmente ajuntando-se a isto quão «aventurado fica tambem Portugal, com não ficar «na Christandade, com quem El-Rei Nosso Se- «nhor possa casar tão cedo. Que credito será o «da Companhia nos outros Reinos! Que devação «lhe terão os outros Principes! Como se fiarão «della, quando virem que deste Reino sahem, «onde tudo se governa por ella!

«Dir-me-hão que a verdade de suas conscien- «cias os assegura; confesso que he grandissima «consolação, e que mal poderei eu crer nunca «isto que a gente, destes dois Religiosos, pois de «dois Turcos o não querêra, mas a huma só cousa

«não acho razão, nem a Vossa Mercê desculpa, «como se attreve o Senhor vosso Irmão mancebo, «e Vossa Reverendissima mettido no seu Collegio, «a tomar sobre si tamanha carga? Como ousa- «rão que El-Rei Nosso Senhor, que tão sugeito «lhes está, contra parecer dos do Conselho, como «Vossas Mercês só resolvessem em Negocios tão «importantes? Como não fizerão o possivel, para «que El-Rei Nosso Senhor, chamasse os Senho- «res, e homens de ser que ha no Reino, ou com «o conceder com seus Pareceres, ou para nega- «rem com elles, ou para serem Testemunhas, que «elle só por si o negava, sem presumpção de «ninguem? Materia era esta, para se hum Rei de «dezasete annos resolver por si só, e para ne- «nhuma pessoa particular, querer ser havida por «Author della; porque se El-Rei se resolveo com «Vossas Mercês, como a gente cuida, foi grande «atrevimento, não se espante do escandalo da «terra; e se não forão desse parecer (como nos «dizem.) Não sei se diga que foi grande esqueci- «mento, não trabalharem muito de pressa por «terem Companheiros, ou para effeituar, ou para «Testemunhas de seus desejos. Praza a Nosso Se- «nhor, que não seja eu falso Profeta, e não paira «isto antes de muito tempo, algum mal, e não «fallo sem causa.

.....

«Faça Vossa Reverendissima por amor de Deos «(pois deve ter amor a El-Rei, como quem o criou) «chamar homens de que a gente tenha credito, «e satisfação (que pudera apontar, porque ouço,

«e sei) e Authoridade diante de El-Rei, e de ser, «e merecimentos, e parte as culpas para muitos, «aventure-se o Senhor seu Irmão, a valer menos, «e a lançar El-Rei mão de outra gente, desbara-«tada, e perdida de todo, por mais merecimen-«tos que tenha, tanto que o Senhor Vosso Irmão «tiver pouco gosto della, porque tudo por derra-«deiro, vem a resultar em odio de El-Rei, inquie-«tação da terra, e muito maior odio de Vossas «Mercês ambos. Torno a tomar a Deos por Tes-«temunha, que não accrescento de mim, senão «que digo o que o commum da gente diz, mo-«vido de zelo Christão, e do amor da patria, e «por cumprir com a Caridade Christã. Não trate «Vossa Reverendissima, de querer saber quem «isto escreve, porque se lhe parecer bem, conten-«tar-se-ha quem o fez com o remedio das cousas, «e com rogar Vossa Reverendissima a Deos por «elle; se lhe parecer mal o zelo, o disculpe, e «como Deos he Author das Verdades, cuide «que lhe manda dizer estas por outra Asninha, «como a de Balaão. Nosso Senhor alumie a Vossa «Reverendissima, e o ensine a acertar sempre.»

Quem ler na integra a carta d'onde tomei o que lido fica, já talvez me não accuse de nimio temerario pelos ditos e feitos que ao senhor Martim Gonçalves attribui; pois até ha nella certas reticencias, que, devidamente interpretadas, não são pouco significativas.

Nos *Avisos do Ceo*, por Luiz de Torres de Lima, obra de bastante conceito para este caso, por mui

achegada aos tempos de que fallâmos, se lê:

«Veio a triste nova do desbarate, e como fica-
«va enterrado o Reino no campo de Alcacere, e
«morto El-Rei, e o mais acabado. Succedeu na
«corôa deste Reino o Cardeal D. Henrique, filho
«d'El-Rei D. Manoel.... Veio logo a Lisboa onde
«foi levantado por Rei.....
«.....
«..... chamou a Cortes os tres estados do Rei-
«no....

«Elegeu a cidade de Lisboa por procurador
«d'ella a Febo Muniz de Luzinhano, homem livre,
«e desinteressado, mas apaixonado, o qual foi Su-
«milher de corpus d'El-Rei D. Sebastião, e do
«Conselho de estado. Em tudo entrava Martim
«Gonçalves da Camara, e o Padre Leão Henriques
«da Companhia de Jezus, que todos trez rezavam.
«*Ora pro nobis.*»

Neste tempo era já finado Luiz Gonçalves da Camara.

Quem ler com a devida attenção e analyse, a *Deducção Chronologica*, colherá, mesmo a despeito da manifesta parcialidade do autor, uma certeza humana, das mais certas, de que todos os mais graves desastres de Portugal naquella edade calamitosa, foram obra dos padres da Companhia, dos quaes o padre Luiz Gonçalves (dado que alguns interessados nol-o pintem varão de virtudes) era o mais activo e efficaz agente para os maleficios, á conta do imperio que soubera adquirir no

animo e consciencia do real mancebo. O padre Luiz Gonçalves, já por si, já por seu damnado irmão, feitura sua, e seu braço direito, inimizou o rei com o reino, depois de o ter esbulhado dos conselhos dos Aleixos de Menezes, dos Peros d'Alcaçova, dos Migueis de Moura, e dos Jeronymos Ozorios, e de o haver até divorciado das pessoas que mais por sangue lhe pertenciam e lhe queriam.

Elles, os dois, isto é, os jesuitas, o desviaram do casamento, que todas as razões de estado, não só as da natureza, estavam requerendo; elles, elles provavelmente, o arremeçaram ao seu suicidio, e regnicidio Africano (é opinião de escritores graves e do chronista D. Manuel de Menezes). Sinto que os racionaes limites de uma nota me tolham adduzir o que na mesma *Deducção Chronologica* se alega, e documentalmente se prova, em particular contra Martim. Aos leitores duros de convencer, supplico eu se dêem ao trabalho de a compulsar.

Agora, para attenuar alguma estranheza que pudesse excitar o ambicioso soliloquio d'este mesmo Martim na abertura do acto segundo, oiçamos o que escreveu o Abbade de Sever no tomo III das suas *Memorias para o reinado de D. Sebastião*, cap. XXVII, fallando da primeira saida d'El-Rei para Africa (o que o valido então era, é o mesmo que o vemos ser aqui nesta segunda e ultima jornada do soberano):

«O despotico imperio, que na vontade d'elRey

«tinha Martim Gonçalves da Camara, lhe promet-
«tia que fosse eleito Governador do Reyno na sua
«ausencia; porém vendo nomeado para esta in-
«cumbencia ao Cardeal D. Henrique, lhe pareceo
«ser injurioso á sua pessoa sujeitarse a outrem
«que naõ fosse ElRei. Estimulado deste altivo pen-
«samento, se retirou para o Convento de S. Do-
«mingos de Bemfica, distante meya legoa de Lis-
«boa, de cuja resoluçaõ se escandalisou com ex-
«cesso o Cardeal, considerando como atrevimento
«o querer medirse com elle Martim Gonçalves,
«taõ differente por nascimento, como pela digni-
«dade, de que se seguio nunca mais ser aceito
«ao Cardeal, assim no tempo que governou pela
«ausencia de seu sobrinho, como depois quando
«cingio a Coroa desta Monarchia.»

Finalmente, o mesmo Diogo Barbosa Machado, e na mesma obra, tom. IV, cap. II, diz:

«A insolente arrogancia com que Martim Gon-
«çalves da Camara affectava o dominio que tinha
«sobre a vontade d'El-Rei, foi a causa fatal do
«seu precipicio.....» etc.

Aqui porém, que já se lá vai o drama, e com elle a licença de inverter uns factos e suppôr outros, convem notar, em abono da historia, que a regencia do reino, pela saida d'El-Rei, não ficou ao Cardeal, mas sim a uma junta composta de D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, senhor de Matosinhos, D. João

Mascarenhas, e Pedro de Alcaçova Carneiro, com a assistencia de Miguel de Moura, secretario do reino; apoz a qual junta, e só depois de sabido e provado o tragico fim do real temerario, é que seu tio consentiu em submetter os hombros velhos á grande carga; portanto, quando o nosso Martim no theatro se queixa de lhe *preferirem um Cardeal D. Henrique,* falla como o Martim da historia fallava na conjuntura da primeira expedição; o que até certo ponto me pareceu permissivel, pois que a regencia, presupposto o perdimento d'El-Rei, não era mais que uma pequena transição do reinado do sobrinho para o do tio.

Accresce que, até quasi ás vesperas do ultimo embarque para Africa, continuaram as diligencias de D. Sebastião para que o cardeal ficasse governador. Portanto, o suppor Martim que de feito o ficaria, nada tem de inverisimil; assim como para um velhaco e ambicioso do seu lote, nada mais natural que julgar que as recusações do velho não eram sinceras. Por derradeiro, eu não defendo; unicamente explico o que fiz ou desejei fazer.

Ácerca do trama em favor de Castella, ninguem ignora que essa idéa da juncção das duas corôas, arteiramente fomentada pelo governo castelhano, tinha já então partidarios em Portugal; o entrecho dramatico pedia-me que fosse Martim Gonçalves um d'elles; fil-o; o sujeito pareceu-me mui azado para nelle assentarem traições.

Para condimento a esta nota, que não podia deixar de ser sêcca e dessaborosa, venha por ul-

timo o que o meu amigo o sr. Garrett poz no canto VI do seu *Camões:*

«O sceptro de Manuel, nas mãos já debeis
de Joanne (1) começado a desdoirar-se
do esmalte das victorias, e triunfos,
de que tanta virtude o adereçára;
o sceptro, que nas mãos d'outro Joanne (2)
que ensinou a ser reis os reis do mundo,
fôra vara de lei, e de justiça,
fiel de liberdade bem pesada
na balança de publica ventura;
ora na dextra de inexperto joven
vergado a maus conselhos, vacillante
por mencio imprudente, mal dirige
a machina do estado, que parece
mover-se ainda pelo antigo impulso
de melhor regedor. O astro de Lysia
do zenith de sua gloria descrevia
curva affrontosa a miserando occaso,
que de Alcacer nas torridas arêas
erros, crimes, traições lhe estão minando.

Reinava Sebastião. — Se animo nobre,
se valentia, amor de fama, e d'honra,
bastára a fazer reis, fôra um rei esse;
mas... Sebastião reinava. Mal dormido
sobre os avítos loiros já corrêra
a segar palmas na africana terra,
que de nossas conquistas e victorias

(1) D. João III.
(2) D. João II.

berço fatal ha sido, e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado,
cuidou já da fortuna a varia roda
ter fixada co'a espada de mancebo.
Armas, pelejas, e victorias sonha;
e emtanto sobre as ondas mal seguras
voga, á lei d'ellas, o baixel do estado.
Em suas iras, de flagello aos povos,
um rei conquistador lhes manda o Eterno.
Avidas mãos do leme abandonado
validos travam, não a endereçal-o
para o rumo perdido, mas cubiça
treda, que os move, a syrtes, a naufragios
desarvorada a nau presto arremessa.
Liga fatal de sangue, e de maldades
uníra os dois irmãos, que astutas manhas
do animo real apoderaram.
Fanatico Luiz, Martim vaidoso,
ambos de oiro, e de mando insaciaveis,
hypocritas os dois, iguaes na astucia,
entre o joven monarcha, e entre o seu povo,
entre o chefe, e a nação, ardua barreira
de impostura e traições alevantavam.

Do Escurial a onça refalsada,
co'a raposa do astuto Vaticano,
os negros fios da ambição urdiam.
Que por mãos de vendidos conselheiros (1)
em labyrintho escuro enrevezavam
os descuidados passos do monarcha.

(1) Allusão ás machinações de jesuitas.

Murmurava em silencio mal sofrido
da nobreza leal o escaço resto,
que do antigo despejo lusitano
os francos sentimentos conservava.»

Tenho por escusado advertir que o casamento de Martim Gonçalves com D. Caterina de Atayde é mera ficção, ficção exigida, e portanto justificada, pela conveniencia dramatica. Se me estranhassem o apparecer a rainha D. Caterina medianeira e fautora d'este consorcio por se saber quão avessas vontades eram a de Martim Gonçalves e a sua, responderia que antes d'essas inimizades houvera entre ella e elle, ou entre ella e os jesuitas, que val o mesmo, muito boa paz e concorde viver.

AFORISMOS PARA REINANTES

(Tomo I pag. 152, linha 7—*A ti quero, meu poeta, para guia e esforçador; que assaz em teus versos mostraste seres cabal para dizer verdades atrevidas.*)

Aforismos mais guapos para reinantes não os ha, que esses que a rainha D. Caterina, viuva de D. João III, presentou a seu neto, D. Sebastião, na vespera d'este assumir o governo, e os que o mesmo D. Sebastião deixou escritos no seu memorial, e que, segundo noutra nota já tocámos, poderiam haver sido em parte suggeridos pela carta do poeta Ferreira. Fénélon, em todo o seu

Telémaco não metteu mais nem melhor doutrina que esta; val a pena de se ler na *Chronica* do mesmo Rei, por D. Manuel de Menezes. Quando bem se hajam meditado esses aforismos e se recordar tudo o que o grande juizo de Camões pelo discurso do seu poema foi prégando a senhores e principes, então se comprehenderá e apreciará melhor o espirito d'esta scena X. do acto 3.°.

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

(*Nota nova nesta segunda edição*)

Não posso dar maior opulencia a esta collecção de notas do que introduzindo nellas um magnifico trecho poetico *Os ultimos momentos de Camões* genialmente vertido do italiano de Leone Fortis, e verdadeiramente originalisado portuguez pelo nosso Mendes Leal.

Ignoro quando fosse composto e publicado o mui notavel trecho do veneziano. Julgo-o todavia posterior ao meu *Camões*, e mesmo ao dos srs. Perrot e Du Mesnil. O que sei é que eu nem sequer sonhava a existencia de semelhantes paginas antes do dia em que Madame Ristori nol-as fez applaudir no nosso theatro.

Mas a questão de precedencias, de encontros, ou de originalidades, não vem para aqui.

Para melhor apreciação dos versos que os leitores vão admirar, não os desacompanharei da

luminosa advertencia que o traductor lhes antepoz:

«Com este titulo de *Ultimos momentos de Camões* foi-me apresentado pela insigne tragica Madame Ristori um pequeno poema dramatico, do veneziano Leone Fortis, segundo todas as probabilidades fragmento de obra mais complicada, senão mais importante. Procurava-se um traductor, não apparecia; instava o tempo, faltava pouco mais de quarenta e oito horas: tomei sobre mim o empenho.

O poema havia de ser recitado em dia improrogavel. No praso designado estava prompto. Fez-se d'isso, em horas tambem, uma edição pequena e informe, que assim mesmo foi um milagre. Póde ahi confrontar-se o poema italiano e o poema portuguez.

Nunca julguei toleraveis as traducções de verso para prosa. É verter duas vezes, e ambas mal; ou, antes, não é verter, é perverter.

Para maior obrigação de poesia era o protogonista do poema *um poeta!* Para maior devoção de portuguez era o nome do poeta *Camões!* Quem havia de ter alma de dilluir esta homenagem ao talento — e ao talento nacional — em periodos desenxabidos, que ficariam por força trivialidades ou semsaborias?

Eis a historia succinta d'esta versão.

Agora algumas palavras ácerca do poema original, que é o meu intento.

Os tres personagens—Camões, D. Catharina de Athayde, e o Jáo—são, afóra alguns lineamentos geraes, puras fantasias. É um poeta conformado por molde já visto e um pouco banal; uma mulher inspirada de idéas generosas e exaltada da paixão reprimida; um confidente vulgar e sentencioso. Nenhum d'estes caracteres tem grandes novidades. Falta em cada uma das figuras, bellas, mas de uma belleza commum, a verdade historica—mais, a verdade nacional.

Não me refiro ao anachronismo da entrada dos castelhanos; os anachronismos são admissiveis nestas composições quando d'elles resultam grandes effeitos. A verdade de que fallo não consiste na servil obediencia ao kalendario e á chronica; deve transluzir no *sentimento* profundo de uma época; e é a ausencia de tal sentimento que se nota.

Vai longe, muito longe, da monja enthusiasta á Natercia olvidosa, e do Jáo discreteador ao escravo asiatico. O poeta-soldado póde ser de todos os paizes: não se lhe vê o cunho de uma individualidade poderosa.

A realidade, creio, seria bem mais dramatica do que tal ficção. Se eu ousasse tratar o assumpto, preferia-a.

Tudo isto senti trasladando o poema. Mas era, e cumpria que só fosse, traductor. Cingi-me pois escrupulosamente ao pensamento do original. Sub-

stitui apenas por expressões mais genericas algumas designações inutil e flagrantemente oppostas aos factos conhecidos. Cuidei tambem em dar mais propriedade, energia e vigor á imagem e á frase, quando me pareceu que uma ou outra afrouxava ou se desmandava.

A poesia italiana, e sobre tudo a poesia dramatica moderna, admitte liberdades, que para a nossa importam defeitos. A divisão dos periodos, a incisão, o movimento metrico, são coisas quasi exclusivamente subordinadas ás conveniencias da declamação. Comprehende-se que seja assim numa lingua flexibilissima, em que a suavidade melódica das desinencias basta para supprir os rigores rythmicos.

Não é o mesmo o verso portuguez, especialmente o verso solto, que só merece a qualificação de verso quando é cheio, expressivo, cadente e magestoso. Carece para isso de esmerar a distribuição das locuções, graduando na collocação a nobreza dos conceitos, e fugindo com grande cuidado ás disjuncções abruptas da frase.

Indíco estas condições para dizer que procurei satisfazer-lhes. Se o consegui cabe ao leitor julgal-o. Servirá tambem para os que pensam que isto de poesia não é mais do que enfileirar as linhas e casar as rimas, ás vezes com escandalo da grammatica.

O autor do poema inculca imaginação fogosa, frequentemente desregrada. A verdadeira sensibilidade não abunda. A imitação de affectos convencionaes predomina. É antes um reflexo bri-

lhante do que uma concepção feliz. O que mais naturalmente respira é a impaciencia e o odio á dominação estrangeira.

Se é veneziano!

Basta para inspirar sympathia. Traz-nos demais a sua obra páreas remotas—e páreas bem significativas—a uma gloria que nos compendia outras muitas.

Quanto póde a fraternidade intellectual! Quem diria, ha tres seculos, que a orgulhosa Veneza, desapossada pelo Gama do imperio do Oriente, cantaria hoje o cantor do grande almirante!

Acreditei que, ao menos pela singularidade, não seria absolutamente inutil vulgarisar entre nós tal commemoração e tal testemunho!

OS ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES

Pobre e desnudo aposento no hospital de Lisboa. A um dos angulos janella, d'onde se avista o porto e parte da cidade. Saída ao fundo, e por cima da porta escrito o n.º 10. Noutro angulo um estrado coberto com uma pelle de tigre. Á direita um genuflexorio diante de uma imagem. Á esquerda mesa e escabello. Poucas cadeiras guarnecem a scena. Vai declinando o dia.

SCENA I

CAMÕES E ANTONIO

CAMÕES, *sentado á mesa como quem escreve.* ANTONIO

encruzado sobre a pelle de tigre. CAMÕES, *arremeça a penna e comprime a fronte.*

Ai! nada aqui, mais nada! Em vão te agito,
cinza soberba d'um pensar grandioso,
que, audaz outr'ora, se inflammava em gloria,
e a luz e a chamma diffundia ao mundo!...
Em vão te agito, em vão, para extrair-te
uma extrema faisca!... É fogo extincto
sob os gelos da angustia!... E eu fiquei vivo
para ver-me cadaver... E neste peito
só tenho coração, se o tenho ainda,
para em fel se embeber, turgir-se de ira!...
(*Com impeto cada vez maior*)
Está cheio, e trasborda, e já não cabe
neste invólucro fragil, todavia
tão pertinaz e rijo!... Ai! bate, pulsa
outra vez, coração d'um moribundo,
pulsa, irrompe, e o teu carcere rebenta!
(*Antonio ergue-se, e achega-se a Camões, que se levanta amparado por elle, e vem á frente da scena*)
Maldito seja o dia em que imprudente
com ousada avidez fitei meus olhos
no amplo espaço, e nos misticos arcanos
do ceo, do mar, da natureza immensa,
multiplice e infinita...
(*Com paixão*)
em que arrobado
os repoisei, extactico scismando,
no branco rosto de gentil donzella...
em que, na rotação fatal dos astros,
no anhélito do oceano, que suspira

ao seu nocturno enlevo, nos robustos
e longos, longos frémitos da terra,
no casto e senhoril pallor femineo,
o amor adivinhei!... Amor!... Ai! triste!
amor, disse eu?... O amor!... Essa palavra,
em minh'alma sedenta fecundada,
foi a primeira que ensaiei na lira,
do canto juvenil nota primeira!
Estremeci de jubilo e de orgulho
quando fugaz um eco d'esse canto,
volvendo a mim das auras impellido,
me toou: — «Sê poeta!» —
(*Amargamente*)
Infausto arrojo
do verdor de taes annos! Eia! agora
dos loucos sonhos teus exulta, ó louco!
Acaso a gloria não pediste?
(*Indicando com o gesto as paredes nuas do aposento*)
Acaso
este o templo não é que lhe sonhaste?
os espinhos da c'roa astringe á fronte,
sofre calado... e morre!

ANTONIO (*brandamente*)

Aos teus pezares
dá tregoas, ó poeta. O ceo clemente
deu-te um gozo immortal vedado ás turbas,
ignotas alegrias, sacras prendas,
e co'as prendas uma alma digna d'ellas!

CAMÕES (*interrompendo-o*)

Emmudeceu, Antonio, e para sempre,
esta alma de poeta. Um só affecto,
um só, sublime e horrifico e divino,
d'essa alma foi a lampada votiva:
no assolado recinto jazem tristes
a lampada sem luz, o altar por terra!
(*Como enlevando-se nas suas lembranças*)
Ai! Catharina! pensei eu que um dia,
a teus pés inclinando lira e espada,
me acclamasses, altiva dos meus feitos,
guerreiro teu e teu poeta!... Anciava
de meus loiros ornar-te a negra trança,
e mais brilhantes ver os meus triunfos
fulgindo-me em teus olhos!...
(*Quasi em delirio*)
Com taes sonhos,
com estes sonhos férvidos, volvia
ao reino, ao berço meu, ao patrio Tejo,
e ao seu porto coalhado de galéras
sob um ceo de safiras cravejado;
e voava anhelando já rever-te,
e ébrio de amor ao coração cingir-te!...
cingir-te ao coração!...
(*Desesperadamente*)
Procuro embalde
a cova em que descanças, para, ao menos,
em cima lhe poisar convulsa a fronte,
e sobre ella pedir a paz á morte.
Que me valeu bradar por essas praças:
— « Camões sou; sou Camões! Ó portuguezes,

« se invejados vos torno do universo,
« se vos hei dado a gloria, dae-me a campa,
« dae-me em troca uma campa, uma sómente,
« a sua campa, a campa em que ella dorme, .
« e nada mais vos peço!... » —
(*Ironicamente*)
Olha esse louco! —
— D'onde vem? — Que nos quer? — Camões! —
Que nome! —
— Que extranho nome! — Ao hospital com elle!...
Maldito o engenho meu!...
(*Serenando gradualmente*)
Deus, perdoae-me!
perdoae, que deliro. Imperscrutaveis
são teus sacros designios. Eu te adoro
de joelhos, Senhor; e reverente
este alto don do meu martirio acceito;
e acceito-o bemdizendo-o; e firme espero
leval-o ao cabo sem orgulho insano,
sem vil fragilidade!
(*Com abatimento*)
Oh! quanto sofro!
Ai! que a dor das feridas se exacerba!...
Que destinais, ó Deus, do tronco exhausto
que o tempo devastou; que o tufão bravo
das paixões estorceu; e que só dura
para attestar o turbilhão e o raio?
Dae-me a paz, Deus potente: mereci-a!

ANTONIO

Por pouco está, que já nos vem chegando
a hora do descanço. Este deserto

juntos vadeámos. Mal nos faltam breves
do adusto areal os cómoros extremos:
é só transpol-os; e estendemos juntos
os membros de fadiga quebrantados
no abençoado oásis do sepúlcro.

CAMÕES (*alvoroçado*)

O sepulcro!... Ai! benéfica palavra!...
Não foi dos homens invenção a morte.
Se o fosse, fora tétrica e medonha.
Veiu, oh! veiu do ceo, e o ceo lhe aggrega
tamanho alivio, tão cabal conforto,
que o não tira, nem dá, ninguem na terra!...
oh! se a morte viesse!... Tarde chega...
Não... chega já... Celestial piedade,
reconheço-te grato!... Oh! patria minha,
teu cantor vai morrer, morre osculando
da tua viuvez as santas vestes...
(*Irado*)
Antes que a mão do castelhano as rasgue,
e te desnude o corpo immaculado;
antes que a regia coma ouse empolgar-te
rojando-te no pó entre os escombros;
antes...
(*Delirante*)
Os castelhanos!... São... Repara...
Eil-os já... dos clarins o som não ouves?...
Não: o amado som não é, que tantas vezes
ao campo me chamou...
(*Irradiando-lhe o enthusiasmo no rosto*)
Então cingia,

todo alvoroço, o cossolete e o elmo,
e o meu fero ginete cavalgando
á carreira o incitava com meus cantos!
Pulava-me elle vallas e silvados,
e no ardente relincho respondia!
Denso em torno chovia o sibilante
granizo dos pellouros, e toldado
eurubescia o ar...
(*Transportado e imaginando-se na batalha*)
Galga-se o fosso,
as tranqueiras são pó... Eis o estandarte
ali... ali... ávante, portuguezes!...
E eu escalava os disputados muros
do bastião, primeiro entre os primeiros;
e a minha espada ao sol relampeava
com terrivel fulgor brandida em volta!...
Rugidos, e blasfemias, e soluços,
e as preces da agonia, e ós ais da morte,
e em rumas os cadaveres disformes!...
No feroz vendaval, ondas sobre ondas
d'infantes e ginetes se arremettem,
se encontram, se entrechocam, se dispartem,
se reunem, se investem, se aniquilam!...
Na confusa voragem revolvidos,
cavalleiro e cavallo vão fogosos
aspirando os effluvios da batalha!...
Portuguezes clarins, eu vos saúdo!
Sacrosanto pendão de minha patria,
a ti me curvo!...
(*Dobra o joelho; depois ergue-se horrorisado*)
Em pé, Camões!... Resurge!
Esses sons, essas hostes, são, poeta,

os clarins do invasor, de Hespanha as signas!...
A que vindes, soldados de Philippe?...
Que se erga e que me siga quem tem inda
portuguez coração!...
(*Com exaltação a Antonio*)
A minha espada,
a minha espada, Antonio! Em continente
quero a espada e o corsel!
(*Em tom de commando como se fallasse aos guerreiros*)
Em riste as lanças!
os mosquetes ao rosto! Eia, a meu lado
as filas apertae!... Rompa-se em cheio
como a ira de Deus sobre os contrarios!
co' o ferro, o braço, e a vista os dissipemos!...
(*Suffocado de alegria*)
A galope! a galope!
(*Volvendo atraz como se topára alguem*)
Quem és, dize,
tu, que fero ante mim na pugna surges,
mercenario de Hespanha? N'alma sinto
que mais te odeio, e mais rancor me infundes
do que franco inimigo em campo aberto.
É tal este rancor, que sequioso
me faz do sangue teu! Mal te suspeito...
Mas o olhar... o satânico sorriso...
(*Toma-lhe gradualmente a physionomia uma terrivel expressão de odio: prorompe num grito*)
É elle... és tu... Camões te encontra, entendes?
Este nome te sôa a hora extrema
em dobre funeral! Fugir não podes...
escutar-me é forçoso... Houve uma dama,
que me foi anjo e amor e lira e gloria!...

A um mercado de infamia a constrangeste,
manchaste o anjo, e a lira me partiste.
Truão outr'ora me chamaste, sabes?
hoje, aqui, o destino... a Providencia...
o fidalgo e o truão põe frente e frente!
Teu juiz ora sou...
(*Com gesto solemne*)
Vês iracundos
os espectros dos miseros, que á morte
co' a nefanda traição votaste, ó Judas?
Não vês ao longe, em regiões infestas,
branquejarem seus ossos insepultos?
Não vês surgindo as sombras dos valentes
a quem foi, além mar, sudario horrendo
a movediça arêa dos desertos?
Attenta nesse, que te arroja ás faces
o sangue nas feridas coagulado!
É D. Sebastião, o rei mancebo,
o nosso rei, sedento de altos feitos,
que o nobre coração te abria crente.
Traiste-o, vil, e astuto o compelliste
á louca audacia d'uma guerra injusta,
por que a lei santa não se impõe co'as armas!...
A cruz de Christo mancha-se no sangue,
e nos odios se afeia, que blasfemam
o verbo todo amor!... Malditas sejam
d'Alcacere as planicies, oh! malditas!
(*Como dirigindo-se novamente ao personagem que julga ver*)
Ás tuas ambições degrau fizeste
dos fraternos cadaveres. Sem pejo
em sórdido leilão vendeste a patria

de Castella aos sicarios... Judas, basta!
De tantas ignominias Deus confia
ao braço do truão a desaffronta!...
Cortezão, potentado, em punho o ferro.
Vamos... cruzemol-os...
(*Como attonito*)
Que é isto?
Em pedaços a lamina já rôta!...
Oh! como torna a divinal justiça
debil e fraca d'um traidor a espada!
Ahi... no pó... no lodo... Emfim consigo
sob o curvo joelho comprimir-te!
Vivi por este instante... alcanço-o... É muito!
oh! jubilo excessivo... Ai! desfalleço!

(*Cai nos braços de Antonio, que o vai sentar numa cadeira com piedoso desvelo. Diminue gradualmente a irritação febril que o exaltava; as feições retomam a anterior tranquillidade, e fica adormecido num como placido esvaimento.*)

ANTONIO

Desfez-se emfim o temporal. Foi longo,
foi pavoroso o embate!...
(*Dobrando o joelho em terra*)
Deus, que levas
a salvamento o naufrago, acoçado
das procellas do oceano, oh! Deus, condoe-te
d'este cançado naufrago da vida!
Ao porto o acolhe, áquelle eterno porto,
onde as ondas se quebram da procella,
e em paz sem fim os ventos adormecem.

SCENA II

CATHARINA *e os ditos*

CATHARINA, *com o habito de religiosa, tem apparecido á porta do fundo, onde ouve as ultimas palavras de* ANTONIO.

CATHARINA

Deus vos oiça!

ANTONIO

Quem é?
(*Vendo a religiosa*)
É já da tarde
a piedosa visita. Entrae. Bemvindas
sois á triste mansão, vós, generosas
confortadoras do mortal trajecto,
que o branco veo pendeis no travesseiro
do agonisante. Aqui é bem preciso
esse conforto angelico. Foi grande,
grande a dor que o prostrou. Além repoisa
qual palmeira do raio visitada.
Vel-o podeis, irmã.

CATHARINA (*acercando-se apaixonadamente de Camões, fitando-o, depois recuando aterrada, e como se angustiosamente fallasse comsigo*)

Oh! Deus tremendo!
Quão demudado está! Ai! que sómente

pode o meu coração reconhecel-o!...
Frio suor lhe escorre a fronte! Os olhos
nas orbitas se encovam... Lasso e oppresso
lhe arfa o peito!...
(*Desesperadamente*)
O regelo este é da morte;
é da morte o stertor!...
(*Com um grito*)
Camões!

ANTONIO (*interrompendo-a*)

Silencio!
Pois que sabeis seu nome, sepultae-o
no coração bem fundo, irmã. Se o eco
o repetisse ao moribundo, ai d'elle!
esquecido, esquecendo, quer ao menos
cerrar em paz seus olhos, sem lembranças
das grandezas, da altura luminosa,
d'onde a dor e a miseria o despenharam
nas trevas d'este abismo.

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Não: que viva!...
Poeta, has-de viver!...

ANTONIO

Funesto augurio!
Para quê? Não tem já no mundo allivio.
Tel-o não póde. É-lhe a terra esteril,

lugubre e muda, esqualida e deserta.
Os amigos, os raros, viu-os mortos
nas plagas africanas a seu lado,
e entre sombras, como ellas ficou sombra.
Volvendo á sua esplendida Lisboa,
achou-lhe o claro ceo fusco de nuvens,
e os cautos habitantes clausurados,
segredando a tremer tremulas frases!
Se o nome illustre sussurrava algures,
dava apenas sinal de conhecel-o
um aperto de mão secreto e longo,
um truncado suspiro, e a medo e a furto
alguma voz submissa murmurando:
—«Foge, foge, Camões, ao solo infesto.
«O cantor dos *Lusiadas* não acha,
«não póde achar abrigo nem guarida
«entre os vendidos servos de Philippe!» —
E elle anciava fugir, afim de livre
no livre canto fulminar traidores,
preparando co'as iras a vingança!...
Nem fugir poude!... Enfermo e mendicante,
sofreu... tudo sofreu... tudo... até fome!...
(*Horrorisado*)
a fome! ouvis?
(*Cobre o rosto com as mãos: depois descobre-o, e fita-a*)
Chorais? Chorastes?

CATHARINA

Chóro,
mas não chóro por elle, que na fronte,

na augusta fronte cinge santamente
a aureola do martirio, illuminando
a pobre estancia co'o esplendor da gloria;
e do triste refugio onde se esconde
o templo faz, o monumento, e o solio,
ante o qual hão-de vir ajoelhar-se
as gerações e os seculos...
(*Com paixão*)
Pranteio
essa, que o grão cantor estremecia
d'um affecto sem mancha e sem limite,
a quem por dita coube tomar parte
no audaz scismar, nos agros desenganos
d'aquelle altivo espirito, e apontar-lhe,
nas horas em que a duvida lacera,
o Deus que tem os evos por ministros
das rigidas justiças...

ANTONIO (*interrompendo-a*)

Essa dama
não recordeis. Amou Camões, e poude,
poude esquecel-o! Um mimo tão precioso
do ceo desconheceu!... Deplora-a elle
ha muito extincta... Oh! lagrimas baldadas!...
ella vive.

CATHARINA (*com força*)

E que vida! Acaso a sabes?
Sabes tu—tu que a julgas—quaes tormentos
o coração convulso lhe espedaçam?

(*Em tom profundo*)
Disseste-o: vive; vive, sim; mas viva,
num tumulo os perversos a encerraram.
Com tal calumnia, Antonio, não n'a opprimas.
(*Levanta o veo*)

ANTONIO (*maravilhado*)

Tão alta dama aqui!

CATHARINA

Aqui só entra
do sagrado Sepulcro, irmão, a monja.
Esposa sou de Christo, e não receio
profanar-me no affecto casto e puro,
que o espirito engrandece! Longamente,
no desastre de Alcacer crendo-o morto,
tambem eu o chorei. Abençoava
a divina clemencia, que me abríra
ás memorias e aos prantos santo asilo
na sombra do mosteiro. Hoje, sentada
á solitaria adufa, a vista errante
espairecia em poz de solta nuvem,
em quanto para mim rememorava
um triste canto seu. Baixando os olhos
vi-te, vivo, em Lisboa, Antonio! — «Vive!
«elle vive tambem! volveu á patria!» —
disse commigo... e arrojo-me, e atravesso
os claustros, a ampla escada, e os atrios amplos...
detem-me o passo imperioso acêno...
Embalde! embalde!... Livre está minh'alma!...

Meus thesoiros e joias com mão larga
profusamente espalho... As fataes portas
descerram-se por fim... indago, e corro,
(*Com paixão*)
e aqui venho... aqui estou!

ANTONIO

Perdão, senhora,
da acerba e injusta queixa vos supplico.
Pois que a parte melhor da sua vida
hoje lhe torna, ha-de tornar-lhe a esp'rança.

CAMÕES (*sonhando*)

Oh! Catharina!

ANTONIO (*a Catharina*)

Ouvis? Inda vos chama.
Esperava por vós.

CATHARINA (*com impeto*)

Eis-me a teu lado,
Camões!

CAMÕES (*ainda mal desperto*)

Que voz é esta? Quem me busca?
(*Volta-se. Catharina abaixa o veo, e encosta-se-lhe ás espaldas da cadeira. Antonio inclina-se para elle. Camões observa attonito*)
Estavas só, Antonio?... Oh! sonhos gratos!...

A amada voz, tão intima d'esta alma,
n'alma escutava...
(*Irado*)
E ousaste despertar-me...
porque me despertaste?... Pois não vias
que em tal penar conforto me era o sonho?...
Responde: estavas só?

ANTONIO (*hesitando*)

Só não estava.

CATHARINA (*affectuosamente*)

Ao ceo pedindo a paz e o lenitivo,
por vós férvida orava junto d'elle
do sagrado Sepulcro a irmã.

CAMÕES

Piedosa
e bem piedosa fostes. Deus vos pague.
Oh! fallae-me outra vez. As vossas fallas
no coração profundas se me entranham.
Um doce, desusado sobresalto,
por suas mortas fibras se propaga,
e o torna aos melancolicos enleios,
misterio virginal da flor dos annos.
Este peso terrivel de ira e tedio
desejo, irmã, desafogar comvosco
discorrendo com Deus.
(*A Antonio*)
Deixa-me, Antonio,
com ella a sós.

ANTONIO (*comsigo*)

Senhor, tornae-o forte
para os jubilos, como nos trabalhos!
(*Sai*)

SCENA III

CATHARINA E CAMÕES

CATHARINA (*comsigo*)

Eis o instante supremo. Aqui te espera,
meu pobre coração fraco e indefezo,
um combate mortal. Ai! se o não vences!
Mas que posso temer? Que temo? Nada:
eu Catharina sou; Camões é elle.
(*Aproxima-se a Camões, e encosta-se-lhe novamente ás espaldas da cadeira*)

CAMÕES (*depois de meditar*)

Sabeis vós o que seja a adversidade,
irmã?

CATHARINA (*com inspiração*)

É dos magnanimos escóla,
aza do genio, prova formidavel
que os vulgares espiritos derranca,
e os grandes retempéra!

CAMÕES (*com progressiva dor*)

Em vossos olhos
os prantos já de todo se estancaram?
do desengano o halito invernoso
já, flor a flor, vos esfolhou na fronte
o jucundo festão das esperanças?
Acaso já terrivel amargastes
da virtude modesta a desventura,
a vergonha do genio, e, gelo d'alma,
a solidão no amor?
(*Amargamente*)
Ai! já bradastes
em momentos de angustia e horror:—«Mentira,
virtude, genio, amor... mentira é tudo!»—
Quem nisso crê, delira!

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Oh! não! Cá dentro
jamais a fé me desmaiou. Mais forte,
maior m'a fez a dor...
(*Mudando de tom*)
E todavia
muito sofri tambem, e chorei muito,
e foram essas lagrimas acerbas
as que travam mais fel, as derradeiras;
sulco profundo me rasgaram ellas
pelas faces ardentes, convertendo
em pedra os olhos meus...
(*Com força*)
Mas não, minh'alma!

No futuro acredito, que desdobra
já sobre ti as azas espaçosas,
e te sorri, e o seu Camões te chama!

CAMÕES (*impetuosamente*)

É falso... Não: Camões não sou... repara.
Escrito vê meu nome nessa porta.
Quem sou verás... o DEZ... um traço e um zero!...
Aqui um homem já não val um ente;
val... uma coisa: contam-n'a!

CATHARINA

Poeta,
volve a ti! D'esse espirito sublime
a egregia claridade não deslustres
na imprecação femínea que te abate!
Cede ao vento haste humilde; o roble altivo
o vento affronta e fica. A Providencia
não baldada te deu alma de vate,
animo invicto, um estro fulgurante,
e livre e forte o pensamento ousado.
Campeões do porvir o Eterno fada
os seus poetas. Dá-lhes do perigo
o posto honroso, porque a luta é grave.
Vil quem d'elle deserta, e as armas larga,
e com trémula mão indigno esconde
o sello divinal que tem no rosto!
Queres tu desertar, cantor do Gama?
Desappareça o homem com seus males,
com as suas fraquezas e terrores,

co'a dubia contricção, e as baixas iras,
co'a incerta crença, e os votos inconstantes,
(*Com enthusiasmo*)
e surja emfim Camões!

CAMÕES (*cuja physionomia se tem ido gradualmente illuminando ao ouvir as palavras de Catharina erguendo-se firme, com os olhos fitos no ceo*)

E surge! Longe,
longe de mim, covardes desatinos!
(*Voltando-se para Catharina*)
E tu quem és? Quem és que assim me fallas?
Córar Camões fizeste. A vez primeira
(*Comsigo*)
hoje córei com pejo de mim mesmo!
(*De novo a Catharina*)
D'um longo e ferreo somno me acordaram
essas nobres palavras. Á minha alma
desceram como doce melodia,
grata nuncia de paz, e pouco a pouco
a vão purificando d'estes odios,
por tantos, tantos annos condensados!...
Tu quem és? essa voz, irmã, conheço!...
(*Exaltado*)
Terá meu pranto commovido a morte?
És tu... dize-me, és tu?...
(*Abatido*)
Não, que a lousa
o que encerra não restitue.

CATHARINA (*extremamente commovida, cobre o rosto com as mãos, e chora*)

CAMÕES (*proseguindo*)

Tu choras?
Minha irmã, obrigado.

CATHARINA

Compadeço
a chaga horrenda, que te gasta a vida.

CAMÕES

Bem chaga, e bem horrenda... é pavorosa!
Ouve: amar neste mundo affirmam todos...
Torpe jactancia! Fabula impudente!...
não n'os creias, irmã, oh! não n'os creias!...
O verdadeiro amor é tal misterio,
tão divino, que a poucos escolhidos
em seu cabal poder fulgura inteiro
poucos tem vista que lhe fite o disco
ethereo e deslumbrante...
(*Com exaltação*)
Quem confunde
o relampago, e o raio não entende
a linguagem de Deus!

CATHARINA (*com enthusiasmo*)

Quem vê sómente

no sulco fumegante, que apoz deixa
esse fogo do ceo, ruina e morte,
mal conhece de amor a chamma intensa!

CAMÕES (*profundamente commovido*)

Quem és? Quem sois?

CATHARINA (*continuando arrebatada*)

Exhalação do eterno,
esta chamma sem fim devora e cria!

CAMÕES (*cuja commoção, crescendo gradualmente, chegou ao auge, com força, procurando reconhecel-a*)

Quem sois, irmã, quem sois? O vosso nome?
Houve uma dama só que me entendesse
como vós me entendeis.

CATHARINA (*commovida*)

Era essa dama?...

CAMÕES

Foi... Catharina d'Athayde!
(*Catharina levanta o veo; Camões encara-a fito, e exprime num brado o excesso da sua alegria*)
Oh!... Vives!...
És tu!... Reconheci-te... Aqui?... Deus mesmo,
o mesmo Deus me torna a minha lira,

o meu anjo da guarda, a que inspirava
minhas feras canções de amor e gloria!
(*Com força*)
Oh! traidores da patria, agora posso
a infamia eternisar-vos! Mais um canto
do coração me irromperá! Volveu-me,
(*Estreitando Catharina apaixonadamente ao peito*)
volveu-me Catharina!... Se és fantasma
do meu delirio, um pouco te demora;
detem-te ainda junto a mim, bem junto...
consente ao menos que eu prolongue o sonho!

CATHARINA

Não sonhas, não. Sou eu, eu que te fallo,
a que sempre te amou na longa ausencia,
e pela eternidade a amar-te volve.
(*Com força*)
Ha potencia mortal que desengaste
dos orbes seus a lua namorada,
e a guarde em ferros longe do seu astro?
Longe do foco ardente, aonde a invita,
e de continuo a attrae omnipotente
a voz do Creador?
(*Com confiança*)
Ambos quebrámos
nossos duros grilhões. De oppostos polos
redomoinhando nos topámos ambos
fóra do mundo...
(*Com exaltação*)
A Deus já pertencemos!

CAMÕES

Morrer!... Jesus! morrer tendo-te ao lado!...
e depois de rever-te!...
(*Suavemente*)
Ha pouco a morte
branda me parecia. — «Vou — pensava —
«encontral-a no ceo onde me espera;
«vou-me a fruir o amor na eternidade
«co'as bençãos do senhor e a vista d'ella...» —
(*Desesperadamente*)
Até nestas fronteiras da existencia
o derradeiro jubilo se torna
uma atroz ironia! Se te encontro,
é para te deixar e mais sentir-te!
Morrer não quero... Um dia, um dia, ao menos...
uma hora... mais outra de existencia!...

CATHARINA (*com força*)

Não morrerás!

CAMÕES (*com abatimento*)

Encára no meu rosto.
São estes, dize-me, os sinaes da vida?
Não ouves como, instante e pressurosa,
negra adejando me requesta a morte!
Este lentor, que gélido me orvalha,
é seu beijo primeiro... Já me toca...
e me invade... e me opprime... Ai! bem a sinto!
commigo está... Não vês... Eil-a...

CATHARINA (*com exaltação*)

Só vejo
o horisonte nas orlas arraiar-se
d'um suave fulgor. Ó meu poeta,
sorri... surges no porto... Emfim claréa,
alvorece-te emfim a aurora eterna
do eterno dia de repoiso e gloria,
e na fronte sem nuvens te rutilla!...
Chora, mas por mim só, que só me fico
rasgando os pés nas urzes do caminho!
Menos que tu sofri, menor direito
ao descanço ganhei. Colhe o teu premio.
E guarda-me! Teu genio o sabe: a morte
não separa, reune. Em breve unidos
para sempre seremos!

CAMÕES (*com voz profunda*)

E se tudo
sob a terra lethal emmudecesse?
o affecto? a mesma dor? até saudades?
se tudo quanto somos se extinguisse
co'o vil pó d'este corpo? se o sepulcro
a meta fosse extrema, e além... mais nada?
idéa pavorosa!

CATHARINA

E entrou na mente
d'onde ao mundo os *Lusiadas* brotaram!
Não sentes em ti mesmo a eternidade?

Renegas o teu genio portentoso,
ingrato ao Deus, que o dá, ao Deus que o vinga,
e aos pés te prosta os seculos, e cobre
de loiros immortaes o humano ultrage?

CAMÕES

Prosegue, Catharina... oh! continúa...
Respiro a custo... Densa nevoa em torno
carregar-se-me sinto... Onde estás?... Dá-me...
ai! dá-me a tua mão... Que eu morra ouvindo
a tua doce voz!...

CATHARINA (*comsigo vencida da commoção, que até aqui tem procurado esconder-lhe*)

Deus de bondade,
dae-me esforço, oh! meu Deus, para esforçal-o!

CAMÕES (*com enthusiasmo*)

Assim sonhei, assim cantei ha muito
a mulher, fervorosa incitadora
dos grandes, dos magnanimos instinctos.
E em ti pensava então, de ti cantava,
ó Catharina... Lembram-te os meus versos,
aquelles pobres versos, prenda occulta,
que tu só, mais ninguem, soube no mundo;
e que em teus labios me soavam cheios
de poesia tamanha?

CATHARINA (*com paixão*)

Se me lembram!
(*Declamando com muito affecto*)
Quem és, que passas férvida
nos ermos santuarios,
e exhalas casto effluvio
nos templos solitarios?

CAMÕES (*continuando, como quem recorda presadas memorias*)

Quem és, que a extincta lampada
da fé voltando accendes,
e entre o delicto e o arbitro
piedosamente estendes
o veo das tuas lagrimas
que um Deus vão applacar?
(*Afrouxa-lhe a voz: faz sinal a Catharina para que esta continue*)

CATHARINA (*proseguindo*)

Quem és que passas candida
entre a vergonha e o pranto,
onde as humanas lastimas
se chegam, dão quebranto;
e ás vacilantes duvidas,
e aos labios resequidos...

CAMÕES (*interrompendo-a, com muita commoção*)

A fronte chegas pallida
e os ergues convertidos;
e com teus puros osculos
os fazes esperar?

Bem vês... Morria aqui entre rancores.
Do ceo me desces... morro bemdizendo!

CATHARINA

Alegra-te, poeta. Chega ovante
a justiça de Deus. Hoje começa
vida maior. Teu nome glorioso
pelos evos se alarga. A longes plagas
ha-de ir, além das serras e dos mares,
dos ventos sobre as azas transvoando.
Esta terra, que ousou negar-te ingrata
o pão do peregrino, virá dia
em que, altiva, dos povos no concilio
a fronte exalce, ufana de chamar-se
a patria de Camões!

CAMÕES (*tristemente*)

A minha patria!
Perdoa-lhe, Senhor, a amarga taça
que ao filho seu brindou. Dos seus agravos
torna-a briosa e fera vingadora.
Em prol dos foros seus arma-lhe o braço;

és a justiceira espada de dois gumes!
A ti, ó minha patria, o adeus extremo
do teu poeta!...
(*Delirando*)
O meu laurel já vejo!
Dae-m'o que é meu... cingil-o quero á fronte...
Chegaste, amanheceste finalmente,
ó dia appetecido do triunfo!...
Que turbas apertadas! Quantos olhos
fitos em mim! Repete-se o meu nome
no coração, nos labios, nos applausos!
Meu nome!... E o d'esta?... Não, não vos esqueça.
Sem ella nada fôra. Só por ella
poeta sou... Escutas, Catharina?
Que longa acclamação de ouvir teu nome!
Rendo-te a fama, os loiros!...
(*Inclinando-se em sinal de preito*)
Honra e gloria
á musa de Camões!
(*Fica nesta attitude*)

SCENA ULTIMA

Os ditos e ANTONIO

ANTONIO (*da porta*)

Os castelhanos
entraram na cidade. O reino inteiro
é provincia de Hespanha!

CAMÕES (*erguendo-se firme*)
Os castelhanos!...

A hora é de morrer... Saúdo a morte!...
Adeus!... No ceo te espero, Catharina!
Dirás aos teus que portuguez eu morro,
e morro livre a abominar traidores!...
(Cai nos braços de Antonio e Catharina)

VOZES *(dentro)*

Real por D. Filippe e por Castella?

CAMÕES

Infame grito! Comprados alaridos!
(Arranca-se dos braços de Antonio e de Catharina, e arremeça-se á janella)
Real real por Portugal!
(Cai por terra e morre)

VOZES *(dentro)*

Ávante por D. Filippe!
(Precipita-se em scena o tumulto dos homens de armas)

CATHARINA *(estendendo a cruz, com voz e gesto imperioso)*

Atraz!... Este é cadaver!
Os mortos respeitae: Deus vol-o ordena!»

MORADA DE CAMÕES EM LISBOA

(*Nota nova nesta segunda edição*)

(Tomo 1 pag. 191, linha 2 — *Aposento apertado e pobrissimo, onde assiste Camões, na visinhança da egreja de Sant' Anna.*)

No seu bello estudo sobre a vida e obras de Camões, diz o sr. visconde de Juromenha, a pag. 149, o seguinte:

«No tempo de Faria e Sousa era a opinião mais «seguida que fallecêra (Luiz de Camões) em uma «pobre casa na rua de Sant'Anna. «Alguns dizen «que el P. murio en un Hospital. Pero los mas «dizen que el murio en una pobre casita en que «vivia cerca del Convento de Monjas Franciscas «y vocacion de Santa Anna.» O padre Francisco «de Santo Agostinho de Macedo, em uma biogra- «fia manuscrita, affirma que morrêra em uma «*casa humilde* na dita rua junto ao arco de Santa «Anna, e casa da Encarnação e pegada com a «ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. Ac- «crescenta Faria e Sousa, que esta casa da sua «residencia nunca mais fôra habitada; é notavel «que ainda hoje pesa o mesmo mau destino so «bre esta habitação. Se alguma vez o leitor subir «esta ingreme calçada, e fatigado parar no meio «d'ella, observe á sua mão esquerda uma casa «em ruinas sem habitador, que faz frente para «a rua e para o beco de S. Luiz, e tem o numero

«de policia de 52 a 54, e saiba que debaixo d'a-«quelles telhados porventura curtiu a mais cruel «e acerba desventura o Cantor immortal da gloria «dos portuguezes.»

O mesmo diligente biografo, na sua nota a pag. 510, voltando ao ponto, accrescenta:

«Por muito tempo se viu uma casa em ruinas «junto á ermida do Senhor da Salvação e Paz, que «está pegada á casa das Commendadeiras da En-«carnação, que tinha o numero de policia de 52 «a 54, e com uma das frentes para o beco de S. «Luiz, cuja casa era foreira a D. Aleixo de Mene-«zes, e foi ultimamente reedificada; este predio, «pela descripção da biografia do padre Fr. Fran-«cisco de Santo Agostinho, parece ter sido a ha-«bitação do nosso poeta.»

Seria grande custo para a Camara Municipal de Lisboa mandar embutir em pedra ou bronze na frontaria do predio um resumo d'esta noticia? Ha omissões que se não perdoam nem se explicam; uma d'ellas, e a mais vergonhosa, é esta.

LOGARES MEMORAVEIS

(Tom. I, pag. 206, linha 13. —
Tal patria não quer aferro;
antes choral-a na gruta
de Macau.)

Tudo que de perto ou de longe se refere ao viver d'um grande homem, concita valentemente as attenções. D'ahi, a veneração dos tumulos; d'ahi, a santidade das reliquias; d'ahi, o feitiço irresistivel das antigalhas: d'ahi, o resguardarem-se os autografos como thesoiros; d'ahi, as honras dadas aos nomes de familia; d'ahi as exhibições em Londres, de alfaias de Napoleão; d'ahi, os milheiros de bengalas de Voltaire que passeiam por toda a superficie da terra. Devotos, poetas, namorados, amigos, estudiosos, todos têem esta superstição: é pois da natureza, e, se da natureza é, para algum fim de utilidade nos foi dada. Em a nota, que já atraz fica, sobre honras posthumas, o aventámos, ao ponderar a virtude inspirativa de tumulos e estatuas.

Ha porém além dos tumulos, cofres de pó que foi de heroes, e, além das estatuas, reminiscencias de suas fórmas externas, muitas outras coisas suas, que não menos se devem salvar; assim para lhes augmentar a elles o culto como para despertador a outros, e tambem para credito nacional: taes são os logares consagrados pela sua presença, trabalhos e meditações. O que a alma assume de

poesia, de brios, de fidalga emulação, aspirando ares já respirados por immortaes, poucos haverá que alguma vez o não experimentassem. Quanto a mim, por muitas vezes o tenho sentido. Pois o estravagante e fantasioso acaso que preside a tudo que é meu, me tem levado a morar onde escritores de fama (mais ou menos merecida) haviam já assistido. Primeiro na quinta da *Madre de Deus* ao Seixal, casa outr'ora de recreação dos jesuitas, onde é fama que estivera o Padre Antonio Vieira. Segundo em Lisboa no Hospicio dos jesuitas do Maranhão junto á *Praça das Flores,* onde é provavel que o mesmo admiravel engenho habitaria. Terceiro na *Rua da Vinha*, ao bairro alto, no segundo andar das casas que fazem frente ao pequeno largo, nas quaes por annos viveu sósinho o autor do *Esope* e das *Pindaricas*. Quarto na *Rua da Conceição*, tambem junto á *Praça das Flores,* nas casas que fazem angulo da dita rua com a do *Monte Olivete*, Hospicio que fôra de Brancanes, e onde por isso costumava ficar, quando a Lisboa vinha, Frei José do Coração de Jesus, o Almeno, traductor das *Metamorphoses* de Ovidio antes de mim. Tudo isto na minha Lisboa. Em todas estas vivendas, sem exceptuar a do barbaro Almeno, me corria, nas horas quietas, não sei que viração convidativa de meditações, não sei que fragrancia vaga de lettras e poesia!

Outro tanto sentia eu quando, muitos annos depois da morte do meu eruditissimo mestre Antonio Ribeiro dos Santos, visitava como santuario as casas e jardim onde em menino o tinha

ouvido, na *Rua do Sacramento da Lapa*. Outro tanto quando entrei na casa àbarracada em que viveu de melancolia nos ultimos annos, e afinal falleceu, o Tolentino, na *Rua do Arco do Marquez*. Outro tanto quando a miudo peregrinava de dormitorio em dormitorio, e de recanto em recanto, no convento e cerca dos Dominicos de Bemfica; amores, bemaventurança e gloria do nosso melifluo Frei Luiz de Sousa. Outro tanto em cada convento que percorri antes de profanados, e ainda muito mais depois de profanados, pois nenhum d'elles deixou de albergar varões muito insignes.

Quem frequentou nunca a Universidade de Coimbra, que algum'hora se não engrandecesse com as lembranças das dezenas de classicos que outr'ora a cursaram, e muitos dos quaes lá foram mestres!: Diogo de Teive! Antonio Ferreira! Sá de Miranda! Luiz de Camões! Gabriel Pereira de Castro! Jeronymo Osorio! Antonio de Castilho! etc. etc.! e lá mesmo, fóra da Universidade, mas ainda dentro d'essa feiticeira Coimbra, quem não viu em espirito, inteira e completa, a tragedia de Dona Maria Telles visitando em *Subripas* a antiga e veneranda casa de Templarios, e a de Dona Ignez de Castro vendo correr a fonte das lagrimas?!

Ora pois, se os sitios aprehendem alguma coisa dos seus moradores para o ficarem invidando por esses seculos fóra, e taes invites não são estereis; se o *Itinerario da Terra Santa* de Chateaubriand, e a *Viagem ao Oriente* de Lamartine não tiveram outra origem; se o mais gostado de Lord Byron

são as suas reminiscencias por entre as ruinas da Grecia; se a *Corina* de Madame de Stael brotou tão seductora do chão da Italia, só composta de suas brilhantes exhalações; se, numa palavra, em todos os escritores de maior alma as paginas mais attractivas lhes foram inspiradas pelas saudades, e as saudades pelos logares, testemunhas, e theatros das grandes coisas e pessoas do mundo preterito; e se é certo que esta invisivel mó do tempo vai desfazendo de continuo os edificios, as pedras, os nomes e as memorias, porque não havemos de disputar ao esquecimento o mais que possivel fôr d'essas mesmas memorias, mirrados frutos das edades extintas, mas germes, e, quando menos, adubio de bens e gozos no futuro?! Quão sem custo não póde qualquer municipio assinalar com uma lamina de metal esculpida com o nome da pessoa, e datas do seu nascimento e morte, a frontaria de cada casa em qũe haja nascido, vivido ou acabado, um homem notavel nas sciencias, nas lettras, numa arte, num mister, nas armas, nas virtudes?! etc. (Os senhorios mesmos o deviam fazer por seu interesse). Soubesse alguem hoje onde tinha assistido o Camões na *Travessa do Monturo do Collegio!* por mais mesquinho que o predio fosse, veriamos se ficava nunca por arrendar, e por bom preço, e por boa gente!

Depois, os nomes das ruas tambem, se os corpos municipaes fossem mais curiosos, se podiam tornar premios muito lisongeiros, e sem custarem um seitil. O Porto deu o exemplo, abrindo a *Rua de Ferreira Borges;* Lisboa fez o *Largo de*

Camões e a *Praça de D. Pedro;* porque não hão-de uma e outra cidade, e como ellas todas, seguir esses tres exemplos? Popularisar merecida fama, é sempre bom.

Venho já ao ponto. Muito naturalmente me influiu estas considerações a *Gruta de Macau.* Desejoso de poder com meus leitores visital-a, sequer em espirito, pedi a um amigo do poeta, e poeta elle mesmo, e meu amigo tambem, o ex.^{mo} sr. Frederico Leão Cabreira, uma descripção por escrito d'aquelle sacrario de inspirações, sempre venerado até de estrangeiros, e que a elle bem deliciosas as deu por certo. O sr. conselheiro, portuguez dos bons tempos ainda hoje, e tão devoto de reliquias d'estas, que até comprou naquelle glorioso oriente as ruinas da casa em que viveu S. Francisco Xavier, com alacridade acudiu ao meu empenho, e se com primor tambem, já se vai ver. De toda a sua resposta, só omitto o formoso comprimento em verso, com que o seu fanatismo d'amigo m'a endereçou.

«O sempre grande epico portuguez viveu cerca «de cinco annos de sua heroica e trabalhosa vida «na cidade do Santo Nome de Deus de Macau, «na China, para onde fôra em 1556, e d'onde re-«gressou a Goa em 1561. Na mesma cidade de «Macau, ainda então nova, e mal povoada, elegeu «a situação e gruta, de que vamos fallar, para «theatro de suas alti-sublimes meditações.

«Ali inspirado suavemente, compoz algumas «de suas admiraveis poesias

—«Aquelle, cuja lira sonorosa,»—
«em altiloco accento sublimado,
«com grande immortal brado,
«a fama eternisou prodigiosa
«da terra, e gente forte lusitana
«a quem não venceu arte, ou força humana.

«Trataremos primeiro da situação (naquelles «heroicos tempos ainda deserta e solitaria) e de- «pois fallaremos da gruta, que, tomando parte «na celebridade do grande poeta, se ficou cha- «mando

A Gruta de Camões.

«Existe ella em uma pequena mas formosa «quinta na distancia d'uns quinhentos passos da «muralha da cidade, a que serve de limite pelo «lado do norte; ligando-se a mesma quinta á «bella casa do seu actual proprietario, o illustre «cidadão Lourenço Marques, que a houve por ca- «samento com uma sua proxima parenta, filha do «fallecido conselheiro Manuel Pereira, portuguez «europeu estabelecido ha perto de um seculo «na mesma cidade, aonde adquiriu consideravel «fortuna, e a quem se attribue a erecção d'estes «recommendaveis predios, ou ao menos a mag- «nificencia, e formosura, que ao presente osten- «tam.

«A posição é elevada, e se communica com a «cidade por uma curta rua, que, partindo d'um «espaçoso átrio quadrado, fronteiro á casa, de- «semboca no bonito largo da Egreja de Santo «Antonio, uma das tres parochiaes que a povoa-

«ção contem. A mesma casa, sem muita elegan-«cia exterior, tem grandes salas apparatosamente «mobiladas, e vastas acommodações: umas feitas «de novo, e outras melhoradas nestes proximos «annos: mas pouco se vê de fóra, por estar pre-«cedida do lembrado átrio, e circundada dos outros lados, por alto, copado, e frondifero arvoredo.

«Entra-se para a quinta, não só pelo interior «da casa, mas tambem por um largo e rico por-«tão de ferro, existente ao seu lado direito, no «referido átrio; e d'esta entrada se utilisa o pu-«blico, porque os delicados proprietarios a faci-«litam a toda a sorte de pessoas. Comtudo a cu-«riosidade e o gosto são ao presente tão escaços «entre nós, que bem pouca gente vai ali de or-«dinario recrear-se. Por certo não acontecêra o «mesmo se fosse propriedade de estrangeiros, dos «quaes nunca deixa de ver-se algum gozando de «tão agradavel passeio !!!... O terreno é bastante «irregular, formando muitos e variados tabo-«leiros, divididos por largas e vistosas ruas, «guarnecidas de buxo, cuidadosamente aparado, «entre regulares fileiras de bem plantadas e «frondosas arvores de sombra, indigenas do paiz, «ou levadas dos circunvisinhos, umas por outras, «quasi sempre cobertas de suas naturaes, e odo-«riferas flores. Os taboleiros lateraes são occupa-«dos por pequenos pomares, ou bosques de ar-«voredo fructifero, cujas variadas producções «atraem mais e mais a curiosidade do observa-«dor, pela differença de suas configurações, e vi-«veza das cores.

«Além d'estes formosos inamoviveis adornos, «notam-se nas principaes ruas d'este pequeno «paraiso extensas fileiras de vasos de porcella- «na do paiz, contendo exquisitas plantas, e lin- «das flores de jardinagem, de mistura com muitos «em que se criam e permanecem bellissimas «laranjeiras de até tres palmos de altura, carre- «gadas de seus doirados succulentos pomos entre «aprazivel verde-escura folhagem:

«Aqui disputam Flora com Pomona
«seu divinal poder, e galhardia!...
«aqui Zefiro alegre,
«nutrido dos aromas mais mimosos,
«convida os pensadores
«ao brilho contemplar, e alta belleza
«dos mimos que produz a natureza.

«Não contém a quinta jardim algum, propria- «mente dito; e só ha na parte mais baixa d'ella «uma boa porção do terreno ajardinado, aonde «se cultivam e produzem optimas hortaliças para «regalo de seus dignos proprietarios, e dos mui- «tos amigos a quem com ellas mimoseam.

«A situação, elevada como já se notou, é em «si mesma encantadora pelas bellas e variadas «vistas que offerece. Descobrem-se de bastantes «pontos d'ella os bonitos campos chamados de «Mohá, até aos que servem de base ao alto, e «destacado monte da Guia, o qual está conti- «nuamente recordando aos innumeros navegan- «tes, que de largas distancias o avistam, nossas

«antigas glorias, devidamente simbolisadas, quaes «as simbolisa

«O bicolôr pendão das lusas Quinas
«que tremulando ovante,
«em alta e magestosa fortaleza,
«do nome da montanha e sua c'roa
«attesta, com seu brilho permanente
«os feitos immortaes da lusa gente.

«Descobre-se mais quasi toda a ráda, ou por- «to maritimo da cidade, com algumas das escal- «vadas ilhas que o circundam e abrigam. Des- «cobrem-se os pagodes — Novo — e — de Mohá — «vistosos templos da chineza idolatria. Vê-se «muito de perto toda a povoação chim, deno- «minada — Patãne; — e da mesma sorte o bairro «portuguez, que se diz — do Terrafeiro. — Avis- «ta-se todo o rio de Macau até á fortaleza da «barra, com infinitos navios de todas as nações, «e barcos chinezes de extravagantes construcções, «e pintura, que ali continuamente surgem. Ob- «serva-se em pouca distancia a pequena 'insula «chamada — Ilha verde — no indicado rio, a qual, «sendo ainda no seculo passado um simples ro- «chedo, com pouca terra, tem sido em alguns «annos convertida, pelos respeitaveis Padres Di- «rectores do Collegio de S. José das Missões da «China, a quem agora pertence, em um dos mais «frequentados passeios maritimos e aprazivels «logares de recreio para as familias da cidade

«Avistam-se mais ao longe, na maior ilha, que «forma a opposta margem do rio, as povoações «chinezas a que dão os nomes de — Paq-san — e— «Fac-san — com outras menores, e os terrenos, «que as circundam. Avistam-se finalmente varias «montanhas e montes destacados, assim na mes- «ma ilha em que a cidade existe, como nas ou- «tras circunvisinhas. Tudo isto apresenta ao «observador curioso as mais gratas e pinturescas «perspectivas.

«Todos os terrenos incultos que se avistam, «comprehendidos os contiguos, pertencentes á ci- «dade, estão desordenadamente semeados de se- «pulturas ou tumulos chinezes, cujas variadas «formas, já pela elegancia d'uns, já pela esquisi- «tisse d'outros (são geralmente de alvenaria) dão «materia bastante para melancolicas meditações, «a quem da placida situação, que descrevemos, «em todas as direcções os contempla.

«Ali, tristes jazigos pavorosos
«d'innumeros mortaes, já não lembrados,
«em silencio pregoam
«o quanto é transitoria a vida humana,
«e mais nos certificam
«que só não desce todo á sepultura
«quem durador se acclama
«por feitos immortaes, na voz da fama.

«Talvez com idéas semelhantes, e póde ser que «em presença dos mesmos objectos, escrevesse o «sublime epico no fim do 7.º canto do seu famo- «so poema, tratando — *dos que por obras valorosas*

«*se iam da lei da morte libertando*,—os seguintes «recommendaveis versos:

—«D'aquelles sós direi, que aventuraram
«por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
«onde perdendo-a, em fama a dilataram,
«tão bem de suas obras merecida.»—

«Quasi no centro, e em um dos pontos mais ele-«vados da deliciosa situação que acabâmos de des-«crever, se via um rochedo natural de pouco mais «de quatro varas de altura, contendo na base uma «abertura em forma d'arco irregular, de sete a «oito pés de elevação interior, com pouco menor «cumprimento e largura, aberto por ambos os la-«dos, como para deixar gozar, a quem ali se re-«colhesse, das encantadoras perspectivas que ha-«vemos esboçado. Foi pois esta abertura, ou mais «propriamente *gruta*, o logar que o sapiente e «celebre poeta elegeu para se occupar solitario «em suas transcendentes meditações. Foi neste «ameno e contemplativo retiro, e todo entregue «ao divinal desenvolvimento de suas vastissimas «idéas, no remanço do socego, e quasi religiosa «absorpção que demandam as sabias filhas de Jo-«ve, e da Memoria, para accender e activar seu «sagrado fogo na mente dos illustres vates seus «favorecidos, que este compoz algumas de suas «sublimes producções. Foi ali que elle reuniu e «preparou parte dos diamantinos materiaes para «esse eterno padrão das glorias portuguezas—*Os* «*Lusiadas*—com o qual transmittiu á mais remota «posteridade, e fez em todo o mundo respeitados

«os altos feitos de seus illustres conterraneos, não «menos que as permanentes excellencias da terra «que o produzíra. Foi finalmente ali, que elle— «*cantando o peito illustre lusitano*—associou seu «esclarecido nome e fama, á fama e nome, sem- «pre respeitado

«Do grende Capitão Vasco da Gama,

«e não menos aos de

«— Um Pacheco fortissimo, e os temidos
«Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
«Albuquerque terrivel, Castro forte,
«e outros em quem poder não teve a morte.»—

«Uma das maiores provas de respeitosa consi- «deração que deveriam tributar-se á esclarecida «memoria do inclito poeta, seria sem duvida a «conservação da gruta sua predilecta, no mesmo «estado em que existia quando elle a frequenta- «va. Não foi isto porém o que aconteceu, porque «o antigo proprietario do logar, por falta de gosto «seu, ou quiçá por mal aconselhado, a mandou «aperfeiçoar por canteiros, desbastando as salien- «cias interiores da rocha, e rebocando de alvena- «ria suas naturaes cavidades. E por esta guisa a «converteu em uma pequena, e quasi regular «abobada, decorada ha pouco tempo com um «marmoreo busto do heroe, honrador das musas «portuguezas.

«O mesmo aconteceu ao corpo do rochedo, o «qual foi quasi todo revestido de alvenaria, eri- «gindo-se-lhe na parte superior, correspondente

«á gruta, uma especie de caramachão, ou pavi-«lhão chinez, tambem de alvenaria, e de aca-«nhado gosto. Suas paredes estão cheias de ver-«sos escritos em lapis, por diversos nacionaes, e «estrangeiros, visitadores, mas não consta que se «haja feito d'elles alguma collecção, que não dei-«xaria de ser curiosa por sua variedade. Os mes-«mos visitadores, em geral, escrevem ali seus no-«mes, e a data em que examinaram aquelle qua-«si sagrado logar, para o qual, a maior parte dos «nacionaes, olham como se fosse um objecto in-«differente; o que não deve causar espanto, pois «parece que o poeta assim o antevia, quando a «respeito d'elles disse na est. 97 cant. 5 de sua «preciosa epopeia:

—«Sem vergonha o não digo, que a razão
«de algum não ser por versos excellente,
«é não se ver presado o verso, e rima;
«pois quem não sabe a arte não a estima.»—

«Fazendo porém justiça ao actual possuidor, a «quem tributâmos bem correspondida amizade, «devemos dizer que elle, com quanto fosse ainda «joven, não se ha poupado a despezas e cuida-«do, para melhorar e ennobrecer cada vez mais «aquelle recommendavel predio, e que o mau «gosto que ali se nota em alguns objectos, não «póde por forma alguma ser-lhe attribuido.

«Ponta Delgada 13 de dezembro de 1849.»

FREDERICO LEÃO CABREIRA.

Oiçamos ainda sobre o mesmo assumpto o nosso amigo sr. Carlos José Caldeira, que igualmente conheceu o sitio, e o frequentou muito mais modernamente. (1)

«A gruta está incluida na quinta ou horta, co-
«mo lhe chamam em Macau, da bella residencia
«do cidadão Lourenço Marques, morador d'aquella
«cidade. Esta quinta, ou antes vasto jardim, teria
«apreço mesmo nas primeiras capitaes da Euro-
«pa, pelos caprichos e naturaes bellezas que en-
«cerra, e pela pericia com que a arte as realça.
«Contém um monticulo, que para a parte do rio
«ou porto interior de Macau é quasi cortado a
«pique, sobranceiro á povoação chineza de Pata-
«ne, e para o outro lado é envolto por semi-cir-
«culos de enormes penedos. Da terra vegetal, em
«que assentam, brota infinidade de arvores de
«variadas especies, sempre virentes, formando
«lindo e copado bosque; destacando entre ellas,
«por sua corpulencia e magestade, as que cha-
«mam de pagode, a que na India denominam
«*banian-tree*, e *balete* nas ilhas Filippinas. Esta ar-
«vore adquire proporções gigantescas, e com suas
«raizes enlaça e cobre os rochedos proximos, ves-
«tindo-os como de uma tunica de fibras. Dos seus ra-
«mos flexiveis nascem delgadas raizes, que se debru-
«çam ou pendem perpendicularmente, como at-
«traidas para o solo, onde, apenas tocam, se ar-

(1) Arch. Pitt. vol. 1 pag. 18 e seg.

«reigam, e formam novos troncos ou columnatas «ligadas á arvore principal.

«Enormes massas de rochedos impendentes em «posições caprichosas parece que só conservam o «equilibrio pelos liames que sobre elles estende «a formosa arvore de pagode, ameaçando perpe«tuamente com a sua quéda ao passeante que di«vaga pelos estreitos e pittorescos caminhos, que «artisticamente cruzam este accidentado terreno.

«No cumulo d'este monticulo, um dos pontos «mais elevados da cidade, ha uma pequena pla«nura, e nella a célebre gruta de Camões, for«mada por tres grandes penhascos. Parece que «mão de gigante ali adrede os collocára para «abrigar aquelle outro gigante da intelligencia e «da poesia.

«Dois dos rochedos formam como duas pare«des parallelas, que distam entre si 135 centi«metros, no prolongamento de 322, e com a al«tura de 450. O terceiro assenta horisontalmente «sobre aquelles em fórma de tecto, que á ma«neira d'um alpendre fica saliente para a parte «oriental da gruta.

«O actual proprietario, o mencionado cavalhei«ro Lourenço Marques, animado de não vulgar «patriotismo, tem continuado a obra dos seus «antecessores, esmerando-se em aformosear este «sitio, já de si tão bello, no que tem feito consi«deraveis despezas, reparando constantemente os «frequentes estragos occasionados pelos tufões. «Pena é, a meu ver, que intentasse tambem em«bellezar a gruta de Camões com os dois porti-

«cos de alvenaria que ornam as duas entradas «correspondentes, fechadas por cancellas baixas «de madeira; mas como para estas innovações de «mau gosto não foram quebrados os rochedos, é «facil fazel-as desapparecer, e restituir á gruta a «sua rudeza e simplicidade primitivas.

«No centro da gruta ha um pedestal quadri- «longo de 56 por 111 centimetros de base, e de «153 de alto, e nas faces correspondentes ás duas «aberturas estão gravadas na pedra seis oitavas «dos *Lusiadas*. Sobre o pedestal está o busto de «Camões, moldado em greda, e bronzeado por ar- «tistas chinezes, lendo-se na base:

Nasceu	Luiz	Morreu
1524	de Camões	1579

«Na architrave do portico principal estão esculpi- «das lettras chins que significam — *O sabio por ex- «cellencia*. — Do mesmo modo nas pilastras, de alto «a baixo, se vêem caracteres tambem chins, oito «em cada uma, principiando a ler-se pelo lado di- «reito do espectador, e verticalmente, segundo o «systema da escrita dos chins:

«— *Ki* (Seus) admiraveis ou sublimes — *Xé* ver- «sos—*ta* grandemente—*him* floreceram; (e agora) *li* «— levantou-se-lhe—*pei* (este) monumento—*choan* «(para) passal-o ás—*xé* gerações. — *Tsai*, (Em) ta- «lento (e) — *tôo* virtudes—*Chao* excedeu (o poeta) «aos—*jen*, (mais) homens; (mas) — *in* por — *tu* «inveja — *pi* foi—*nan* perseguido ou sofreu traba- «lhos.

« A traducção é perfeitamente litteral, e feita re-«centemente pelo insigne interprete Martinho Mar-«ques, morador e natural de Macau. As palavras «impressas em grifo são os sons das respectivas «lettras chinezas, lidas segundo a pronúncia do «dialecto mandarim. As palavras entre parenthe-«sis accrescentam-se para tornar o sentido com-«pleto acommodando a frase á indole das linguas «europeas. Eil-a seguidamente: *Em talento e vir-«tudes excedeu o poeta aos demais homens, mas por «inveja foi perseguido. Seus admiraveis versos gran-«demente floreceram, e agora levantou-se-lhe este mo-«numento para passal-o ás gerações.*

«É muito para notar que só passados quasi tres «seculos depois da morte de Camões, é que se «dedicasse este primeiro e humilde monumento «á sua memoria, lá na Asia extrema, nos ultimos «confins da monarchia, e com essa inscripção «chineza, de quasi ninguem comprehendida, mes-«mo entre os portuguezes de Macau; podendo di-«zer-se que simbolisa o ingrato esquecimento dos «que fallavam a mesma linguagem, eternisada «na terra pelo sublime poeta. Louvores mil ao «benemerito cidadão Lourenço Marques, que pri-«meiro, entre tantas gerações d'ingratos, remiu «para si esta feia culpa nacional.

«Sobre a grande massa de granito, que fórma o «tecto da gruta, ha o mirante que representa a «estampa, que remata lindamente o bosque pi-«ramidal, e d'onde se desfructa deliciosa vista. Re-«leve-se-me que reproduza aqui o que já escrevi «noutra parte, tratando d'este mesmo assum-

«pto, para dar idéa das impressões que o sitio pro-
«duz:

«D'ali nas suaves horas da madrugada d'um «bello dia, ou nos poeticos e saudosos instantes «do occaso do sol, uma alma sensivel e melan-«colica póde gozar doces extasis; ora olhando os «sacros rochedos que deram abrigo ao grão poe-«ta, e os antigos troncos que lhe ministraram «sombra; ora vendo as limpidas aguas e as ilhas «verdejantes, os montes fronteiros e as varzeas «graciosas, por onde triste dilatava os seus olhos; «e por fim contemplando o formoso ceo que lhe «inspirava os carmes!

«No murmurio das ondas, e no sussurrar do bos-«que; no gemer da brisa, e no canto da ave; os «ouvidos d'alma parecem escutar o nome do can-«tor immortal! Na solidão da natureza, e no re-«colhimento do espirito, tudo ali de Camões diz «a saudade!

«A natureza e a poesia parece terem feito d'este «logar o templo do grande genio, onde é forçoso «que lhe tribute poetica adoração todo aquelle que «se preza de ter nascido na terra que elle tanto «amou!

«Quão maviosas, quão tocantes soam ali aquel-«las palavras que um insigne poeta moderno poz «na boca de Camões!

«Oh gruta de Macau, soidão querida
«onde tão doces horas de tristeza,
«de saudade passei! gruta benigna

«que escutaste meus languidos suspiros,
«que ouviste minhas queixas namoradas,
«oh fresquidão amena, oh grato asilo
«onde me ia acoitar de acerbas magoas,
«onde amor, onde a patria me inspiraram
«os maviosos sons e os sons terriveis
«que hão-de affrontar os tempos e a injustiça,
«tu guardarás no seio os meus queixumes,
«tu cantarás as porvindoiras eras,
«os segredos d'amor que me escutaste,
«e tu dirás a ingratos portuguezes
«se portuguez eu fui, se amei a patria,
«se além d'ella e d'amor, por outro objecto
«meu coração bateu, lutou meu braço,
«ou modulou meu verso eternos carmes.

«Contiguo á gruta para o lado oriente estão es-
«culpidos numa pedra, e em lettras doiradas, os
«versos seguintes:

«Patané lieu charmant et si cher au poète
«je n'oublierai jamais ton illustre retraite;
«ici Camoens, au bruit du flot retentissant,
«mêla l'accord plaintif de son luth gémissant.
«Au flambeau d'Apollon allumant son Génie
«il chanta les Heros de la Lusitanie:
«du Tage à l'urne d'or, loin des bords paternels
«de Bellone il cueillit les lauriers immortels:
«malheureux exilé, cet émule d'Homère
«acheta son Génie au prix de sa misère.
«Il posséda, du moins pour charmer ses douleurs,
«les baisers de l'amour et les chants des neuf sœurs.
«Lusus et les chinois honorent sa mémoire:

«le temp qui détruit tout agrandira sa gloire.
«Moi qui chéris ses vers, qui pleurai ses malheurs,
«j'aimais à saluer ces bois inspirateurs.
«Je visitais cent fois cet humble et noble asile;
«dans ta Grotte, ó Louis, mon cœur fut plus tranquille.
«Agité plus que toi, je fuyais dans le champs,
«et le monde et mon cœur, l'envie et les tyrans.»

«Au grand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane
«soldad religieux, voyageur et poète exilé;
«l'humble Louis de Riensi, français d'origine romane,
«voyageur religieux, soldat et poète expatrié.»
30 Mars 1827.

«O logar em que foi construido o mirante, se-
«ria muito melhor aproveitado para collocar a es-
«tatua de Camões, á qual serviria como de ma-
«gestoso pedestal o monticulo que já descrevemos,
«em cujo vertice está a gruta, e que parece a
«natureza se esmerou em preparar para esta de-
«vida homenagem ao grão cantor das nossas glo-
«rias. Hoje, que são prósperas as circunstancias
«de Macau, bem se poderia isto realizar por meio
«d'uma subscripção, appellando para o patriotis-
«mo e bizarria dos seus moradores, ou aliás pelo
«excedente de dinheiro que ha agora nos cofres
«publicos d'aquella possessão.

«A gruta de Camões tem inspirado varias poe-
«sias aos viajantes que a visitam. Algumas d'ellas
«publicaremos ainda.»

O nosso amigo sr. Manoel Maria Bordallo Pi-

nheiro, correspondeu primoroso ao convite que o proprietario da gruta lhe dirigiu, para que lh'a condecorasse com um busto de Camões, fundido em bronze. Esse retrato, maior que o natural, e de que possuimos, por favor do illustre artista, um exemplar em gesso, tem grangeado geralmente os gabos dos entendidos.

É um accrescimo de interesse que ha-de ficar d'ora ávante recommendando a gruta de Macau.

Ao mesmo sr. Bordallo se devia já a escultura de um interessante grupo — Camões e o Jáo.

Terminaremos a nota suscitando novamente a curiosidade das Camaras Municipaes, dos senhorios, dos descendentes de portuguezes benemeritos, etc., etc., para que se preservem do esquecimento, mediante uma pobre chapa de metal gravada, os edificios em que nasceram, viveram, ou se finaram, varões ou damas memoraveis.

Ninguem diga que não urge esta homenagem tão facil, este incentivo tão energico. Cada dia desapparece um informador ou uma testemunha, e talvez a ultima, que ainda nos poderia informar para reconhecermos um d'esses logares memoraveis.

Se toda essa gente porém continuar a ser surda ou indifferente, o que não admiraria muito, acuda a pagar a divida de todos a já mui benemerita sociedade typografico-artistica, editora do *Archivo Pittoresco*. Os srs. Castros coadjuvados pelos seus zelosissimos investigadores de antiguidades: Vilhena Barbosa e Silva Tullio, e pela sua tão auspiciosa e tão activa escola de gravura, podem

perpetuar ao menos no seu jornal estas memorias, tão apagadiças de si, quanto formosas. D'esta vez sequer fica-nos certeza de não havermos prégado no deserto.

DESPEDIDA

(No fim da primeira edição)

Acaba este volume de se escrever e imprimir, hoje 22 de fevereiro de 1850. Não leva muitas outras notas, porventura de algum interesse pratico, por uma razão triste, que não será difficil de adivinhar, relendo-se o que o pobre Camões diz a pagina 151, linha 38 e 39 (Tom. 1 pag. 198 —lin. 1, 2, 3 da presente edição.)

Este volume e o da *Felicidade pela Agricultura*, que tambem finalisa hoje, são os ultimos arrancos da typographia da *Rua das Artes em San-Miguel:* ámanhã estará muda, deserta, e trancada. Sempre cuidei que me ajudaria, a mim a viver para as lettras; e a ellas a desenvolverem-se um pouco mais nesta paragem, onde de certo não faltam bons engenhos...

Foi mais um castello de esperanças, que o vento dissipou. Vamos ver se noutra parte os sonharei que durem mais. Ares portuguezes, já se vê

que me não querem! pois queria-lhes eu bastante! Algum dia se dirá por mim: «Amar a patria, como aquelle!» Por talento, podia haver muitos mais dignos de celebrar os infortunios de Camões; por experiencia, ninguem. O quinto acto, especialmente, me saiu todo cá de dentro; e contém muito mais historia, do que poderá parecer aos afortunados. Praza a Deus que não contenha tambem profecias!

Ha vinte e sete dias cerrei meio seculo de existencia. Nessa pedra miliaria da vida, em que os mais dos homens se assentam para festejos e brindes, e até cãs se coroam de verde, curti eu horas bem solitarias e melancolicas, olhando para o horisonte do nascente, e para o do occaso. — «Que mal fiz eu a esta patria, para duas vezes a «perder?—dizia eu entre mim—para desherdar «d'ella aos innocentes do meu sangue que eu tan- «to me gloriava de chamar portuguezes?! dei-lhe «pouco; mas dei-lhe tudo, a ella: cantei com des- «vanecimento as suas glorias; defendi-lhe a sua «lingua; pugnei, com sacrificios, para a sua ci- «vilisação e lustre; não deneguei nunca os meus «livros, os meus conselhos, as minhas horas, o «meu affecto cordial e os meus applausos sem in- «veja, a quantos mancebos nella tratavam let- «tras; puz peito a que o estudo primario se faci- «litasse; e de joelhos agradeço á Providencia, por- «que juro que o consegui; uma só recompensa «ambicionava; e era dormir o meu somno ulti- «mo em terra portugueza; e isso que tantos lo- «gram sem trabalho, a despeito de todos os es-

«forços não o logrei.» -- O farto pão que um Soberano absoluto, o Senhor D. João VI, me liberalisára para toda a vida, como premio e animação aos meus esforços litterarios, mudanças politicas m'o levaram. O meio pão que a munificencia nacional, com igual intuito, depois me decretou, reduziram-m'o a quasi nada, arrebanhando-me no que se chamou *Classe inactiva! Inactivo!...* só porque os trabalhos que eu fazia, os fazia espontaneamente, e não encarregado, nem obrigado por um governo! Oh! meu bom Camões bem dizias tu:

Que exemplos a futuros escriptores!

Apressemo-nos a pôr no livro a palavra:

FIM

DESPEDIDA

D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

O que ha doze annos me arrancava de dentro em hora cerrada de melancolias estas queixas magoadas, desfizeram-no em parte mudanças imprevistas da fortuna. Adormeço e acordo na terra do nascimento, sem já me arrecear de a perder. Nella me gozo (posso dizer que sem excepção) dos bons affectos de todos os nossos engenhos mais illustres. Componho d'elles uma segunda familia (e quão numerosa!). Tenho os filhos criados, e em caminho para o futuro; vejo a litteratura nacional medrada, fructuosa, florída, verde, e a desabrolhar a todas as horas, como nunca. Espairece-se a alma; está-se bem.

Assim tivessem já chegado á sua estação de produzir, os tantos alvitres patrioticos e facilimos, com tanta fé semeados ao longo d'essas notas.

Pode ser que doze annos mais nos hajam trazido melhores dias.

Lisboa,—no meu Tibur da Rua Nova de S. Francisco de Paula—21 de abril de 1863.

FIM

INDICE D'ESTA OBRA

VOLUME I

A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II..... V
A quem ler (da primeira edição)..... IX
Advertencia d'esta edição..... XII
Interlocutores..... 1
Aos espectadores—prologo..... 7
Camões—drama..... 13
Noticia complementar..... 227

VOLUME II

Ortografia..... 7
Pontuação..... 24
Linguagem..... 36
Tratamentos..... 43
Verdade..... 60
Originalidade..... 65
Gravura..... 79

O senhor D. Pedro II..... 95
Prologo..... 103
Honras posthumas..... 117
Policia..... 198
Latim..... 199
Foros de poetas..... 211
Auto das boas estreias..... 214
Talentos femininos..... 220
Fecundações intellectuaes..... 236

VOLUME III

Castilhos..... 7
Ilhargas de reis..... 143
Aforismos para reinantes..... 158
Os ultimos momentos de Camões..... 159
Morada de Camões em Lisboa..... 194
Logares memoraveis..... 196
Despedida da primeira edição..... 219
Despedida d'esta segunda edição..... 223

BINDING SE... APR 18 19..

PQ 9261 C34C3 1863 t.3

Castilho, Antonio Feliciano de
Camões

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 08 012 3